



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

DUILIO DA SILVA OLIVEIRA

RAPAZ-DO-CAVALO-BRANCO: O mito milenarista/messiânico no contexto *d'A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna

JOÃO PESSOA – PB

2019

DUILIO DA SILVA OLIVEIRA

RAPAZ-DO-CAVALO-BRANCO: O mito milenarista/messiânico no contexto *d'A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Ciências das Religiões-PPGCR da Universidade Federal da Paraíba-UEPB, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a Dr^a Suelma de Souza Moraes

JOÃO PESSOA - PB

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

O48r Oliveira, Duílio da Silva.
RAPAZ-DO-CAVALO-BRANCO: O mito milenarista/messiânico
no contexto dA Pedra do Reino, de Arian Suassuna /
Duílio da Silva Oliveira. - João Pessoa, 2019.
102 f. : il.

Orientação: Suelma Moraes.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/Educação.

1. Milenarismo-Messianismo-Sebastianismo-Rapaz. I.
Moraes, Suelma. II. Título.

UFPB/BC

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

*RAPAZ-DO-CAVALO-BRANCO: o mito milenarista/messiânico no contexto d'A Pedra do Reino,
de Ariano Suassuna.*

Duilio da Silva Oliveira

Dissertação apresentada à banca examinadora formada pelos seguintes especialistas.


Suelma de Souza Moraes
(orientadora/PPGCR/URFPB)


Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti
(membro-externo/URFPB)


Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne
(membro-externo/URFPB)

Aprovada em 24 de setembro de 2019.

Dedico este trabalho a Jesus e Maria. Aqueles que me sustentaram neste percurso desafiador.

AGRADECIMENTOS

- A minha família: Maria Lúcia e José (pais), Nyelle e Maria Vitória (irmãs) que, de uma forma ou de outra, ajudaram-me a vencer os constantes desafios que, muitas vezes me faziam desanimar. Dentre eles estavam à dupla jornada, trabalho e estudo, as idas à capital – João Pessoa – a paciência no período de escrita da dissertação, evitando barulho durante os meses de pesquisa, enfim, pelo carinho, cuidado e disposição para com minha pessoa.
- Aos meus professores e amigos desde a Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, na graduação de Letras e Especialização em Literatura e Ensino, reconhecendo a importância de construir todo esse caminho para me tornar essa pessoa que ainda está em processo de aprendizado;
- Aos meus professores que compõem o Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Ciências das Religiões, englobando também os professores visitantes e convidados, pelo conhecimento compartilhado;
- A minha orientadora Prof^a Dr^a Suelma de Souza Moraes que me ajudou a gerar essa pesquisa tão significativa. Sua participação nas orientações, nas conversas nos momentos de aflição, as aulas sobre hermenêutica, viagens – aulas de campo – saraus fizeram com que me encantasse ainda mais por essa pesquisa dentro da obra de um autor que sempre admirei: Ariano Suassuna.
- Aos amigos de longa data, colegas de trabalho e ilustres pessoas que me ajudaram direta e indiretamente para a conclusão desta etapa tão significativa em minha vida. Entre eles estão Everaldo Ribeiro, Aparecida Vicente, Mailson Florentino, Franciele Santana, Ana Emília, Ademir Correia, Valdecir e Elissandra Brito (amigos/pessoas ilustres), Ana Lúcia, Suely Tavares, Carlos, Elizabete Monteiro e Kleberson Farias (colegas de trabalho).

**D. SEBASTIÃO
REI DE PORTUGAL**

Louco, sim, louco, porque quis grandeza
Qual a Sorte a não dá.
Não coube em mim minha certeza;
Por isso onde o areal está
Ficou meu ser que houve, não o que há.

Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nela ia.
Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadáver adiado que procria?

Fernando Pessoa

“A onça, por ser esperta
Já começa o seu Caminho,
Fez da sua Furna o ninho
E esturra que está alerta!
Será a Cadeia aberta!
Quanto ao Porco, é muito certo:
fugirá para o Deserto,
e a Onça, com seu bramido,
libertará O Ferido,
o nosso Prinspe-Encoberto!

A onça vai esturrando
atrás do Porco-selvagem:
mata-lo-á na passagem,
com o Prinspe ajudando!
O rei vai ressuscitando
no Prinspe, sua Criança.
E a Espora da remonstrança,
Pedra do Reino e da Prata,
no sangue desta Escarlata,
no sertão desta Vingança!”

(SUASSUNA, 2014, p. 695)

RESUMO

Esta dissertação tem como finalidade apresentar um estudo sobre o milenarismo/messianismo a partir do personagem Rapaz-do-Cavalo-Branco, Sinésio, presente no *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-volta*, de Ariano Suassuna. Para isso, iniciamos com uma breve análise textual a partir da hermenêutica de Paul Ricoeur, adentrando no gênero ao qual a obra se apresenta até chegarmos ao mito milenarista/messiânico. A partir dessas correntes escatológicas, verificamos o papel de Sinésio no contexto ao qual o mesmo se encontra, visto como uma luz esperançosa diante dos crimes e agitações, um novo Dom Sebastião, que chega/volta a Taperoá após alguns anos da trágica degola de seu pai: Dom Pedro Sebastião Garcia-Barreto. Desse modo, o Donzel do cavalo branco torna-se um messias sebástico para parte daquela população, universalizando os fatos ocorridos no sertão dos cariris velhos. A última etapa do trabalho é perceber se a concretização da profecia messiânica de um tempo renovado, paraíso terrestre, acontece de fato. Assim, citaremos outros representantes da mística cristã que, assim como Sinésio, são seres heroicos – cavaleiros – que tinham o objetivo de transformar o mundo em uma nova face completamente voltada para os ideais da cristandade.

PALAVRAS-CHAVE: Milenarismo – Messianismo - Sebastianismo – Rapaz-do-Cavalo-Branco

ABSTRACT

This dissertation aims to present a study on millenarianism/messianism from the character White Horse-Boy, Sinésio, present in the *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-volta* of Ariano Suassuna. For this, we start with a brief textual analysis from Paul Ricoeur's hermeneutics, entering the genre to which the work presents itself until we reach the millenarian/messianic myth. From these eschatological currents, we see the role of Sinésio in the context to which he finds himself, seen as a hopeful light in the face of crimes and agitations, a new Dom Sebastião, who arrives/returns to Taperoá after some years of the tragic sticking of his father: Dom Pedro Sebastião Garcia-Barreto. In this way, the white horse Donzel becomes a sebastic messiah for part of that population, universalizing the facts that occurred in the backwoods of the old cariris. The last stage of the work is to see if the realization of the messianic prophecy of a renewed time, earthly paradise, actually happens. Thus we will cite other representatives of Christian mystique who, like Sinésio, are heroic beings - knights - who had the goal of transforming the world into a new face completely geared to the ideals of Christendom.

KEYWORDS : Millenarianism - Messianism - Sebastianism - White Horse Boy

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 01:** Círculo Hermenêutico: mimeses de Paul Ricoeur <https://www.researchgate.net/figure/Figura-As-Mimeses-de-Paul-Ricoeur_fig1_268286263>23
- Figura 02:** Capa de uma edição, de 1814, portuguesa do romance <https://www.google.com/search?q=A+história+de+Carlos+Magno+e+os+doze+pares+de+França+Lisboa&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiPqpzqlLXkAhVRlBkGHUrmCngQ_AUIESgB&biw=1366&bih=657#imgsrc=2rO7gtrWnEkMrM:>>41
- Figura 03:** Nascido em 20 de janeiro de 1554, D. Sebastião começou a governar aos catorze anos de idade, em 1568 <Jacqueline Hermann, No reino do desejado, 1998, p. 79>54
- Figura 04:** Representação do cerco sofrido por d. Sebastião diante das tropas mouras, em Alcácer Quibir. Procura ilustrar a inexperiência e precipitação de d. Sebastião na liderança do exército português, causas da humilhante derrota < Jacqueline Hermann, No reino do desejado, 1998, p. 119>55
- Figura 05:** Pedra Bonita: complexos de rochas localizado em São José de Belmonte, PE, palco de movimento popular sebastianista <Marcio Honório de Godoy, Dom Sebastião no Brasil, 2005, p. 179>59
- Figura 06:** Capa de "Memórias sobre a Pedra Bonita ou Reino Encantado na comarca de Villa Bella Província de Pernambuco", de Antônio Ático de Sousa Leite, publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco, em 1904 <<http://estoriasehistoria-heitor.blogspot.com/2015/03/o-reino-sangrento-da-pedra-bonita.html>>63
- Figura 07:** Gravura da Pedra do Reino representando o Terceiro Império (o mais sangrento de todos) relatado por Quaderna no Romance d'A Pedra do Reino. Na frente da Pedra temos os restos mortais dos sacrifícios ordenado pelo rei Dom João Ferreira-Quaderna, O Execrável. Vê-se, à direita, com cetro e manto, o rei, bisavô de Quaderna, à esquerda, a princesa Isabel,

sendo degolada <Ariano Suassuna, Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-volta, 2014, p. 70>66

Figura 08: Iluminura medieval dos Templários, dando ênfase às vestimentas de cor branca e as armas, em uma frente de batalha denominada de Cruzada. O símbolo cristão da cruz em destaque nas roupas e escudo (escudo branco com a cruz vermelha)<[https://ensinarhistoriajoelza.com.br/os-templarios-poderosos-e-temidos-monges guerreiros/](https://ensinarhistoriajoelza.com.br/os-templarios-poderosos-e-temidos-monges-guerreiros/)>.....70

Figura 09: A promessa do Quinto Império, mundo renovado e governado pelo monarca divino <<https://quadrogiz.blogspot.com/2012/07/o-quinto-imperio-de-fernando-pessoa.html>>75

Figura 10: Bandeira da onça exposta na cavalgada do Donzel do cavalo branco < Ariano Suassuna, Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-volta, 2014, p. 362>76

Figura 11: Ilustre jesuíta Antônio Vieira, transmitia a mensagem da vinda de um líder que viria inaugurar o Quinto Império < Jacqueline Hermann, No reino do desejado, 1998, p. 225>79

Figura 12: Casa da Pólvora, localizada na capital da Paraíba, suposto local onde foi encontrado o corpo de Sinésio < <http://patrimonioparaiba.blogspot.com/2013/07/casa-da-polvora.html>>81

Figura 13: Bandeira do divino Espírito Santo do sertão, que o Frade Simão conduzia < Ariano Suassuna, Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-volta, 2014, p. 49>84

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Levantamento na base de dados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) – Descritor messianismo/sebastianismo15

Quadro 02: Levantamento na base de dados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) – Descritor Pedra do Reino16

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 ESTRUTURA NARRATIVA DO ROMANCE D'A PEDRA DO REINO: UM OLHAR HERMENÊUTICO	27
2.1 Diálogos sobre ficção narrativa e romance histórico	30
2.2 O Romance Popular	36
2.3 Citação popular na constituição d'A Pedra do Reino	40
3 O MILENARISMO/MESSIANISMO E O MITO DE DOM SEBASTIÃO	47
3.1 Origem do milenarismo/messianismo	49
3.2 O mito do eterno retorno do rei Dom Sebastião	51
3.2.1 Pedra Bonita, sebastianismo no Nordeste	57
3.3 A lenda sebastianista n'A Pedra do Reino	61
4 A CHEGADA DO MESSIAS NA VILA DE TAPEROÁ: O RAPAZ-DO-CAVALO-BRANCO E A CAVALGADA MISTERIOSA	68
4.1 Da cavalgada arturiana à cavalgada de Taperoá: Galaaz e o Rapaz-do-Cavalo-Branco....	69
4.2 O Quinto Império sertanejo: identidade do Donzel do cavalo branco, o mensageiro da esperança	74
4.3 O retorno de Sinésio e as promessas em torno do mito	78
4.4 A eterna espera do desencanto: luta dos partidários	82
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	90
ANEXOS	96

INTRODUÇÃO

O tema desenvolvido nesta dissertação de Mestrado, na área de Ciências das Religiões, refere-se à investigação sobre o milenarismo/messianismo, a partir do mito de Dom Sebastião, como fenômeno político-religioso presente no *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-volta*, de Ariano Suassuna, obra literária oriunda da investigação proposta. O Rapaz-do-Cavalo-Branco, personagem do romance, será um dos elementos que norteará nossa pesquisa, na direção de uma profunda reflexão sobre os fatos que modificaram completamente a vila de Taperoá, na véspera do dia sagrado de Pentecostes.

A problemática é: que messianismo a obra se refere? Como esse fenômeno histórico contribuiu para a formação da ficção literária? Qual o significado e/ou importância do Rapaz-do-Cavalo-Branco na obra de Suassuna? Por que a figura messiânica, de guia político e religioso, comove e fortalece determinado povo com o intuito de superar o caos e, conseqüentemente, trazer de volta o cosmos de antes e/ou uma nova realidade consagrada?

Assim, a importância da pesquisa se faz necessária não só pelo fato de compreender a figura messiânica presente no contexto do romance *d'A Pedra do Reino*, mas também observar como a narrativa histórica se entrelaça com a ficção literária, ou seja, como determinados acontecimentos possibilitaram os principais fatos relevantes para essa pesquisa. Essas ações, acontecimentos, finalidades, as quais constituirão a narrativa, é chamada, por Paul Ricoeur, de intriga.

Quanto à motivação para a escolha do tema, ela surgiu mesmo antes da graduação, pois sempre fomos bastante curiosos com relação às profecias apocalípticas, na volta de um messias, Jesus, corrente presente no livro sagrado dos cristãos, porém, tanto na graduação quanto na pós-graduação *latu sensu*, não desenvolvemos trabalhos nesse intuito, focando nossos estudos na questão de gênero (graduação) e religiões de matriz africana (*lato sensu*). Esse interesse acabou sendo reavivado na pós-graduação (Mestrado), na disciplina História das religiões, quando discutimos a questão do Milenarismo/Messianismo. Desse modo, com o grande incentivo da nossa orientadora Suelma de Moraes em centrar nossa pesquisa em Ariano Suassuna, no seu *Romance d'A Pedra do Reino*, acabamos enveredando nesse contexto, unindo ficção e história na busca de problematizar essa corrente tão significativa para muitos povos.

A figura de Dom Sebastião, rei de Portugal, sua morte para uns, desaparecimento para outros, a chegada desse viés ideológico no Brasil, seu caráter político e religioso, acabou tomando proporções significativas em cada local em que foi presenciado esse fato. A crença

na volta de um messias para estabelecer o cosmos alterado de outrora, acabando com o caos para, assim, proporcionar justiça, acabou popularizando e estabelecendo agrupamentos de resistência em vários locais do nosso país, em especial o Nordeste.

Em relação à natureza, trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfica. O Referencial Teórico é formado por livros, artigos, ensaios, dissertações e imagens. A partir desse arcabouço teórico, temos o diálogo profícuo em relação ao objeto de pesquisa proposto, embasado em textos da área das Ciências das Religiões, da História, Filosofia, Literatura, Sociologia que darão um olhar dinâmico e multidisciplinar ao fenômeno estudado.

Antecede esta introdução, uma lista de ilustrações e quadros com os dados referentes ao uso destes artifícios ao longo dos capítulos, cujo tamanho e largura adotados nas imagens foram ajustados de acordo com o assunto (composição de elementos principais da imagem/foto); e quadros sem formatação de tamanho, pois depende da disposição de conteúdos referentes ao mesmo. Reforçamos o uso das imagens e quadros como estratégias visuais para melhor exposição da pesquisa, fazendo com que o leitor possa visualizar os atores, locais, documentos, objetos e símbolos que retratam o campo de pesquisa aqui exposto para, assim, proporcionar uma melhor compreensão do mito messiânico de Dom Sebastião, advindo das terras portuguesas, e a forte ligação do mesmo com o Rapaz-do-Cavalo-Branco presenciado no romance de Suassuna. Também por meio desses artifícios apresentaremos alguns trabalhos que tiveram como temática o messianismo a fim de nos inteirar dos campos onde essa temática foi abordada.

Com a intenção de conhecer as discussões existentes sobre a narrativa de Suassuna e a abordagem messiânica trazida nos trabalhos acadêmicos de outrora, realizou-se, inicialmente, um levantamento dos estudos existentes acerca do tema. A princípio, a busca foi realizada empregando como descritor as palavras messianismo/sebastianismo, sem mencionar o país no qual o fenômeno veio a se concretizar nem fazendo menção a área de pesquisa. Considerando o número limitado de trabalhos sobre o tema, optou-se por não delimitar período de tempo na busca.

Dos resultados obtidos, verificamos o número limitado de pesquisas que abordaram a temática exposta. Desse modo, observamos a presença de 3 teses e 5 dissertações que abordavam a questão do sebastianismo, porém apenas uma fazia referência a obra literária *A Pedra do Reino*. Os trabalhos identificados foram agrupados no quadro a seguir:

Quadro 1 – Levantamento na base de dados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)

DISSERTAÇÕES		
Autor	Título	Ano/Universidade
CABRAL, Flávio José Gomes.	Paraíso terreal: a rebelião sebastianista na Serra do Rodeador. Pernambuco, 1820.	2002/UFPE
MOURA, Debora Cavalcantes de.	Entre duas pedras: catolé (um estudo acerca das contribuições trazidas pelos textos históricos sobre Pedra Bonita e pelos folhetos de cordel nordestinos na composição da Pedra do Reino, de Ariano Suassuna).	2002/Universidade Estadual de Campinas
SILVA, Gerson Santos e.	Encantados da “Fortaleza” insular: D. Sebastião, natureza em uma história cultural na Amazônia.	2007/UFPA
LISBOA, Edimara.	Eterno regresso: biografia como espaço de memória e reflexão. Portugal sobre-enquadramento por Manoel de Oliveira.	2013/USP
TESES		
GODOY, Marcio Honorio de.	Dom Sebastião no Brasil: das oralidades à mídia.	2007/PUC-SP
LIMA, Luis Filipe Silverio.	O império dos sonhos – narrativas proféticas, sebastianismo e messianismo brigantino.	2005/USP
CARVALHO, Francisco de Assis Moreno de.	Jacob Rosales/Manoel Bocarro Francês: Judaísmo, sebastianismo, medicina e ciência na vida intelectual de um médico judeu português do século XVII.	2011/USP

Ao observar os trabalhos que trouxeram em seu corpo o debate sobre o sebastianismo, o intitulado “Entre duas pedras: catolé (um estudo acerca das contribuições trazidas pelos textos históricos sobre Pedra Bonita e pelos folhetos de cordel nordestinos na composição da Pedra do Reino, de Ariano Suassuna)” foi o único trabalho que teve como fonte principal a obra de Suassuna *A pedra do Reino*. A dissertação teve como objetivo debater sobre os relatos históricos em relação ao movimento messiânico da Pedra Bonita e a literatura de cordel nordestina, como se deu a incorporação do sebastianismo na narrativa e como o folheto de cordel contribuiu no processo de composição da obra.

Nas demais teses e dissertações, temos esse movimento do líder que retorna, o sebastianismo, sendo debatido, porém fora do contexto da obra que iremos analisar nesse trabalho, abordando a lenda de D. Sebastião em outros contextos.

Como nosso intuito é observar o Messianismo dentro do *Romance d'A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna, continuamos a pesquisa na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) utilizando o descritor Pedra do Reino, sem mencionar a área de estudo. Assim, apenas nove trabalhos envolvendo a obra de Suassuna foram encontrados, desses só quatro abordaram a questão do sebastianismo.

Quadro 2 – Levantamento na base de dados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)

DISSERTAÇÕES		
Autor	Título	Ano/Universidade
MOURA, Debora Cavalcantes de.	Entre duas pedras: catolé (um estudo acerca das contribuições trazidas pelos textos históricos sobre Pedra Bonita e pelos folhetos de cordel nordestinos na composição da Pedra do Reino, de Ariano Suassuna).	2002/Universidade Estadual de Campinas
TESES		
SANTOS, Tania Lima dos	A (re)escrita mítica do sebastianismo no <i>Romance d'A Pedra do Reino</i> , de Ariano Suassuna.	2009/UFPB
CAPUANO, Mariângela Monsoreo Furtado	Ressonâncias de heróis e reis medievais na (re)construção dos personagens da <i>Pedra do Reino</i> por Ariano Suassuna.	2014/UERJ
BATISTA, Fernanda Cristina Araújo	<i>A Pedra do Reino</i> : uma análise dos procedimentos da adaptação do romance para minissérie e dos diálogos com outros gêneros discursivos.	2015/ Universidade Presbiteriana Mackenzie

Dentre os quatros, temos a dissertação “Entre duas pedras: catolé (um estudo acerca das contribuições trazidas pelos textos históricos sobre Pedra Bonita e pelos folhetos de cordel nordestinos na composição da Pedra do Reino, de Ariano Suassuna)” que já foi comentada acima.

A tese intitulada “A (re) escrita mítica do sebastianismo no *Romance d'A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna”, defendida no Programa de Pós-graduação em Letras, pela Universidade Federal da Paraíba, teve como objetivo o estudo da lenda sebastianista como matéria mítica do romance. No escrito foi observando o mito, sua permanente atualização através de imagens e símbolos e a concretização de um projeto interrompido, mas com a perspectiva de realização num futuro próximo – constituindo, assim, o viés messiânico-

sebastianista de grande importância na obra - fortalecido pelas demais recorrências temáticas da lenda sebastianista da Pedra Bonita.

Outra tese que aborda o messianismo é a denominada “Ressonâncias de heróis e reis medievais na (re) construção dos personagens *da Pedra do Reino* por Ariano Suassuna”. Apresentada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, o trabalho consiste, fundamentalmente, em examinar o diálogo estabelecido entre a obra de Suassuna com textos representativos da tradição literária ocidental, mais propriamente com os que remontam ao medievo. A personagem Sinésio, que encarna o mito do herói prometido, torna-se um elemento de estudo da tese citada, cujos paradigmas se assentam na história de figuras lendárias, entre elas D. Sebastião, o rei desaparecido de Portugal.

O último trabalho pesquisado teve como título “*A pedra do reino: uma análise dos procedimentos da adaptação do romance para minissérie e dos diálogos com outros gêneros discursivos*”, tese que teve como objetivo analisar a minissérie *A Pedra do Reino* (2007), produzida pela Rede Globo em parceria com a Academia de Filmes e dirigida por Luiz Fernando Carvalho, em relação à obra literária que lhe deu origem, o *Romance d’A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta* (1971). A partir da transtextualidade vista no romance e na minissérie, vemos a explicitação dos efeitos de sentido criados nos diálogos estabelecidos entre as personagens e a composição de algumas das cenas de ambas as obras, dando ênfase à personagem Sinésio que é construído como uma figura ambígua: considerada messiânica pelo narrador e pela população pobre do sertão da Paraíba, que o comparam ao Rei Dom Sebastião e a Jesus Cristo.

Ao abordar alguns trabalhos que trataram da questão do messianismo/sebastianismo, dentro do *Romance d’A Pedra do Reino*, podemos afirmar que a temática é relativamente pouco trabalhada, já que nossa pesquisa se pautou na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, pois em outro campo de pesquisa, Domínio Público, não logramos êxito.

Mesmo com a pesquisa realizada, nesta primeira etapa, notamos que praticamente inexistem dissertações que tratam da corrente messiânica dentro da obra literária “*A Pedra do Reino*” especificamente na área das Ciências das Religiões, os poucos trabalhos analisados advêm do campo dos estudos literários, desse modo vemos a necessidade de um rico debate pertinente a nossa realidade, abrangendo outros horizontes da humanidade. Após a breve análise na produção acadêmica dos últimos anos, partimos para pesquisa bibliográfica e analítica dos conteúdos pertinentes à pesquisa, com a finalidade de complementar a fundamentação teórica. O próximo passo foi à construção dos textos que compõem os capítulos, bem como análise e reflexão.

A princípio, nesta introdução, é necessário interligar as contribuições do campo teórico das Ciências das Religiões em relação à proposta desta dissertação: O messianismo, a partir do mito de Dom Sebastião, como fenômeno político-religioso *n'A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna. Para isso, faremos uma retrospectiva quanto ao conceito, objeto e desafio na afirmação do fazer Ciências das Religiões. Adiante, abordaremos o messianismo, seu contexto histórico e difusão do mito sebastianista. E, por fim, a figura do Rapaz-do-Cavalo-Branco e sua representação político-religiosa naquele contexto conflituoso, abrindo uma possibilidade de conclusão/solução divina para os crimes e adversidades que marcaram a vida da população da vila de Taperoá, caos ocasionado pelo assassinato de Dom Pedro Sebastião Garcia Barreto. A partir daí, a representação mítica, simbólica possibilitará não só a compreensão do fato político associado ao mito sebastianista, mas também toda espiritualidade estabelecida ali, forças que imbuíam aquele povo a crer em sua libertação, na solução daquela maldição incorporada a partir do misterioso crime que assolou uma família e interferiu no cotidiano de toda uma vila.

É a partir desse contexto multidisciplinar que vislumbramos como a área das Ciências das Religiões se mostra como um campo de diálogo e promoção de pesquisas. Segundo Eliade¹ (1992, p. 5), no prefácio de seu livro *O sagrado e o profano*, “a Ciência das Religiões, como disciplina autônoma,” tem “por objeto a análise dos elementos comuns das diversas religiões a fim de decifrar-lhes as leis de evolução e, sobretudo, precisar a origem e a forma primeira da religião”. Assim, estudar a religião é compreender sua presença, observar como ela se manifesta como fenômeno religioso, tentar decifrar seu lado irracional.

Rudolf Otto², nos seus estudos sobre religião, intensificou sua pesquisa na visão irracional sobre o sagrado. Para Otto, a divindade (Deus) deveria ser entendida a partir do seu

¹ De acordo com o site Zahar, Mircea Eliade (1907-86) nasceu na Romênia. Depois da Segunda Guerra Mundial, mudou-se para a França, onde ensinou na École Pratique des Hautes Études. Em 1957 foi convidado a lecionar na Universidade de Chicago, onde permaneceu até sua morte. Publicou vasta obra como filósofo, poeta, romancista e, sobretudo, historiador das religiões.

² “(...) nasceu em 25 de setembro de 1869, em Peine, Alemanha. Era pastor, filósofo e teólogo. Na década de 1880, concluiu o segundo grau, em Hildesheim, e iniciou seus estudos teológicos, em Erlangen. Em 1891, continuou seus estudos em Göttingen, período em que foi profundamente marcado por Theodor von Haering, professor de Teologia Sistemática. Em 1898, concluiu seu doutorado com uma tese sobre As concepções do Espírito Santo em Lutero. Em 1899, tornou-se Livre Docente em Teologia Sistemática. Em 1904, foi nomeado professor extraordinarius na Universidade de Göttingen. Nesse mesmo ano, foi publicada a sua obra *Naturalistische und religiöse Weltansicht* [As visões naturalista e religiosa do mundo]. Em 1915, Otto assume a cátedra de Teologia Sistemática em Breslau/Wroclav. Em 1917, época em que a Primeira Guerra Mundial aproximava de seu fim na Europa, sucedeu o teólogo sistemático Wilhelm Hermann, em Marburg. Nesse mesmo ano, em Breslau/Wroclav, era publicado o clássico da literatura teológica e da filosofia da religião *O sagrado: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*, obra que dedicou a Theodor von Haering e que se tornou um best-seller que o fez mundialmente famoso. Essa publicação levou Marburg à fama de Meca das Ciências da Religião” (MATOS, 2009, pp. 497-498).

lado oculto, irracional, que o mesmo denomina de numinoso³. Ou seja, para compreender verdadeiramente o transcendental de determinado grupo religioso, seria necessário experimentar o mesmo. É na experiência que se conhece verdadeiramente a divindade.

Para Rudolf Otto ficou claro que todo o seu material nasceu da experiência humana. Seu ponto de partida tinha sido a pergunta: como é possível compreender o lado irracional da divindade? Finalmente chegou à resposta: por meio da experiência (GRESCHAT, 2005, p. 111).

Conhecer a divindade a partir da experiência com a mesma, faz-nos associar à ideia de espiritualidade que Hanegraaff problematizará em seus estudos: a mística da Nova Era⁴.

Pertencer a um espaço sagrado é partilhar experiências com a divindade, porém cada indivíduo, a partir da sua particularidade, desenvolverá uma relação própria, um contato íntimo. Ou seja, mesmo que se tenha uma experiência coletiva, cada integrante tem sua própria maneira de interagir com o sagrado. Assim, veremos que toda religião sempre vai girar em torno de uma ou várias espiritualidade (s). Talvez, por esta constatação, afirma-se que

uma religião sem espiritualidade é impossível de imaginar. Mas, conforme será visto, o inverso – uma espiritualidade sem uma religião – é perfeitamente possível, em princípio. Espiritualidades podem emergir a partir de uma religião existente, mas podem muito bem emergir sem (HANEGRRAFF, 1999, s/p).

Como vimos, a espiritualidade é imprescindível no processo de conhecimento, do aprofundamento na compreensão do deus cultuado em determinado ambiente religioso.

Ao discutir o contato com o sagrado, com o transcendental, seu poder de interferência na vida de um ser ou mesmo de uma comunidade, esbarramos em conceitos que nos levam ao termo religião.

Ao longo da história, vários estudiosos (filólogos, teólogos, sociólogos, dentre outros) começaram a questionar e, assim, formular conceitos que melhor traduzissem essa interação

³ Seria uma “categoria especial de interpretação e de avaliação, um estado de alma que se manifesta quando essa categoria é aplicada, isto é, cada vez que um objeto é concebido como numinoso” (Otto, 1985, p.30).

⁴ Esse movimento representa “o fenômeno historicamente inovador de um tipo secular de religião baseado em um simbolismo radicalmente privado”, não se referindo “a um declínio ou desaparecimento, mas a uma transformação profunda na religião”. Desse modo, enquanto “as espiritualidades estiverem incorporadas ao simbolismo coletivo de uma religião existente, as espiritualidades da Nova Era são manifestações de um simbolismo radicalmente privado, incorporado diretamente na cultura secular” (HANEGRRAFF, 1999, p. 145).

com o além, ou melhor, um conceito de religião desvinculada ao cristianismo que, por muito tempo, foi tido como sinônimo da mesma. Sobre essa aproximação religião/cristianismo, temos que

(...) o cristianismo é uma dentre tantas religiões presentes no planeta: entre estas há algumas, no continente indo-asiático, que remontam a épocas bem mais antigas do que a que viu o nascimento do cristianismo. Compreende-se, assim, o apelo dirigido por Schleiermacher aos seus contemporâneos, para que abordassem as religiões respeitando a sua (delas) riqueza e multiplicidade (PRANDI, 1999, p. 254).

O cristianismo não era a única religião presente no mundo, mas por muito tempo o sentido desse termo era sugerido apenas a esse campo. Talvez por esse motivo muitos intelectuais iluministas fizessem críticas à religião, vinculada à prescrição, aos ritos dessa raiz predominante na Europa dos séculos XVI e XVII.

Voltando para a questão do conceito de religião, o vocábulo *religio*, termo latino que acabou nomeando essa interação com o sobrenatural, obteve vários sentidos durante a história. Desde Lactâncio (o “Cícero cristão” dos séculos III-IV d.C.), passando por Agostinho, Macróbio, Tomás, dentre outros, que compartilharam, no início da era cristã, seus conceitos sobre a religião, temos definições sempre atreladas à ligação com o sagrado, ao abandono, união com o transcendental.

Com o Iluminismo, a proliferação do cristianismo com a reforma e o reconhecimento, através de descobertas e estudos, de outras manifestações que vieram a ser reconhecidas como religião; novas definições acabaram surgindo e também novas discussões a respeito da espiritualidade ganharam destaque nos debates.

Dentre as novas definições destacaremos três: Émile Durkheim, Peter L. Berger e Clifford Geertz.

Émile Durkheim (1898, s/p) - sociólogo, antropólogo e filósofo francês - definiu a religião como “um sistema solidário de crenças e de práticas relacionadas com coisas sagradas, isto é, separadas e interditas, as quais unem numa única comunidade moral, chamada Igreja, todos aqueles que a elas aderem” (PRANDI, 1999, p. 262 apud DURKHEIM, 1963, p. 50). Nessa definição, Durkheim ressalta o contato da comunidade com o sagrado feito conjuntamente – Igreja - porém, menciona a possibilidade da religião se tornar “um fenômeno social”, ou seja,

‘religiões individuais que o indivíduo institui por si e celebra sozinho para si mesmo’. Algumas pessoas hoje, ele escreve, ‘levantam a questão se essas religiões não estão destinadas a se tornarem formas dominantes de vida religiosa – se não virá um dia em que o único culto será aquele que cada pessoa pratica livremente em seu mais íntimo’ (HANEGRRAFF, 1999, p. 145).

Observamos que a noção de religião proposta acima se tornou, como já mencionado por Hanegraaff, no que conhecemos hoje pelo movimento da Nova Era.

Peter L. Berger – sociólogo e teólogo luterano austro-americano - seguindo Durkheim, afirma que “a religião não pode ser observada a não ser como ‘empreendimento humano’. Assim, ‘a religião é a temerária tentativa de conceber o universo como humanamente significativo’” (PRANDI, 1999, p. 266).

Clifford Geertz, em sua definição afirma que uma religião é

um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com a tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 2012, p. 67).

Assim, podemos observar que o objeto das Ciências das religiões – a própria religião – é definido de forma particularizada por cada estudioso que se propõe estudar a mesma. Com isso, podemos concluir que ainda não se chegou a uma definição de religião considerada universal. Sobre isso Greschat, na sua obra intitulada “O que é Ciência da Religião?”, afirma que

Não há uma definição que não seja rejeitada por, pelo menos, uma pessoa. Quando, por exemplo, o cientista “A” afirma que religião diz respeito, em todos os casos, a seres espirituais, o colega “B” diz “não, não, de jeito nenhuma a seres espirituais, mas sim à promessa de redenção”, o que, aliás, incluiria também o marxismo no gênero da religião. Quando “C” assume que a religião oferece para os seres humanos o sentido da vida, “D” o contradiz, pois acredita que ela é um tipo de debilidade mental para a qual a humanidade deve encontrar a cura o mais rápido possível. Procurando definições, pensadores cristãos têm algo cristão na mente e não se ocupam muito de religiões estrangeiras. Hindus, muçulmanos e outros fazem o mesmo, definindo religião de acordo com valores a que estão acostumados desde a infância. Chegará o dia em que todos vão concordar com uma única definição? Isso é improvável (GRESCHAT, 2005, p. 20).

Essa questão da definição não invalida as pesquisas na área abordada, pois o objeto – religião - permanece e é a partir desse campo que palavras e definições são estabelecidas sem desfigurar tal intenção: o da pesquisa.

Os cientistas das religiões, diferentemente de outros cientistas que esporadicamente estuda religião, não se afastam da totalidade do objeto estudado, ou seja, não deixam de associar suas pesquisas específicas à religião como totalidade.

O objeto “religião”, segundo Greschat, é algo objetivo, é sempre uma religião específica.

Cada uma das milhares de religiões que podem ser escolhidas e estudadas é representada como uma totalidade passível de investigação de acordo com quatro perspectivas: como comunidade⁵, como sistema de atos⁶, como conjunto de doutrinas⁷ ou como sedimentação de experiências⁸ (GRESCHAT, 2005, pp. 24-25).

A partir desse universo de possibilidades que cada doutrina apresenta, o cientista das religiões se vê diante de um campo de pesquisa vasto para o aprofundamento de seu trabalho, contando com, na maioria dos casos, fiéis disponíveis a colaborar com a produção almejada. Com isso, temos na religião “uma realidade social, um processo de comunicação específico que cria realidade e ganha forma real através dos atos sociais” (HOCK, 2010, p. 30).

Tendo essa percepção inicial de nossas discussões, quanto ao Campo das Ciências das Religiões e seu objeto, a Religião, chamamos a atenção para os procedimentos ou etapas a serem seguidas em relação à estrutura deste trabalho, listados a seguir: no segundo capítulo sob o título *Estrutura narrativa d’Pedra do Reino: um olhar hermenêutico*, apresentaremos a base metodológica proposta neste trabalho que será a constituição textual e seu processo

⁵ As religiões “integram seres humanos em uma comunidade. Quando membros desaparecem ou migram para outras comunidades, sua religião anterior deixa de existir. Quando brigam entre si, ou com suas autoridades religiosas, a comunidade separa-se em duas ou mais partes que, posteriormente, podem diferenciar-se ainda mais. Em muitas religiões, alguns indivíduos constituem grupos especiais dentro de uma comunidade principal. Assim, eles transformam fiéis convencionais em indivíduos que ficam “de fora”, enquanto os que estão “dentro” são considerados místicos, ascetas ou devotos extraordinários” (GRESCHAT, 2005, p. 25).

⁶ Incluem “gestos e termos simbólicos cujo significado torna-se acessível à medida que se conhece o simbolismo da linguagem mitológica” (Ibidem. p. 25).

⁷ Na maioria da doutrinas religiosas, temos na palavra a revelação do deus cultuado. Consequentemente, os fiéis dessas doutrinas “têm procurado o sentido além delas”. A doutrina seria um tipo de linguagem própria de determinada religião. (Ibidem. p. 26).

⁸ A experiência religiosa é “como uma força vital que anima as religiões, alimentando seus ensinamentos e os ritos transmitidos. Quanto mais fiéis vivenciam a verdade de sua crença, mais forte sua religião se torna; quanto menos conseguem experimentá-la, mais vulnerável se torna sua fé” (Ibidem. p. 26).

interpretativo a partir da hermenêutica de Paul Ricoeur. Nesse processo compreenderemos as intencionalidades da escrita, como o campo em que a mesma se encontra interfere na interpretação para, desse modo, termos uma visão coerente sobre o objeto de estudo analisado.

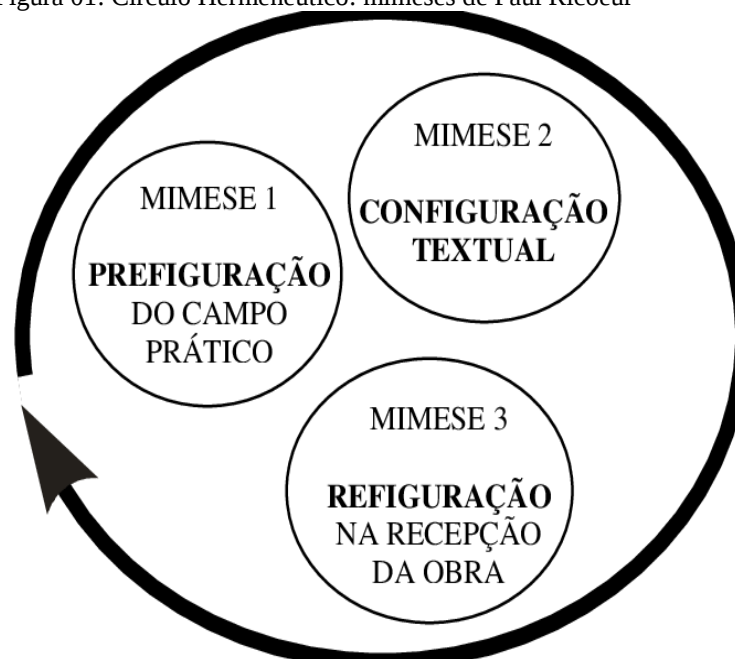
É a partir do método hermenêutico que vislumbramos a capacidade do autor de construir um mundo particular, o texto, onde o mesmo não o cria do nada, mas a partir de vários mundos, de vários “eus”, com determinadas ideologias.

Ricoeur, sobre o processo de interpretação, ainda chama a atenção para o distanciamento. Apesar desse procedimento não pertencer a metodologia, o afastamento – constitutivo do fenômeno textual – levará a uma condição mais coerente de interpretação.

Nesse mesmo capítulo, enfatizaremos o processo de constituição da intriga no *Romance d’A Pedra do Reino*, o diálogo entre ficção e história e como se dá o círculo hermenêutico com foco no personagem do Rapaz-do-Cavalo-Branco.

Sobre o círculo hermenêutico (Figura 01), Ricoeur propõe colocar as questões referentes à tessitura do texto em um circuito “eternamente renovado no qual adquirem a mesma importância os produtores de textos e os leitores (ou os artistas e os consumidores de arte), integrando-se todos em um movimento criador que parte do Vivido e retorna a este mesmo Vivido” (BARROS, 2012, p. 17).

Figura 01: Círculo Hermenêutico: mimeses de Paul Ricoeur



Fonte: Site researchgate.net, 2019

Esses tempos estabelecidos por Ricoeur chamamos de mimese I – prefiguração, mimese II – configuração e mimese III – refiguração, ou seja, para construir a texto o narrador busca materiais no vivido, constroe a história para, a partir daí, deixar com que o leitor a interprete, recrie a mesma.

Finalizaremos o segundo capítulo abordando o gênero que constitui a obra armorial de Suassuna, ressaltando a presença dos romances de aventuras e cavalarias na configuração tipológica chamada romançal ou romanceiro popular.

O terceiro capítulo é intitulado *O Milenarismo/Messianismo e o mito de D. Sebastião*. É nessa parte que desenvolveremos um diálogo em torno dos termos milenarismo, messianismo e sebastianismo, com o objetivo de compreendermos o tipo do mito que estamos propondo. Em seguida focaremos no mito de Dom Sebastião, rei de Portugal, sua vida e, consequentemente, empreitada, com traços de cruzada, à batalha de Alcácer Quibir, norte da África, sendo derrotado na mesma.

A morte do rei Dom Sebastião foi uma catástrofe sobre a soberania de Portugal, muitos não acreditavam na morte do rei, e boatos sobre seu desaparecimento acabaram se impondo sobre a versão oficial de seu sepultamento.

A notícia da derrota chegou semanas depois, com relatos de várias naturezas. Imediatamente a nação rangeu os dentes por causa do desespero e da dor causados pela possibilidade da perda dos entes familiares. Em simultâneo a este impacto, sente-se o golpe nas esperanças da volta de um caminho glorioso destinado a Portugal. A coroa fica novamente ameaçada pelo reino vizinho, Castela. O caos se instalou na Corte e nas ruas do reino. Mas um espectro começava a rondar todos os cantos da nação. Junto às notícias sobre a derrota do exército português, circulava a informação de que o rei Dom Sebastião havia desaparecido. De quando em quando testemunhas afirmavam que o corpo do Desejado nunca fora computado entre os mortos e prisioneiros feitos na batalha. Um fio de esperança começava a correr por todo o reino, tecendo o espectro de um rei desaparecido, um soberano que não permitiria o abatimento completo dos ânimos da nação, que pressentia a inegável anexação ao reino de Castela (GODOY, 2005, p. 68).

Depois da breve explanação sobre a origem do mito de Dom Sebastião, explanaremos uma das versões da lenda portuguesa que chega ao nordeste do Brasil: os acontecimentos da Pedra Bonita.

A partir dos fatos acontecidos em Portugal e no interior de Pernambuco, compreenderemos o tipo de milenarismo/messianismo abordado – sebastianismo – *Romance d'A Pedra do Reino* e como a história do Rapaz-do-Cavalo-Branco se cruza nessa refiguração que Suassuna recria em seu romance.

No quarto e último capítulo, aprofundaremos na tessitura da obra literária de Suassuna. Veremos como se deu a chegada do Rapaz-do-Cavalo-Branco, visto por grande parte da população, em especial os mais pobres, como aquele que iria trazer justiça e felicidade.

Desse modo, estabelecemos, a princípio, um comparativo do Donzel de Taperoá com os Templários, uma espécie de cavalaria da Igreja, Gallaaz, um dos cavaleiros da Távola Redonda e, por fim, Dom Sebastião.

Apesar da figura de Sinésio – o Donzel do cavalo branco – absorver o mito do retorno do rei encoberto, nesse caso Dom Sebastião, ele não deixa de abarcar para si uma defesa do Catolicismo Popular⁹, com suas roupas e bandeiras com símbolos sagrados. Sua chegada, em plena véspera de Pentecostes, é outro elemento que unem essas três representações.

O Quinto Império seria a metáfora para o novo campo sagrado e político que Sinésio implantaria com o seu retorno e, conseqüentemente, elucidações dos crimes acontecidos no passado.

Sobre o Império Universal, Padre Antônio Vieira, a princípio, colocava como inaugurador desse tempo o rei encoberto Dom Sebastião, proferindo maravilhas as terras lusitanas.

Uma de suas maiores obras, *História do Futuro*, escrita desde 1649, e só editada em 1718, indica-nos traços de sua personalidade e dos seus ideais escatológicos. Sua crença no Quinto Império Universal ganha progressão em sua carreira jesuítica, ao transitar entre Brasil e Portugal. O Império Universal, símbolo da cristandade unidade, apagando as diferenças entre os povos, parecia a visão do paraíso perdido em vias de ser restituído aos cristãos (...). O fato de viver em uma terra como o Brasil, uma terra nova, de natureza generosa, com uma imensa quantidade de gentios e serem doutrinados na “verdadeira” fé, o faz crer estar próximo do dia em que se formará o Quinto Império Universal encabeçado pela nação portuguesa (GODOY, 2005, p. 119).

⁹ O catolicismo popular se manifesta a partir dos cultos, feitos pelos seus fiéis, “à margem da Igreja ou com uma margem de autonomia maior ou menor em relação à instituição. Seus costumes e práticas são de caráter tradicional, sendo transmitidos de uma geração para outra e com eventuais alterações sendo vistas como sacrílegas ou como uma perda de respeito, e seus praticantes se situam, majoritariamente, entre os setores mais pobres e menos escolarizados da população, possuindo, ainda, profunda ressonância no meio rural. Contrastam, assim, com os setores intelectuais da Igreja, que tenderam, historicamente, a ver suas manifestações com um misto de desprezo e desconfiança, reconhecendo-as, contudo, como estratégias válidas e eficazes para a manutenção da fé católica no seio da população. O catolicismo popular carece de um estatuto próprio perante as práticas da Igreja, existindo, contudo, em íntima interação com ela. Não a contesta, mas pode, eventualmente, adquirir um viés nitidamente anticlerical. Não se opõem aos atributos do clero, mas cria seus próprios atributos, e é organizado e praticado por leigos que buscam, em maior ou menor grau, manter sua autonomia enquanto fiéis, ao mesmo tempo em que se declaram filhos da Igreja. (SOUZA, 2013, p. 5). No Romance d’A Pedra do Reino é chamado de Igreja Católica-Sertaneja.

Depois de Dom Sebastião, Vieira elegeu outros possíveis inauguradores desse tempo milenar, sendo rememorado em outros tempos com outros líderes, foi o caso da Pedra Bonita, onde o prometido curaria os doentes, enriqueceria os pobres e estabeleceria um reino de alegria e paz, mas diferentemente de Vieira, esses representantes não acreditavam naquele discurso, utilizado com outros fins.

Fechamos o último capítulo com o debate sobre esse inaugurador. A partir daí ficam interrogações que podem ou não serem respondidas: Será que o mito será, definitivamente, desencantado naquela véspera sagrada de Pentecostes? É Sinésio aquele que trará o tempo tão almejado pelos seus adeptos? Ou o Rapaz-do-Cavalo-Branco é outra pessoa?

E Por fim, apresentaremos a conclusão com o encerramento e principais desdobramentos da pesquisa.

2. ESTRUTURA NARRATIVA DO ROMANCE *D'A PEDRA DO REINO*: UM OLHAR HERMENÊUTICO

Este capítulo analisará o método investigativo, estrutura ficcional e o gênero presenciados no *Romance d'Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna, tendo como suporte as contribuições de teóricos como: Garrett (1969) Ricoeur (1977; 1990; 1994), Ghedin (2004), Victor e Lins (2007), Amaral Filho (2009), Santos (2009), Barros (2012), Moraes (2013), Duarte, Farias e Oliveira (2017), Andrioli (s/d), dentre outros autores citados.

Para compreender a figura Sinésio, o Rapaz-do-Cavalo-Branco, e sua configuração na obra de Suassuna, faz-se necessário uma análise hermenêutica a fim de compreendermos a configuração da narrativa em que se encontra esse personagem e, também, abordar o mito sebastianista, sua origem e como o mesmo vem a contribuir para a configuração da intriga do texto.

Ao entrar em contato com a hermenêutica, tendemos a vê-la apenas como técnica voltada ao ato de interpretar textos, porém essa interpretação não acontece de forma simplista ou, muitas vezes, de maneira hipotética. O método hermenêutico não busca apenas a compreensão do texto, mas entender com qual intencionalidade se busca o escrito, de que forma nosso ser constitui-se a partir da compreensão do texto. Desse modo, a teoria da compreensão já

não está ligada à compreensão de outrem, mas torna-se uma estrutura do ser-no-mundo; mas precisamente, é uma estrutura cujo exame vem depois do da *Befindlichkeit*; o momento do “compreender” responde, dialeticamente, ao ser em situação como sendo a projecção dos possíveis mais próprios no próprio âmago das situações em que nos encontramos. Desta análise conservo a ideia de “projecção dos possíveis mais próprios” para a aplicar à teoria do texto. O que se deve, de facto, interpretar num texto é uma proposta de mundo, de um mundo tal que eu possa habitar e nele projectar um dos possíveis mais próprios. É aquilo a que eu chamo o mundo do texto, o mundo próprio a este texto único (RICOEUR, 1977, p. 122).

O ato de interpretar não se projeta em si mesmo. Para que haja uma análise coerente do escrito proposto, faz-se necessário que o pesquisador compreenda o mundo no qual vive e também o contexto ao qual o texto se refere, pois são as particularidades que direcionarão a uma compreensão adequada sobre o objeto estudado.

Nesse sentido, para compreender a figura Sinésio dentro da narrativa *d'Pedra do Reino* e o seu papel naquele espaço, temos que atentar na observação de todos os elementos constitutivos que circulam esse personagem na narrativa. Ou seja, particularidades que não só

possibilitaram sua formação naquele lugar como o fez, tempos depois, configurar-se como uma espécie de “justiceiro” para toda a gente daquele espaço. Assim, a partir da compreensão das características singulares presentes em determinados personagens, pertencentes a diferentes textos, observamos como a hermenêutica contribui para entender o mundo, pois este

não está atrás do texto, como estaria uma intenção encoberta, mas diante dele como aquilo que a obra desenvolve, descobre, revela. A partir daí, compreender é compreender-se diante do texto. Não impor ao texto a sua própria capacidade finita de compreender, mas expor-se ao texto e receber dele um si mais vasto que seria a proposta da existência, respondendo da maneira mais apropriada à proposta do mundo (RICOEUR, 1977, p. 124).

Percebemos que cada texto traz o seu modo particular de lidar com o leitor, pois cada autor tem seu modo particular de mexer com seu público, o mesmo traz características de outros “eus” que o influenciou na constituição de sua própria pessoa. Com isso, o texto nos chama a uma solicitude, ou seja, sermos dispostos a ouvir tudo aquilo que ele tem a nos dizer explicitamente.

Ricoeur, ainda sobre o método hermenêutico, levará em conta a questão do distanciamento. Ou seja, o afastamento não sendo um produto da metodologia, mas constitutivo do fenômeno do texto proporcionando “ao mesmo tempo a condição para que possa haver interpretação” (RICOEUR, 1990, p. 54).

Não perder de vista a realidade exposta no corpus textual (o próprio texto em si) e as ideologias impregnadas pelo autor são mecanismos que levarão para uma interpretação coerente do escrito, sem esquecer que essa interpretação pode sofrer variações com o passar do tempo. Assim, a hermenêutica

permanece a arte de discernir o discurso na obra. Mas esse discurso não se dá alhures: ele se verifica nas estruturas da obra e por elas. Conseqüentemente, a interpretação é a réplica desse distanciamento fundamental constituído pela objetivação do homem em suas obras de discurso, comparáveis à sua objetivação nos produtos de seu trabalho e de sua arte” (RICOEUR, 1990, p. 52).

Todo discurso objetiva alcançar a realidade e expressar a sociedade na qual representa. A voz do discurso é “a expressividade da realidade a qual se pretende conhecer. O discurso produzido é o produto de um determinado contexto que fala através do pesquisador” (GHEDIN, s/d, p. 08-09).

Ainda sobre o distanciamento, verificamos, a partir das contribuições de Ricoeur, sua eficaz importância na análise hermenêutica de um escrito. Após sua escrita, o texto torna-se independente, tem-se uma autonomia em relação ao autor, onde o mesmo, ao ler em outras oportunidades o seu próprio texto, acaba atribuindo novos sentidos ao mesmo. A hermenêutica torna-se rica nesse sentido, “o sentido da interpretação que gera pluralidade dos atos de leitura e escrita” (ANDRIOLI, s/d, p. 06).

Mas, nesse caso, a hermenêutica abrirá um leque tão abrangente de interpretações sem um ou mais critério mais sólidos? A partir daí Ricoeur aborda a questão da mediação.

Se a hermenêutica decorre da mediação, Ricoeur se atreve a dizer que verdade e método não são categorias isoladas, mas constituem uma oposição de caráter dialético. “A coisa do texto não é aquilo que uma leitura ingênua do texto revela, mas aquilo que o agenciamento formal do texto mediatiza. Se é assim, verdade e método não constituem uma alternativa, porém, um processo dialético” (Idem: 137). Com esse entendimento, Ricoeur preconiza o momento hermenêutico como uma abertura, através da interrogação sobre o sentido do texto: “O sentido da obra é sua organização interna, sua referência é o modo de se manifestar diante do texto” (Idem: 137) (ANDRIOLI, s/d, p. 07).

O movimento hermenêutico, que estuda a obra, procede como mediação, coincidindo com a prática vista pela crítica, fazendo da verdade contida no escrito e o método usado para a sua interpretação vias de mão única, critérios necessários ao processo de abertura interpretativo: a hermenêutica do texto. “A compreensão do discurso da obra é fruto de uma permanente reconstrução, reelaboração da própria obra e é nisso que consiste a hermenêutica quando não transformada em ontologia”, ou seja, em um conceito já conclusivo, acabado (ANDRIOLI, s/d, p. 07).

A compreensão da narrativa passa também pela constituição textual. Paul Ricoeur, nos seus ensaios sobre hermenêutica, aborda essa formação estrutural do escrito dialogando sobre ficção e história, mecanismos formadores do que ele vem a chamar de intriga.

A intriga é o conjunto das combinações pelas quais há acontecimentos que são transformados em história ou – correlativamente – uma história é tirada de acontecimentos. A intriga é o mediador entre o acontecimento e a história. O que significa que só é acontecimento o que contribui para a progressão de uma história (RICOEUR, 1977, p. 26).

No intuito de dialogar sobre a ficção exposta no corpus literário de Suassuna, faz-se necessário mergulhar no contexto ficcional, porém a narrativa é imbuída de acontecimentos

históricos que sustentam e dão andamento aos fatos expostos na narração. Assim, a história circunda e penetra na narrativa ficcional, constituindo um todo coerente e significativo.

O diálogo sobre a intriga do texto promove toda uma discussão sobre a questão da narração e história. Ricoeur começa a desmistificar, através da sua hermenêutica, essa dicotomia (ficção versus história), suas diferenças, levando para a noção de complementariedade onde “a história não pode romper completamente com a narração, porque ela não pode romper com a acção que implica agentes, finalidades, circunstâncias, interações e resultados, desejados ou não” (RICOEUR, 1977, p. 27).

Com a finalidade de compreendermos melhor esse diálogo entre as duas categorias acima citados, desenvolveremos uma análise mais precisa sobre ficção narrativa e romance histórico para, desse modo, compreendermos melhor o corpus da obra literária analisada nesse trabalho.

2.1 Diálogos sobre ficção narrativa e romance histórico

O *Romance d’Pedra do Reino*, publicado em 1971, vem mostrar uma faceta até então não exposta por parte do seu autor, Ariano Suassuna, que seria seu lado romancista. Criador de diversas peças teatrais, Suassuna parte para o gênero romance/romancel com o objetivo de expressar algumas coisas de seu mundo interior as quais não estavam mais cabendo em suas peças (Santos, 2009).

Em um contexto onde se buscava integrar o popular com o erudito, Suassuna utilizou um gênero o qual deixou sua obra aberta a diversas características de outros textos, em especial o cordel, como a presença de xilogravuras, pequenos poemas, divisão em folhetos, dando, assim, um enfoque ao movimento que se consolidava naquele período: o Armorial.

A obra é iniciada pelo protagonista Pedro Dinis Quaderna se dirigindo àqueles que estão acompanhando seus relatos. Preso, na cadeia da cidade de Taperoá, Quaderna relata os principais acontecimentos da sua vida, desde sua descendência monárquica até os últimos fatos que afetaram não só a sua existência como a de todos os moradores daquele lugar.

É meio-dia, agora, em nossa Vila de Taperoá. Estamos a 9 de Outubro de 1938. É tempo de seca, e aqui, dentro da Cadeia onde estou preso, o calor começou a ficar insuportável desde as dez horas da manhã. (...) deitei-me no chão de tábuas, perto da parede, pensando, procurando um modo hábil de iniciar este meu Memorial, de modo a comover o mais possível com a narração dos meus infortúnios os corações generosos e compassivos que agora me ouvem. (SUASSUNA, 2014, p. 32-33).

A partir desse momento a narrativa é iniciada como um memorial. Desde o momento em que o protagonista inicia sua história de dentro da prisão, seu depoimento perante o corregedor até o instante em que ele é liberado do interrogatório, temos um romance contado pela ótica do seu protagonista, ou seja, Quaderna narra toda a história sendo, assim, o narrador-personagem da mesma.

É a partir da visão do narrador-personagem que a trama é desenvolvida, onde o mesmo interpreta os sinais, as manifestações sobrenaturais, os símbolos, sua própria descendência. É por meio de Quaderna que temos, logo no início da obra, a menção ao Rapaz-do-Cavalo-Branco que chega a cidade de Taperoá em meio a uma cavalgada.

Como, ao que parece, tinha-se convencionado que ninguém se vestisse de maneira mais comum naquela tribo, o Rapaz-do-Cavalo-Branco usava um gibão mais artisticamente trabalhado do que os outros Cavaleiros. (...). É o próprio Donzel, assim, com aquela roupa de couro predominantemente amarela e vermelha, parecia (todo ele ouro, sangue e coração) um Valete de Copas montado num cavalo branco e escoltado por uma tropa sertaneja de peninchas e valetes-de-paus ou de espadas (SUASSUNA, 2014, p. 46).

O Donzel, que chega de maneira repentina em meio a uma cavalgada, leva para outro rumo as teorias pré-estabelecidas no entorno do romance, em especial ao crime sangrento acontecido com o ilustre Dom Pedro Sebastião Garcia-Barreto. Nesse momento presenciamos o contato político-sagrado que esta chegada inesperada vem a ter com os reinos dos antepassados de Quaderna, onde temos a promessa da volta do messias - Dom Sebastião - que viria estabelecer um reino de justiça social, apesar das distorções dadas a essa teoria no decorrer dos reinados da pedra.

O reinado de Dom Silvestre I, no Rodeador, foi curto, mas já tinha todas as características tradicionais da nossa Dinastia. Seu trono era uma Pedra sertaneja, Catedral, Fortaleza e Castelo. Dali, ele pregava a ressurreição daquele Rei antigo, sangrento, casto e sem mancha, que foi Dom Sebastião, O Desejado. Pregava também a Revolução, com a degola dos poderosos e a instauração de novo Reino, com o Povo no poder (SUASSUNA, 2014, pp. 68-69).

A pregação de promessas atreladas a uma espécie de “líder sagrado”, vindo daquela porção, daquele lugar místico, sustentou o discurso de vários reis que imperaram ali. Essas promessas relatadas são o cerne da sustentação não só daqueles reinos sanguinários como também vem fazer parte da constituição daquele Rapaz-do-Cavalo-Branco misterioso que chega a Taperoá na véspera do dia sagrado de Pentecostes.

Desse modo, segundo Ricoeur, temos a constituição do que é chamado de intriga, ou seja, os acontecimentos transformados em história ou vice-versa. Quaderna, o narrador-personagem, também se constrói em articulação com os fatos expostos na narrativa. Desde a apresentação de sua descendência monárquica até os acontecimentos sangrentos em Taperoá desembocando na chegada do Rapaz-do-Cavalo-Branco, Pedro Dinis Quaderna coloca-se como um articulador, um mediador entre a história e os fatos presentes naquele espaço. Assim, não seria Quaderna a personificação da intriga do texto?

O acontecimento narrativo é definido pela relação com a própria operação de configuração: o narrador participa da estrutura estável de concordância, agencia os fatos, participa da narrativa enquanto personagem ativo e perde toda a sua neutralidade no texto, porque participa da própria intriga ao construir sua própria identidade (MORAES, 2013, p. 44).

Temos, desse modo, a constituição da identidade narrativa, onde o narrador-personagem se constrói em articulação com a história narrada, contribuindo para o desenvolvimento dos acontecimentos que encadearão a própria intriga.

A organização da intriga consiste na disposição dos episódios, nas ações contadas. No *Romance d'A Pedra do Reino*, os atos do narrador, Quaderna, dá o tom dos acontecimentos que irão constituir a narrativa, compõem-se como elemento fundamental para o desenrolar daquela ficção.

Ricoeur, sobre a ação na organização da intriga, expõe que

qualquer acção só é um meio se ela provocar, na história contada, uma mudança de destino, um “nó” para desatar, uma “peripécia” surpreendente, uma sucessão de incidentes “lamentáveis” ou “aterradores”, finalmente, qualquer acção considerada em si mesma só é um fim quando, na história contada, ela conclui o curso da acção, desata o nó, compensa a peripécia pelo reconhecimento, sela o destino do herói por um último acontecimento que clarifica toda a acção (1977, p. 25-26).

É a partir da ação que os acontecimentos são realizados provocando emoção, alegria, tristeza, comoção e demais sentimentos no leitor. Também verificamos a construção de um tempo próprio na narrativa, podendo ser parecido com o do mundo real, mas tendo sua própria especificidade.

Dirigindo-se ao tempo, constata-se uma máxima que a história tem um tempo real, lógico, e a ficção acaba por ignorar esse tempo, já que não se tem essa precisão em provar sua narrativa através de vestígios históricos.

Ora, toda intriga elaborada em um determinado contexto literário “ajudam-nos a configurar a nossa experiência temporal confusa, informe e, no limite, muda” (RICOEUR, 1977, p. 29). Assim, todo sistema simbólico contribui para a constituição de determinada realidade. Mas, imbuído nessa dicotomia entre narrativa e história, o que seria esse tempo?

Para Santo Agostinho o tempo seria formulado interiormente, constituído a partir do que ele denomina de “alma”, “o que permite impactar esta alma humana com uma tripla presença: do Passado, através da memória; do Presente, através da visão; e do Futuro, através da Espera (BARROS, 2012, p. 6)”.

Já Aristóteles, considera que o tempo acontece de forma lógica, de acordo com “as ligações internas da intriga”. Assim, o tempo não estará contido no movimento dos corpos, mas seria alguma coisa desse movimento (Barros, 2012).

Quando ele diz que o tempo é, antes, a medida do movimento do que o próprio movimento, não é num movimento regular dos corpos celestes que ele está pensando, mas na medida do movimento da alma humana. Com efeito, se se admite que a mediação do tempo se faz por comparação entre um tempo mais longo e um tempo mais curto, é preciso um termo fixo de comparação (RICOEUR, 1994, p. 33).

Santo Agostinho concordará com Aristóteles quando o mesmo afirma que o tempo não pode ser contabilizado pelo simples movimento de rotação ou translação da terra, por exemplo, que a noção temporal vai além disso, mas Aristóteles ainda vê nesses movimentos um mecanismo de comparação para a temporalidade. Assim, a divergência se fixa, entre o tempo da alma versus o tempo da natureza.

Entre o “tempo lógico” de Aristóteles e o “tempo da alma” de Santo Agostinho, Ricoeur irá desenvolver a sua própria proposta de um diálogo de perspectivas para a narrativa histórica.

O tempo da alma, e o tempo da natureza, por assim dizer, contrastam-se a partir destes dois ícones filosóficos, e o historiador não poderia realizar o seu trabalho a contento se se limitasse a uma ou outra destas concepções. O tempo torna-se “humano” precisamente quando é “organizado à maneira de uma narrativa”, e a narrativa extrai o seu sentido exatamente da possibilidade de “retratar os aspectos da experiência temporal”. Temporalidade e Narratividade reforçam-se reciprocamente (BARROS, 2012, p. 6).

História e narrativa se cruzam no recontar, transmitir uma mensagem, na ação da interpretação.

Toda narrativa ficcional, como também a História, tem seu cerne no vivido. A hermenêutica de Ricoeur se desenvolve tendo como base esse viver, estabelecendo uma correlação que chamaremos de mimeses.

Para entendermos o processo de compreensão textual, é necessário observarmos as três mimeses que formam o chamado círculo hermenêutico.

Proponho-me a desimplicá-los do ato da configuração textual e de mostrar o papel mediador desse tempo da tessitura da intriga entre os aspectos temporais prefigurados no campo prático e a refiguração da nossa experiência temporal por esse tempo construído. Seguimos, pois, o destino de um tempo prefigurado em um tempo refigurado, pela mediação de um tempo configurado (RICOEUR, 1994, p. 87).

A partir desse círculo temos as três mimeses que pretendem enxergar o texto em consonância com a própria vida: mimese I (prefiguração), mimese II (configuração) e mimese III (refiguração).

Tendo como obra analisada a narrativa de Suassuna, *A pedra do Reino*, observamos que seus personagens, dentre eles o protagonista Quaderna e o nosso Donzel, O Rapaz-do-Cavalo-Branco, estão inseridos em um contexto real, recriado a partir de um cotidiano comum ao leitor, que tomará posse daquele escrito, imbuído em fatos históricos que realmente se concretizaram como a da Pedra Bonita – denominada no romance de Pedra do Reino - as menções a rebeliões, como a de Princesa, dentre outros fatos acontecidos nos séculos XIX e XX. Esse primeiro passo que fixa naquilo que foi vivido é chamado de mimese I.

Outro fato, que mencionaremos posteriormente, desenvolvido na obra e que tem como figura o personagem Rapaz-do-Cavalo-Branco, é a questão do sebastianismo. Nessa questão, em particular, na tessitura do texto (mimese II) já vemos uma transformação, ou seja, o mito sendo transformado pelos próprios “líderes” dos reinos, envolvendo uma conotação político-religiosa de sustentação do poder (mimese III). A partir disso, o leitor age dentro da própria narrativa estabelecendo o que Ricoeur chama de círculo hermenêutico.

Assim, podemos perceber a história sendo a base de fundo para a ficção mencionada, prefigurando para, daí, termos a narrativa, ou seja, a intriga, criação do texto no qual é denominada Mimese II.

A mimese III seria a atividade de recriação do leitor. Desse modo, o mesmo apreende a narrativa historiográfica, o que também ocorre para a narrativa ficcional, recriando e colocando em prática em sua própria vivência. A figura do Rapaz-do-Cavalo-Branco, ao chegar a Taperoá, recria no imaginário daquele povo a figura messiânica do justiceiro,

consolador, um espécie de santo refigurando, desse modo, um novo olhar para o que chamamos de sebastianismo. Claro que o autor já intui isso dentro da obra confirmando ou não essa visão pelo leitor externo a mesma.

Ao discutir o processo hermenêutico a partir das mimeses, fica ainda mais nítida que a história, dos historiadores, pode ser chamada de narrativa como na ficção.

Ainda que a história acabe por ser história de longa duração, ao tornar-se história social, económica, cultural, ela permanece ligada ao tempo e dá conta das mudanças que ligam uma situação terminal a uma situação inicial. (...) Ao ficar ligada ao tempo e à mudança, fica também ligada à acção dos homens que, segundo Marx, fazem a história em circunstâncias que eles não criaram. Directa ou indirectamente, a história é a dos homens que são os portadores, os agentes e as vítimas das forças, das instituições, das funções, das estruturas em que estão inseridos (RICOEUR, 1977, p. 27).

Como podemos constatar, a história é constituída pela ação do homem, sendo dependente do tempo e espaço em que a mesma venha a ser escrita. Com isso, ela não consegue ser estática, paralisada no tempo, ela é contada e/ou recontada por outros agentes, tendo diversas finalidades, circunstâncias e resultados desejados ou não (RICOEUR, 1977).

Desse modo, Ricoeur não enxerga uma divisão entre a narração e a história, ele “irá insistir que o discurso do historiador pertence antes de tudo à ordem das narrativas, embora um tipo especial de narrativa, e não a um gênero de discurso analítico que pretende não se alimentar do modelo narrativo” (BARROS, 2012, p. 2). Para Ricoeur, o não-narrativo inexistente.

Se passarmos para o debate sobre a referência inerente a ficção e a história, podemos verificar um argumento que colocava em cheque a narrativa: a falta de compromisso com o mundo real. Essa alegação perde força, pois o que o texto de ficção faz é “refazer” esse mundo, confirmando ou recusando aspectos inerentes ao mundo real. Consequentemente, a arte tem esse papel de desfigurar, trazer uma desorganização na narrativa em relação com o real, porém sua ligação com o espaço extra texto é vista de maneira límpida, pois “se o mundo do texto não tivesse uma ligação assinalável com o mundo real, então a linguagem não seria “perigosa”, no sentido em que Holderlin o dizia de Nietzsche e de Walter Benjamin” (RICOEUR, 1977, p.30).

Se a narrativa tem sua referência, ou seja, forma-se a partir dos diversos contextos da realidade – modificando-a ou não, a história, consequentemente, não foge a essa mesma alusão.

o real passado é, no sentido da palavra, inverificável. Na medida em que ele já não existe, só *indirectamente* ele é visado pelo discurso da história. É aqui que se impõe o parentesco com a ficção. A reconstrução do passado, como Collingwood o afirmara com veemência, é obra da imaginação. O historiador, também ele, em virtude dos laços atrás referidos entre história e narração, configura intrigas que os documentos autorizam ou proíbem, mas que nunca contêm. (RICOEUR, 1977, p. 30).

A história utiliza os documentos como sua fonte, usando, assim, a coerência narrativa. Dessa maneira interpreta os fatos e, conseqüentemente, narra os mesmos. Sua referência será a sociedade de uma determinada época, mas na hora de externalizar aquele período utilizará como norte a ficção – experiência humana – em sua dimensão temporal.

Com a narrativa histórica proposta por Ricoeur, o que se busca não é, portanto, mostrar meramente o que se passou, mas sim estabelecer uma referência a este vivido e depois retornar a ele. Emergindo do vivido, a narrativa a ele retorna, transformando-o e transformando-se em um único movimento, de tal maneira que se pode dizer que a narrativa histórica é uma reflexão do Vivido sobre si mesmo, através das imprescindíveis mediações do historiador que constrói o texto e da atividade recriadora do leitor que recebe e ressignifica a obra historiográfica, compreendendo, através dela, a si mesmo e ao mundo (BARROS, 2012, p. 16).

Assim, só fazemos confirmar a visão de Ricoeur sobre a narrativa histórica não ser uma mera imitação do real, contrariando a visão proposta pelos primeiros historicistas, os historiadores positivistas ou os metódicos.

Conseqüentemente, a narrativa, “embora apoiada em referências reais, deverá ser claramente assumida como uma construção do historiador (na verdade uma construção também do leitor), uma vez que a intriga já se coloca desde o princípio como “imitação criadora”: representação construída pelo sujeito” (BARROS, 2012, p. 16).

Desse modo, ao compreender a constituição textual da obra, debateremos o gênero que a mesma pertence, sua origem e particularidades presentes na composição desse estilo literário.

2.2 O Romanceiro Popular

O Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta é a primeira obra intitulada romance escrita pelo autor Ariano Suassuna. Tendo uma grande produção literária em peças teatrais, Suassuna finalmente inaugura aquele seu projeto iniciado na

década de 50 e tendo apenas em 1971 a conclusão do mesmo, sendo o marco na literatura armorial nascente.

O Movimento Armorial tem seu início oficial em 26 de novembro de 1971, sendo a segunda exposição de arte armorial, realizada na Igreja do Rosário dos Pretos, o evento que confirmava “a proclamação de Suassuna” sobre a chegada do movimento (SANTOS, 2009, p. 21). A anúncio foi feita no ano anterior, no programa do Departamento de Extensão Cultural da Universidade de Pernambuco.

A arte armorial é conhecida por exaltar o Romanceiro Popular do Nordeste, o cordelista que invoca traços presentes na cultura nordestina, a cantiga de viola, a xilogravura, os elementos da fauna flora do sertão, os elementos monárquicos com suas lendas, dentre outros.

Sobre o Movimento Armorial, podemos situá-lo num

quadro regional, o Nordeste, espaço geográfico, histórico e mítico, comum aos cantadores e aos armorialistas na afirmação, sempre renovada, de sua “nordestinidade”. Essa presença da região continua sendo um elemento fundamental da criação popular que o Movimento Armorial adota, numa dimensão poética e pessoal mais do que sociológica, sem se tornar, no entanto, arauto de um regionalismo militante (SANTOS, 2009, p. 19).

O romance de Suassuna¹⁰ nasce nesse processo de consolidação de um movimento cultural de exaltação dos traços da cultura popular nordestina – Armorial – tendo vestígios oriundos das manifestações culturais trazidas por nossos colonizadores portugueses, os quais trouxeram na bagagem suas cantigas trovadorescas¹¹, suas novelas de cavalarias¹², suas crônicas¹³ dentre outros elementos artísticos que, mais tarde, com uma roupagem local, e retratando alguns temas oriundos desse período, transformaram-se nos poemas populares conhecidas, em especial, no Nordeste do Brasil.

¹⁰ “A gestação romance foi longa: os primeiros trabalhos datam de 1958, num período de criação teatral intenso. Em 1962, alguns episódios estão concluídos e pensa-se em utilizá-los como roteiro de filme. Finalmente, o *Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* é publicado em 1971, apresentando-se como a primeira parte de uma trilogia anunciada” (SANTOS, 2009, p. 48).

¹¹ Texto em verso do período denominado Trovadorismo. Possui características específicas “como individualismo, a superação da distância social pelo amor, a descrição de atributos femininos como a delicadeza, a sutileza e a suavidade” (RODRIGUES e SANTOS, 2012, p. 44).

¹² Sobre as novelas de cavalaria, “alguns estudiosos questionam sua origem, mas aceita-se que os berços do gênero sejam a Inglaterra e a França. Sua introdução em Portugal data do século XIII. A configuração que tomaram está relacionada com o processo de evolução das canções de gesta. Observa-se a evolução de uma forma de caráter memorialístico e individual, que deixou de se expressar cantada em verso, para outra, em prosa, para ser lida” (ibidem, p. 42).

O Trovadorismo foi o recorte histórico e literário dessa herança cultural atracada nas terras da antiga colônia portuguesa. A origem do nome remonta a Provença, local situado no sul da França, onde muitos trovadores (daí a origem do nome do período) aproveitavam a região, de grande atividade comercial, para divulgar suas poesias denominadas de cantigas.

Mas, em meio a esse percurso que começa no Trovadorismo – Idade Média - e adentra ao Renascimento, um gênero com traços líricos, épicos, dramáticos, ora em verso, ora em prosa se constitui, estamos falando do gênero intitulado de Romanceiro/Romance. O Romanceiro “é um gênero poético de origem medieval, composto por uma coleção de romances, obras narrativas que podem ser escritas em verso ou prosa” (VICTOR e LINS, 2007, p. 24).

Ao comentar sobre o romance tradicional e de origem ibérica, Santos define como “uma narrativa cantada com acompanhamento instrumental. Caracteriza-se por ser cantada, breve, tradicional, impessoal e de tom popular”. Porém existindo o sem verso e sem rima ou em prosa (2009, p. 108, apud ALMEIDA, 1957, p. 97).

O amor à pátria, as histórias do seu povo, ao folclore, aos cantares da gente simples, sertaneja, marginalizada, a vontade de retratar o Brasil real¹⁴ - pobre e marginalizado - massacrado e excluído pelo Brasil oficial¹⁵ - abastardo e opressor - fez com que Suassuna percebesse na figura de alguns autores clássicos e contemporâneos, dos eruditos aos mais populares, essa vontade de criar algo que mescle, que integre o popular com o erudito, evitando a exclusão, ou seja, a divisão social/cultural vista não só aqui, mas na grande maioria das nações do planeta.

Almeida Garret, nacionalista e grande escritor da Língua Portuguesa, foi um grande defensor da cultura nacional, dos costumes, da linguagem, desprezando as imitações tolas estrangeiras. Para Garret, sobre o estrangeirismo, “convêm estudá-lo no que é imitável, nacionalizando-os: mas o que faz gala de imitar às tontas os estrangeiros e desprezar os seus, não é só tolo, é ignorante e estúpido ...” (GARRET, 1969, p. 06).

Assim, constatamos a grande preocupação de Garret com o produto nacional, cerne do povo. E foi assim que ele, na introdução de sua obra “O Romanceiro”, expressou-se:

“O meu ofício é outro: é popularizar o estudo da nossa literatura primitiva, dos

¹³ Esse gênero é “normalmente escritos em latim, possuem valor literário pouco relevante, embora sejam os primeiros documentos historiográficos de Portugal e tenham importância indiscutível para o estudo da evolução da língua portuguesa” (RODRIGUES e SANTOS, 2012, p. 42).

¹⁴ SANTOS, 2009, p. 283.

seus documentos mais antigos, e mais originais, para dirigir a revolução literária que se declarou no país, mostrando aos novos engenhos que estão em suas fileiras, os tipos verdadeiros da nacionalidade que procuram, e que em nós mesmos, não entre os modelos estrangeiros, se devem encontrar” (GARRET, 1969, p.07).

Fica evidente a afinidade que Suassuna tem a respeito desse viés nacionalista e de amor aos gêneros considerados populares, de maior penetração na camada social menos abastada. Porém, assim como Garret, o autor *d'A Pedra do Reino* não queria só exaltar os mitos, lendas, poesias do povo, mas também incluir os gêneros considerados elitizados, incluir aquilo que era monárquico. Assim, com a Movimento Armorial, buscou-se uma integração entre o erudito e popular, processo parecido com Portugal do século XIII, período em que a língua portuguesa começava a se consolidar e, mesmo existindo diferenças, a arte do povo mais a arte da corte se confundiam.

Como porém no século XIII começa a aparecer a língua portuguesa propriamente dita, e nesse tempo já o estilo provençal tem o predomínio, as duas literaturas da corte e do povo vistas hoje a distância se confundem aos olhos inexpertos; mas o observador ilustrado bem depressa as extrema logo. (GARRET, 1969, p. 28).

A partir dessas referências podemos compreender o grande interesse de Suassuna em unir dois mundos separados pela falta do capital, fazer com que a arte do povo se integre com a da elite, um sonho materializado a partir do romance epopeico do Rapaz-do-Cavalo-Branco.

O personagem protagonista do enredo do *Romance d'A Pedra do Reino* chama-se Pedro Dinis Quaderna, é o mesmo que movimenta toda a história compartilhando relatos de seus antepassados na localidade denominada de Pedra do Reino, passando pela sua infância em Taperoá indo até seu estágio atual, com a chegada da cavalgada e a presença do Donzel, o Rapaz-do-Cavalo-Branco, porém grande parte desses depoimentos, que dão andamento a narrativa, acontece diante do corregedor, pois Quaderna é intimado a depor sobre o assassinato misterioso de seu padrinho D. Pedro Sebastião Garcia-Barreto e também sobre o caso do desaparecimento de Sinésio, filho mais novo da vítima. É a partir desse inquérito que o narrador-personagem, Quaderna, reafirma sua intenção de escrever um romance, porém um romance epopeico, “um Romance régio, ‘completo, modelar e de primeira classe’” (SUASSUNA, 2014, p. 342).

¹⁵ Ibidem, p. 285.

É na formação desse romance epopeico que presenciamos a exposição, pelo protagonista, do gênero já comentado antes: o romançal.

Romances de aventura ou romances de cavalaria estão presentes na obra *d'A Pedra do Reino* em vários capítulos-folhetos. Para observarmos a constituição da narrativa através da presença do Romanceiro popular, analisaremos algumas referências dentre as várias expostas explicitamente.

2.3 Citação popular na constituição *d'A Pedra do Reino*

Dentre os folhetos aos quais encontramos referências a esses romances, citaremos apenas quatro: História de Carlos Magno e os doze pares de França (folheto 11), Ai Valença! Guai Valença (folheto 12), O romance d'A nau catarineta (folheto 34) e Nosso Prinspe se perdeu (folheto 81).

“Depois que o Rei Carlos Magno
venceu a grande Campanha,
fez a Igreja de Sant'Iago,
padroeiro da Espanha,
e a de Nossa Senhora,
em Aquisgrã, na Alemanha.

Tomou dezesseis Cidades,
da Guerra saiu feliz!
Deu muitas graças a Deus
por conquistar um País:
Foi visitar a Alemanha,
daí tornou a Paris.

Acompanhado dos Pares
Reinaldo de Montalvão,
de Gui, Duque de Borgonha,
de Oliveiros e Roldão,
Guarim, Duque de Lorena,
e do Conde Galalão;

de Lamberto de Bruxelas,
Frisa, Rei de Gardená, Tietri,
Duque de Dardanha,
Gerardo e Urgel Danoá,
de Bosim, Duque de Gênova,
homens-bons no guerrear;

e o Duque de Regnér,
mais Engelo de Almirante,

e Nemé da Baviera,
Hoel e Riol de Nantes,
Reinaldo e Anselmo Fiel,
mais Oton, Príncipe de Anglante.

Aí passou Carlos Magno
vinte anos em campanha.
Acartelou os exércitos
d'Itália, França e Alemanha.
Mas lhe chega uma Embaixada:
novas guerras na Espanha!" (SUASSUNA, 2014, pp. 92-93)

O trecho acima é uma versão do romance de cavalaria sobre *A história de Carlos Magno e os doze pares de França* (Figura 02). Nela podemos observar a referência ao livro 3 – já que o original é dividido em cinco livros – onde se tem a narração de como o apóstolo São Thiago maior apareceu a Carlos Magno, às igrejas que construiu em homenagem ao santo, às batalhas vencidas e outras coisas prodigiosas (in: Site Caminhos do Romance, 1864, p. 05).

Figura 02: Capa de uma edição, de 1814, portuguesa do romance.



Fonte: Site Google.com, 2019

No romance de Suassuna, o narrador-personagem – Quaderna – faz referência a uma das versões encontrada no interior do Brasil, feita em verso, composta por João Melchíades, encantando-se pela presença do heroísmo, de suas cavalaria, a presença de reis, batalhas, coroas, transpassadas, assim, para aquele contexto monárquico construído no interior do Nordeste, no local chamado Pedra do Reino e na vila de Taperoá.

Quaderna também faz referência ao cavalo Tremendal, animal do Donzel que chegou a Taperoá, que no romance de cavalaria sobre Carlos Magno seria o animal de D. Beltrão, um dos cavaleiros de Carlos Magno.

Todos viram este Cálice
mas só um reverá.
É nosso Prinspe sagrado:
seu nome, quem saberá?
É Sinésio? É Galarraz?
Sebastião? Persival?

Por vinte anos e um dia
na Caatinga ele errará,
montado em seu poldro branco
que se chama Tremendal,
de Gibão, chapéu e esporas
- cabo de ouro em seu punhal! (SUASSUNA, 2014, p. 710)

Quem seria D. Beltrão, o cavaleiro valoroso de Carlos Magno? Na obra de Suassuna seria o Rapaz-do-Cavalo-Branco chegando naquela cavallhada, misterioso, mas dotado de características inerentes aos cavaleiros cristãos, como foi Dom Sebastião para Portugal, Galarraz para o rei Artur, imbuído sempre de uma missão relacionada a um bem coletivo, voltado sempre ao contexto de fundo sagrado e também político.

No folheto 12, temos, outra vez, uma versão feita pelo cantador conhecido em todo o sertão, João Mechíades (SUASSUNA, 2014). Classificado como “romances velhos e fora de moda, informa também a respeito do seu quadro folclórico de realização, as lutas entre cristãos e mouros” (SANTOS, 2009, p. 146).

“Ai Valença! Guai Valença
De fogo sejam queimada!
Antes fosses pelos Mouros
que pelos Cristãos tomada!
Ai Valença! Guai Valença!
Como estás bem assentada!
Antes que sejam três dias,
de Mouros serás cercada!” (SUASSUNA, 2014, p. 95)

O romance versado acima – *Ai Valença! Guai Valença!* – é uma transcrição das brigas entre cristãos e mouros que, no contexto local, eram representadas nas festas de Natal e Reis, onde o cordão encarnado representava os mouros e o azul os cristãos, chamada, na Paraíba, de Nau Catarineta.

Fazendo a ponte com os antigos romances épicos de origem hispânica – *Rey moro que reta a Valencia* - Gil Vicente, na sua peça – uma *Farsa chamada “Auto da Lusitânia”* – cita essa lamentação em sua obra que, conseqüentemente, foi abordada no *Romance d’A Pedra do Reino*.

Ai, Valença! Guai Valença,
De fogo sejas queimada!
Primeiro fostes de Moiros
Que de Christianos tomada.
Alfaleme na cabeça,
Em la mano uma azagaia,
Guai Valença! Guai Valença,
Como estás bem assentada;
Antes que sejam tres dias
De Mouros serás cercada (SANTOS, 2009, p. 147, apud VICENTE, 1965, p. 435).

No folheto 34, temos a presença do romance/cantiga da *Nau Catarineta*, que conta a triste história de um navio parado em alto mar, sem alimentos e sem água.

Suassuna tem como fonte as versões portuguesas de Almeida Garrett e Teófilo Braga quando inclui esse relato em sua atmosfera sertaneja.

Lá vem a nau Catrineta
Que vem muito que contar!
Ouvides, agora, senhores,
Uma história de pasmar.

Passava mais de ano e dia
Que iam na volta do mar,
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar.
Deitaram sola de molho
Para o outro dia jantar;
Mas a sola era tão rija,
Que a não puderam tragar.
Deitaram sortes à ventura
Qual se havia de matar;
Logo foi cair a sorte
No capitão general.
– Sobe, sobe, marujinho,
Aquele mastro real,

Vê se vês terras de Espanha,
As praias de Portugal
(GARRETT, 1969, p. 234).

A versão acima, de Garrett, faz alusão aos romances do ciclo odisséico – classificado dessa forma por Teófilo Braga - “evoque um navio-símbolo de todos os naufrágios” (SANTOS, 2009, p. 145).

No romance tradicional o navio, atacado por corsários franceses, é abandonado sem mantimentos no meio do oceano. Desse modo, atormentado “O capitão pede a um gajeiro” que o mesmo suba “ao mastro para vigiar o aparecimento de terra. Este é o diabo, que oferece salvar o navio em troca da alma do capitão” (SANTOS, 2009, p.145).

Quaderna, ao cita a narrativa, a denomina como um “maravilhoso romance-epopeico, marítimo e bandeiroso” abordado na conversa com Samuel, um dos personagens do romance *d’A Pedra do Reino* (SUASSUNA, 2014, p. 222).

“Ouçam, meus Senhores todos,
uma história de espantar!
Lá vem a Nau Catarineta
que tem muito que contar.
Há mais de um ano e um dia
que vagavam pelo Mar:
já não tinham o que comer,
já não tinham o que manjar!
Deitam sortes à ventura quem se havia de matar:
logo foi cair a sorte no Capitão-General!
— Tenham mão, meus Marinheiros!
Prefiro ao Mar me jogar!
Antes quero que me comam ferozes Peixes do mar
do que ver Gente comendo carne do meu natural!
Esperemos um momento,
talvez possamos chegar.
Assobe, assobe, Gajeiro,
naquele Mastro real!
Vê se vês terras de Espanha,
e areias de Portuga
(SUASSUNA, 2014, p.220).

Como podemos observar, poucas modificações foram sentidas entre a versão de Garrett e a citada pelo personagem no texto literário.

O folheto 81, último de nossa lista, trará o relato de um mito. Nele encontraremos uma história cheia de saudosismo e nacionalismo, esperança na volta de um líder desaparecido nas terras dos Mouros.

Almeida Garrett, ao se referir ao quinto período da poesia original portuguesa, menciona a grande influência castelhana e de sua literatura no início do século XVII. Nesse momento histórico, o povo português se encontrava apático àquelas novas narrativas, porém esta empatia acaba sendo desfeita a partir de uma visão libertária movente naquele período.

Assim, foi a partir das “trovas e profecias que lhe falavam de um libertador, de um vingador, de um salvador que a Providência tinha reservado à nação portuguesa, e no qual se haviam de cumprir as imaginadas e suspiradas promessas do campo de Ourique” que o gosto pela poesia voltou a tomar conta dos portugueses (GARRETT, 1969, p. 30).

É a partir dessa profecia que grande parte do *Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do sangue do Vai-e-volta*, de Ariano Suassuna, desenvolve-se, fazendo referência ao rei Dom Sebastião, morto/desaparecido no norte da África.

“Nosso Rei foi se perder
nas terras do Malpassar.
Deitam sortes à Ventura
quem o havia de buscar.
O Cavaleiro escolhido
não se cansa de chorar:
vai andando, vai andando,
sem nunca desanimar,
até que encontrou um Mouro
num Areal, a velar.
— Por Deus te peço, bom Mouro,
me digas, sem me enganar,
Cavaleiro de armas brancas
se o viste aqui passar.
— Esse Cavaleiro, amigo,
diz-me tu, que sinal traz.
— Brancas eram suas Armas,
seu cavalo é Tremedal.
Na ponta de sua Lança
levava um branco Cendal,
que lhe bordou sua Noiva,
bordado a ponto real.
— Esse Cavaleiro, amigo,
morto está, neste Pragal,
com as pernas dentro d’água
e o corpo no Areal.
Sete feridas no peito,
cada uma mais mortal:
por uma, lhe entra o Sol,
por outra, entra o Luar,
pela mais pequena delas
um Gavião a voar!
Mas é engano do Mouro,
Nós vamos nos aliar:
o nosso Rei encantou-se
nas terras do Malpassar

e, um dia, no seu Cavalo,
nosso Rei há de voltar!” (SUASSUNA, 2014, pp. 691-692).

Como podemos averiguar, a carga profética da volta desse líder político ganha uma dimensão grandiosa tanto no contexto português quanto no contexto da obra analisada. Desse modo, temos uma “recusa da morte do príncipe e uma profissão de fé na sua volta, que lembra imediatamente a fórmula sebastianista”, ou seja, temos não só o caráter político como, também, o religioso fazendo referência a um messianismo/sebastianismo desenvolvido tanto em Portugal como nas variantes encontradas no Brasil (SANTOS, 2009, p. 157).

No *Romance d’A Pedra do Reino*, o Rapaz-do-Cavalo-Branco é aguardado com grande entusiasmo pelos seus partidários que sonham

com o dia em que o jovem Prinspe Alumioso conseguiria vencer seus inimigos cruéis e desconhecidos, voltando à sua terra, para - como se esperava dele desde menino – causar a perda dos poderosos e fazer a felicidade de todos os pobres, desgraçados, infelizes e deserdados da sorte no sertão do Cariri (SUASSUNA, 2014, p. 373).

Temos, no romance de Suassuna, esse personagem histórico – príncipe Dom Sebastião - encarnado na figura do Rapaz-do-Cavalo-Branco que volta depois de alguns anos com o objetivo de fazer justiça e requerer aquilo que é dele por direito. Seu retorno também é visto como um evento fundamental para o resgate da dignidade daquele povo, como se fosse um “Santo” que traria um tempo de paz e prosperidade perdido desde a morte de Dom Sebastião Garcia-Barreto.

Antes de compreendermos como se deu esse processo dentro da narrativa, veremos o que foi o sebastianismo, sua origem, a presença desse mito no Brasil e como o personagem Rapaz-do-Cavalo-Branco se apropria a essa onda messiânica advinda das terras portuguesas.

3. O MILENARISMO/MESSIANISMO E O MITO DE DOM SEBASTIÃO

Neste capítulo iremos abordar o milenarismo/messianismo, o mito de Dom Sebastião, rei de Portugal, sua abordagem em contexto brasileiro a partir dos fatos ocorridos na região conhecida como Pedra Bonita, movimento sebastianista de grande repercussão no Nordeste do Brasil, e, por fim, como se dá a presença desse mito na narrativa *d'A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna, fazendo uma ponte sobre a literatura e os fatos exposto em documentos oficiais. Para isso, utilizaremos as discussões dos seguintes teóricos: Souza Leite (1904), Pires (1969), Eliade (1992), Hermann (1998), Moura (2002), Capuano (2003), Abel (2005), Godoy (2005, 2007), Delumeau (2009), Santos (2009), Filho (2013) e Suassuna (2014).

Para compreendermos melhor o contexto que envolve o Rapaz-do-Cavalo-Branco, será necessário conhecermos o que a figura de Dom Sebastião significou em Portugal, onde o mito é criado, chegando até o Brasil pelas mãos dos nossos colonizadores, observando as variações que o mesmo adquiriu durante esse trajeto.

Abordar o mito de Dom Sebastião, o herói português que nasce com a missão de proporcionar um resgate da hegemonia nacional, é, também, perceber o que essa figura representa para aquele povo e para outras nacionalidades que terão acesso a essa narrativa messiânica. Desse modo, a discussão de um messianismo com traços milenarista, de resgate a um tempo de glória, paz e prosperidade, de uma nação forte e livre das ameaças de um inimigo vizinho se confundem com relatos de um ser sagrado que promete trazer um novo tempo de justiça social, um cavaleiro, o monarca de Portugal, Dom Sebastião, seguido pelo seu exército, rei que desaparece na batalha de Alcácer Quibir, no norte da África.

El-rei colocou-se na vanguarda, à frente de uma cavalaria na ala esquerda, sendo a ala direita comandada pelo Duque de Aveiro; Dom Sebastião procurou manter a organização da batalha, e ao primeiro rompimento de fogo do inimigo a cavalaria portuguesa acometeu, abrindo largas brechas na hoste moura. Houve um momento vitorioso em Alcácer. Mas uns momentos de indecisão e a voz de “ter,ter!” do sargento-mor Pero Lopes, bastaram para a superioridade numérica do adversário prevalecer sobre a bravura dos portugueses, que foram dispersados. [...] Do rei pouco se sabe. A história fixou que ele combateu denodadamente e se embrenhou pela hoste inimiga até mais não ser visto. O resto do seu destino perdeu-se na incerteza e na lenda. Na memória nacional ficou o seu grito, “morrer, mas morrer devagar!” e uma grande página de dor e de luto na História (PIRES, 1969, p. 56).

Esse episódio emblemático produziu um impacto profundo em toda nação portuguesa, criando, desse modo, uma lenda. A partir dessa lenda, começou uma incansável

espera no retorno do monarca, fazendo do mesmo um mito que ultrapassa as fronteiras portuguesas. Seu retorno marcaria o início de um novo tempo para os portugueses, o rei que inauguraria o Quinto Império¹⁶, um tempo de glórias e resgate definitivo da autonomia portuguesa.

Esse retorno do rei se materializa, no *Romance d'A Pedra do Reino*, na figura do Rapaz-do-Cavalo-Branco. Ele chega a Taperóa em uma cavalgada, montado em seu cavalo Branco, como Dom Sebastião se apresentou na batalha contra os mouros. Esse ideal messiânico tomou conta da vila, situada no interior da Paraíba, pois grandes mistérios sangrentos se abateram na mesma: o assassinato de um ilustre morador daquele espaço – Dom Pedro Sebastião Garcia Barreto – e, conseqüentemente, o desaparecimento do seu filho mais novo, Sinésio, encontrado morto na cidade da Paraíba.

- Sinésio, o alumioso Donzel que é herói deste meu Canto, era o terceiro e último filho de Dom Pedro Sebastião Garcia-Barreto, poderoso e rico Fidalgo sertanejo que passou à Crônica paraibana com o honroso título de “o Rei Demente e Profético da Legenda Ensanguentada do Sertão”. Esse “rico-homem” foi assassinado na sua “Fazenda da Onça Malhada”, no aziago dia 24 de Agosto de 1930, quando o nosso Reino do Sertão dos Cariris Velhos estava inteiramente conflagrado, incendiado e devastado pela “Guerra de Princesa”, travada naquele ano de 30 entre os Sertanejos e o novo governo do presidente João Pessoa (SUASSUNA, 2014, p. 359).

Como constatamos na citação acima, o confronto político, juntamente com atentados sangrentos, mergulhou o local em um ambiente de extrema batalha pelo poder, onde o representante dos sertanejos acaba sendo assassinado, fazendo com que aquele povo perca um líder e também a pacificação que se tinha antes do crime exposto.

Assim, essa guerra acaba tendo uma correlação com as batalhas dos cristãos contra os mouros, “bem” contra o “mal” - do ponto de vista dos cristãos portugueses - adquirindo uma dimensão mítica na qual tomará outra direção com a volta do líder sagrado na figura do “prinspe” montado em seu cavalo branco.

Para compreender a mística que envolverá o personagem Rapaz-do-Cavalo-Branco e a trama messiânica presente no contexto literário de Suassuna, faz-se necessário uma discussão ampla sobre esse mito e seus desdobramentos além-mar que produziu uma ampla agitação não mais pela independência, mas por justiça social de um povo.

¹⁶ Unificação do mundo em um grande reino inaugurado por um monarca português. Em meados do século XVI, essa teoria teve como principal representante, em Portugal, o rei encoberto Dom Sebastião.

3.1 Origem do Milenarismo/Messianismo

O romance de Ariano Suassuna faz uso de uma profecia apocalíptica bastante difundida em toda a Europa em vários períodos da história: o milenarismo/messianismo.

Segundo Delumeau, desde os primeiros séculos da era cristã, religiosos, em seus discursos e escritos, transmitiam a preocupação da volta do messias e os mil anos de prosperidade e paz que o mesmo traria antes do julgamento final (milenarismo). Essa teoria apocalíptica teve como defensores líderes e santos da Igreja Católica como São Justino (por volta do ano 150), Santo Irineu (por volta do ano 180), Santo Agostinho dentre outros religiosos e leigos. A princípio, Agostinho adere à teoria, mas depois denuncia a mesma.

O esperado inauguraria esse período novo, de reconciliação, de perdão, de fartura para, assim, depois desse tempo advir o juízo final. Mas esse messias, com o passar dos séculos, obteve vários nomes e foi promessa em vários reinos, originando relatos distintos da mesma corrente.

Na Alemanha, nasceu e perdurou a crença de que Frederico II ia ressuscitar. Vingador das injustiças, ele seria o “imperador dos últimos dias”. (...) na Inglaterra de Cromwell, os “homens da Quinta Monarquia” e os *diggers* (ou *terrassier*) de Winstanley, também eles convencidos de que era preciso apressar a chegada da última era do mundo durante a qual os santos reinariam com Cristo retornado (DELUMEAU, 2009, p. 307).

Como podemos observar, o messias muda de nome, de nacionalidade, mas a sua missão continua praticamente inalterado: inaugurar o tempo dos mil anos de justiça e paz.

Sobre a chegada desse novo tempo, Eliade enfatiza esse período de paz como sendo um milênio de profundo gozo no qual o demônio se encontrará acorrentado. Essa visão foi exposta pelo apologista cristão Lactâncio¹⁷ antes mesmo de sua conversão ao cristianismo.

¹⁷ “(...) Apologista cristão Lactâncio, (...) viveu entre os anos de 240 e 320 no contexto do chamado Baixo Império Romano. (...) ele nasceu muito provavelmente (TEJA, 2000, p.07) na cidade africana de Cirta no ano de 240 d.C. e veio a falecer em 320 d.C. não sabemos onde. (...) De 303 a 305 Lactâncio permanece então na cidade de Nicomédia. Pelo o que sabemos, já era cristão e não foi molestado por causa de sua fé; porém, ele observa o ambiente de perseguições aos cristãos de boa parte do Império e passa a guardar material de experiência para escrever em futuro próximo a sua obra *De mortibus persecutorum*. (...) Sua obra teológica assoma a monumental *Instituições Divinas*, grande livro dogmático formado por sete volumes. Outros, não tão monumentais quanto aquele, são o próprio *De mortibus persecutorum*, o *De opificio Dei*, *De ira Dei* e *Epitome*” (ALEXANDRE, 2015, p. 1-3).

Deus criou o mundo em seis dias, e, no sétimo, descansou; portanto, o mundo deve durar seis eternidades, durante as quais o ‘mal conquistará e triunfará’ sobre a Terra. Durante o sétimo milênio, o príncipe dos demônios será acorrentado, e a humanidade conhecerá mil anos de descanso e justiça perfeita. Depois disso, o demônio conseguirá escapar de suas correntes e dará reinício à guerra contra os justos; mas, finalmente ele será vencido, e, no término do oitavo milênio, o mundo será recriado para a eternidade (ELIADE, 1992, p. 110).

Observamos que o apologista, nos primórdios do cristianismo, já fazia referência aos textos apocalípticos na sua visão sobre os fins dos tempos, parafraseando alguns elementos advindos da tradição iraniana. A citação acima é bastante parecida com alguns trechos bíblicos que foram fontes para a interpretação milenarista/messiânica de muitos religiosos. Dentre eles podemos citar o capítulo 20 do livro do Apocalipse de São João, no qual relata a descida dum anjo possuindo a chave do abismo em que “o Dragão, a primitiva serpente, que é o demônio e satanás” será acorrentando “por mil anos” até que seja “solto por um pouco de tempo” (APOCALIPSE 20, 1-3).

Com relação aos elementos da tradição iraniana, temos a referência a um Deus que enviará um salvador e, assim, junto com os seus destruirá o demônio e seus seguidores. Desse modo, constatamos que os mensageiros do fim, no contexto cristão, utilizam muito dos elementos de outras vertentes religiosas, já que alguns, como Lactâncio, converteram-se há pouco tempo ao cristianismo.

Tentar precisar o tempo que esse novo ciclo começará foi algo almejado por muitos estudiosos, religiosos e líderes políticos.

(...) Vieira, situando-se com antecedência no tempo abençoado que profetiza, admira o desígnio divino que escolheu Lisboa como capital da terra degenerada: ‘O céu, a terra e o mar concorrem, nesse admirável sítio, para a grandeza universal do império e para a harmonia, também universal, dos súditos’. Lisboa é ‘o sítio mais proporcionado e mais apto à destinação que lhe escolheu o Supremo Arquiteto: a construção desse alto edifício [o império do mundo]’” (DELUMEAU, 2009, p. 311).

Dentre eles, como vimos na citação acima, temos o padre Antônio Vieira, jesuíta português, que acaba elegendo Lisboa como a capital do novo reino, espiritual e temporal, estipulando datas para o início desse período: 1670, 1679 ou 1700.

Tendo como parâmetro as discussões já expostas, fica claro o papel do milenarismo: apenas aguardar a vinda daquele que restaurará o mundo por um período específico. Mas,

onde se encaixa o messianismo? Tem como essas duas teorias andarem de mãos dadas?

O messianismo, que profetiza uma transformação do mundo em que se vive, acontece a partir de um líder que transmitirá mensagens do “messias”, anunciando a volta do mesmo que, conseqüentemente, mudará a conjuntura social e religiosa daquele plano.

Assim, podemos perceber que milenarismo e messianismo, apesar de se diferenciarem quanto à presença de um anunciador, buscam um objetivo comum: ânsia de uma transformação temporal. Desse modo, essa mudança seria

um produto somente de uma percepção de tempo histórico linear-narrativo, e não circular, pois “a ideia de um contínuo recomeçar também se opõe à de um estado de perfeição final; e a noção de que o mundo é e será sempre tal e qual não dá azo à ação, visando modificá-lo, que é a essência do movimento messiânico” (FILHO, 2013, pp. 186-187 apud PEREIRA DE QUEIROZ, 1976, p. 127).

Nesse sentido, a disposição temporal é algo indissociável entre as duas categorias citadas. É a partir desse colóquio que, ao falar do mito do rei encoberto, iremos presenciar características messiânicas e, também, milenaristas.

É certo que as ondas milenaristas/messiânicas já estavam tomando conta de Portugal, como vimos nas profecias citadas anteriormente, mas um fato novo faz com que o messianismo tome um novo fôlego naquelas terras: a morte de D. Sebastião, o rei desejado. Assim, para entendermos melhor esse processo, enfatizaremos o processo de consolidação desse mito em terras lusitanas nos séculos XVI e XVII.

3.2 O mito do eterno retorno do rei Dom Sebastião

Neste subcapítulo, dialogaremos sobre o sebastianismo enfatizando a noção de mito, como o mesmo nasce em terras lusitanas e, por fim, seu ponto de encontro com a narrativa de Suassuna, dando ênfase a alguns personagens que estarão ligados ao Rapaz-do-Cavalo-Branco.

Esse Donzel, espécie de cavaleiro místico que chega a Taperoá, identifica-se com o monarca português Dom Sebastião, fazendo uma ponte com a tendência messiânica - que mais tarde terá traços milenarista - bastante difundida em Portugal: o retorno do rei D. Sebastião, morto na batalha de Alcácer Quibir, norte da África.

Esse episódio acabou produzindo uma crença que comoveu não só os lusitanos, mas também brasileiros que acabaram tendo contato com esse credo.

O mito do retorno do rei desaparecido, daquele que era o motivo do êxito, das conquistas e prosperidade de determinado povo, configura-se numa tendência messiânica denominada, no caso de Portugal e, mais tarde no Brasil, de sebastianismo.

Mitos são as narrativas orais que abordam, geralmente, a origem e/ou o fim de algo. Transmitidas de geração em geração, essas histórias, geralmente, tem a presença de um Deus ou herói que tem a função, a partir de uma ótica sagrada, de explicar a complexidade de toda existência.

Dentre os vários tipos de mitos, abordaremos o cosmológico e escatológico.

Segundo Abel, citando Mircea Eliade, o cosmo

possui uma vida linear, com um começo e um fim únicos; a essa visão foi associada à temporalidade linear usada pela história, baseada no “axioma” de que o passado é algo de irreversível, lidando com acontecimentos únicos, imutáveis, jamais repetidos; as escatologias, doutrinas proféticas de fim de mundo, essencialmente presentes em seitas milenaristas, parecem também ter colaborado na formação dessa temporalidade tão presente nas utopias modernas de matriz judaico-cristã (ABEL, 2005, p. 72-73).

O mito da criação do mundo e, conseqüentemente, o seu fim são narrativas que, desde os primórdios de diversas sociedades, foram transmitidas e recebidas como discursos inquestionáveis, pois sempre presenciamos algo de sagrado nos mesmos.

Enquanto o mito cosmológico se preocupa em narrar a origem do mundo, com suas leis definidas e inquestionáveis, o escatológico lida com o fim, com o processo de corrupção e esgotamento do cosmos¹⁸ profano para o ressurgimento do definitivo, daquele livre de toda corrupção provocada pelo tempo e, também, pelo homem.

A partir do mito escatológico, temos alguns movimentos que vêm anunciar esse fim tão profanado por gerações. Dentre eles, presenciamos o mito de D. Sebastião, rei desejado de Portugal, nele verificamos um misto cosmológico e escatológico, pois sua figura representou esperança para uma nação forte e livre da ameaça do Estado vizinho (Espanha), como sendo a garantia da manutenção da autonomia da nação portuguesa, mas também foi apontado como um messias, aquele que governará até o momento da consumação final.

¹⁸ Mundo, universo.

O nascimento de Dom Sebastião parece colocar fim a um período de escuridão e apreensão em torno do destino do reino português. Este pequeno acontecimento se revela imenso, por significar um momento no qual, mesmo sendo relâmpago, consegue fazer coincidir, novamente, os desejos da coroa portuguesa com os do povo (GODOY, 2005, p. 29).

Desse modo, verificamos que a chegada de Dom Sebastião torna-se um acontecimento que vem trazer alívio a corte, por conservar “o poder institucional, social e territorial” garantindo “a independência portuguesa diante das ameaças externas e internas”. Por outro lado, o povo também respirou aliviado com a chegada do tão desejado rei, que veio para manter Portugal como potência mundial (GODOY, 2005, p. 29).

O nascimento de D. Sebastião já revela um pouco de seu destino como monarca solitário. Nasce órfão, pois seu pai, D. João, falecera dias antes do seu nascimento com apenas 20 anos. A morte prematura de entes da coroa portuguesa se dava pelos constantes matrimônios realizados entre parentes consanguíneos. O medo de perder o domínio da coroa favorecia esse enlace, consequentemente a saúde da realeza se tornava cada vez mais debilitada, fazendo com que muitos acabassem morrendo jovens.

Com a morte dos membros de sua realeza, problemas financeiros causados pelas viagens marítimas e ataques aos árabes, Portugal corria o risco de acabar perdendo sua soberania. A chegada de um herdeiro seria a salvação para a recuperação do domínio do trono e isso acontece com a chegada de D. Sebastião, que veio a crescer em um ambiente de profunda desconfiança com relação a sua educação, já que a influência castelhana o cercava.

Com apenas três anos em 1557, d. Sebastião é aclamado rei em junho, quando assumiu a regência do trono sua avó, d. Catarina, não sem resistência dos que viam na figura da irmã de Carlos V a ameaça da dominação castelhana. Todos os autores são unânimes em apontar a divisão da nobreza em dois grandes blocos, um liderado pela rainha e o outro pelo cardeal Henrique, irmão do rei que faleceu sem deixar testamento (HERMANN, 1998, p. 78).

A ascensão de D. Catarina na condição de regente trazia preocupação à coroa lusitana, porém, após cinco anos, a rainha renuncia e quem acaba assumindo até que o rei complete catorze anos é o cardeal D. Henrique, irmão vivo do rei D. João.

Ao completar catorze anos (Figura 03), D. Sebastião é coroado rei de Portugal e, nesse mesmo ano, termina seus estudos.

Figura 03: Nascido em 20 de janeiro de 1554, D. Sebastião começou a governar aos catorze anos de idade, em 1568.



Fonte: Livro No Reino do desejado (1998, p. 79).

Pouco interessado às letras e às ciências, o novo rei dirige suas energias em exercícios violentos, mas sua condição física muitas vezes o impedia de praticar os mesmos, pois o rei adoecia constantemente.

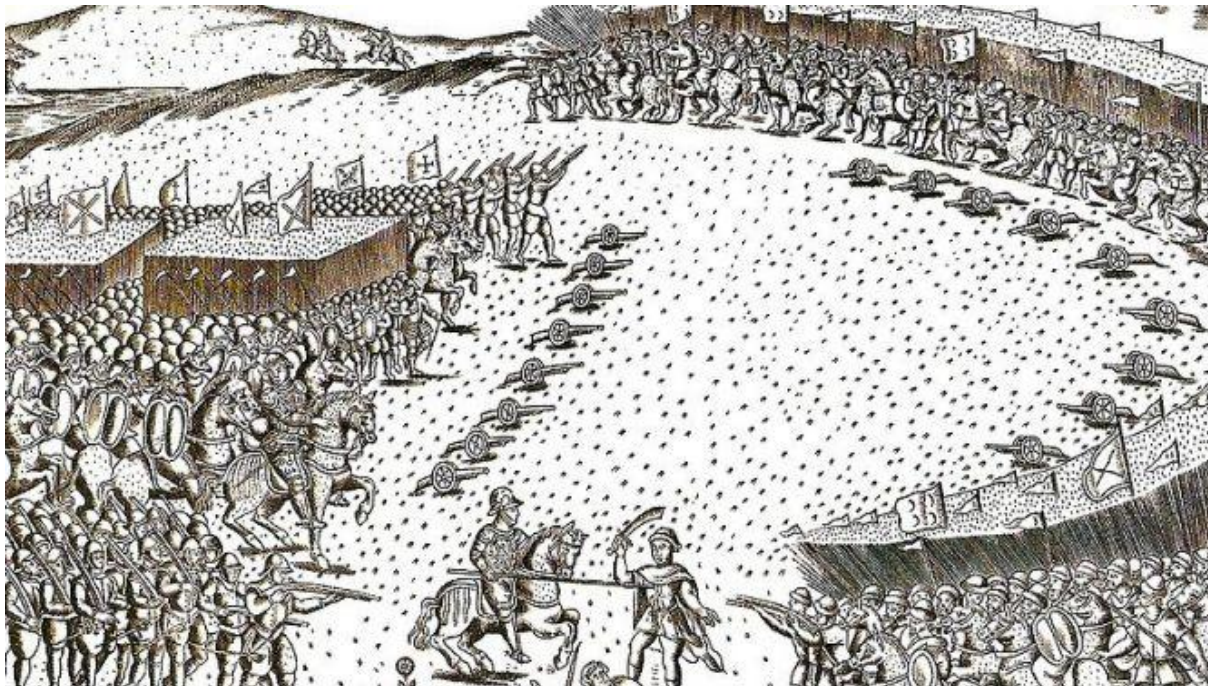
O desejo de expandir o domínio português e de levar a mensagem da cristandade em terras africanas dominadas pelos mouros, fez com que D. Sebastião, instruído até os catorze anos por padres jesuítas da companhia de Jesus, montasse uma expedição onde o mesmo seria “o primeiro cavaleiro” (CAPUANO, 2003, p. 123).

Depois de prover os recursos humanos e financeiros, D. Sebastião parte para África em 14 de junho de 1678.

D. Sebastião embarcou na galé real a 14 de junho de 1678, calorosamente saudado pelo povo, mas a frota só partiu de Lisboa no dia 24, devido ao mau tempo. O trajeto seguido levou a armada portuguesa a Lagos, depois a Cázir, Tânger, Arzila e finalmente Alcácer Quibir. O número de navios que compôs a frota lusitana, comandada por d. Diogo de Sousa, variou, segundo os cronistas, de quinhentos a mil, assim como o número de combatentes esteve entre 14 e 20 mil, incluindo infantaria e cavalaria (HERMANN, 1998, p. 116).

A batalha em Alcácer Quibir (Figura 04) é marcada pela derrota do exército português que não suporta a ofensiva muçulmana e acaba sendo cercada pela mesma. Ao desenhar uma meia-lua, os mouros impossibilita a retirada da tropa lusitana.

Figura 04: Representação do cerco sofrido por d. Sebastião diante das tropas mouras, em Alcácer Quibir. Procura ilustrar a inexperiência e precipitação de d. Sebastião na liderança do exército português, causas da humilhante derrota.



Fonte: Livro No Reino do desejado (1998, p. 119).

D. Sebastião recusou-se a abandonar sua tropa e continuou atacando, mas aos poucos foi abandonando aquele projeto sumindo em meio dos inimigos.

Com a derrota de Portugal e a morte do rei, que não deixou herdeiro ao trono, toda a preocupação com relação à soberania do reino retorna. D. Henrique torna-se rei aos 66 anos, mas com o seu falecimento Portugal acaba sendo governada por um estrangeiro.

Com a perda do domínio português, a morte do príncipe desejado e a esperança do povo em ver seu rei retornado, mesmo depois de tantas celebrações e exumações do corpo do soberano, gerou uma crença na volta daquele que restauraria a autonomia de Portugal retirando do domínio da Espanha.

D. Sebastião inauguraria um novo tempo, o Quinto Império, um período de paz, como vimos na teoria milenarista, de justiça. Assim, “a concretização dessa profecia dependeria apenas da vontade do rei que se achava oculto, encoberto numa ilha, escondido numa caverna ou disfarçado de mendigo, purgando as culpas e pecados do reino” (HERMANN, 1998, p. 188).

Essa espera pelo monarca português, pelo cavaleiro sagrado do Quinto Império, repete-se no contexto literário do *Romance d'A Pedra do Reino*. Na obra, esse período de deserto acontece depois de um trágico assassinato, seguido de uma espera messiânica.

Depois de cinco anos do assassinato misterioso de Dom Pedro Sebastião Garcia-Barreto, uma penumbra de medo e mistério pairava na pacata vila de Taperoá. A descoberta do corpo de seu filho mais novo – Sinésio – e a ganância do mais velho – Arésio – transformava aquele contexto em algo parecido com o que ocorreu em Portugal com a morte de Dom Sebastião: perda da soberania para a parte da família pertencente a outra nacionalidade, ou seja, a Castela.

Arésio era o filho mais velho e o mais problemático de Garcia-Barreto, ele “nunca se dera muito bem com o Pai, porque ambos tinham gênio violento e estranho e, ao mesmo tempo, eram diferentes na maneira de exercer essa violência!” (SUASSUNA, 2014, p. 372).

A inveja que o primogênito tinha com relação a Sinésio fez com que o mesmo se tornasse umas das suspeitas pelo desaparecimento do irmão e, conseqüentemente, morte do pai.

Muitos moradores de Taperoá acreditavam que Sinésio não estava morto, que o mesmo apenas foi preso pelo Governo, já que o crime contra seu pai tinha indícios que poderiam envolver membros da política local. Geralmente essa parcela da população era a menos abastada, composta por vaqueiros, ciganos, cantadores, prostitutas, dentre outros que tinham no filho mais novo de Dom Pedro Sebastião Garcia-Barreto a esperança que viesse acabar com toda a trama formada por seu irmão mais velho.

“Sinésio está preso, escondido pelo Governo e pela Polícia-secreta deles, no subterrâneo que os Holandeses construíram, da Igreja de São Francisco até o Forte de Cabedelo!”

- “E pode-se, lá, chamar esse boato ridículo de notícia?” – retrucavam, indignados, os partidários de Arésio. – “Quem é que garante a existência desse subterrâneo? Quem foi que, algum dia, já entrou nele? Ninguém! Esse subterrâneo não passa de uma invenção do Povo ignorante desta terra infeliz que é a Paraíba!” (SUASSUNA, 2014, p. 373).

Os seguidores de Arésio, membros da Aristocracia rural e burguesia urbana, a todo momento desconsideravam das hipóteses feitas pelos correligionários de Sinésio. A volta de alguém que já estava morto era algo que só os fracos e pobres daquele local poderiam cogitar, porém a esperança na volta do filho mais moço do rei degolado ainda persistia mesmo depois de anos daqueles ensanguentados fatos.

Se de um lado temos um monarca português que “morre” em batalha, porém se espera seu retorno como um salvador da autonomia perdida, por outro lado temos o assassinato de um líder político e o sumiço de seu filho predileto que, para parte significativa da população, voltará trazendo a justiça e a paz violentadas a partir daquele misterioso crime.

Desse modo, verificamos que ondas milenaristas/messiânicas não permaneceram apenas na Europa, atracaram em terras brasileiras. Podemos citar vários movimentos que surgiram com esse protótipo sebastianista, porém abordaremos o caso da Pedra Bonita, no interior de Pernambuco, feito que trouxe muitas promessas, como em Portugal, mas também muita violência retratando uma realidade marcada por submissões, perdas e injustiças sociais.

3.2.1 Pedra Bonita, sebastianismo no Nordeste

Antes da trama envolvendo Dom Pedro Sebastião Garcia-Barreto e seu filho Sinésio, temos os relatos sobre o que aconteceu no local chamado de Pedra Bonita, na obra de Suassuna temos a rememoração através do nome Pedra do Reino. Lá, orientados por um determinado líder, seguidores da crença começaram, como os adeptos de Sinésio, a aguardar a volta do rei encoberto, Dom Sebastião, que viria libertá-los das mazelas que assolavam a população pobre daquele local.

Esses fatos ocorreram na primeira metade do século XIX na Serra do Rodeador (1818-1820) e no sítio da Pedra Bonita (1836-1838), sertão do Pajeú de Flores (atual município de São José de Belmonte), em Pernambuco. Foi nesse pedaço do nordeste que houve a concretização de movimentos messiânicos inspirados na lenda de Dom Sebastião, rei de Portugal. Esses acontecimentos se desenvolveram a partir do engajamento de parte da população local, evidenciando o caráter coletivo ligado as camadas populares, diferenciando-as das comunidades aos quais lhes cercavam.

Antes dos movimentos ocorridos na região da Pedra Bonita, temos a formação de uma comunidade conhecida como *Cidade do Paraíso Terrestre*, que se fixou na Serra do Rodeador, distrito de Bonito, em Pernambuco. Fundado por Silvestre José dos Santos (conhecido por “Mestre Quiou” ou “O Profeta”), a Irmandade de Bom Jesus da Pedra transmitia a crença na volta de D. Sebastião. Desse modo, constroem uma capela junto de uma laje considerada “encantada”, onde supostamente uma “santa” transmitia a promessa da volta do monarca que estabeleceria um tempo novo, livre das mazelas, onde os pobres se tornariam ricos e todos seriam imortais.

Evidenciamos, já nesse primeiro manifesto sebastianista, o caráter milenarista/messiânico que os relatos do sertão nordestino brasileiro vêm a nos comunicar. Sobre isso, Negrão, ao conceituar messianismo e seus movimentos enfatiza que essas manifestações são necessariamente

típico-ideais, por se referirem à realidade observável e não por produzirem-na ou de esgotarem-na, e isso mesmo no caso em que os autores entendam seus conceitos como empíricos. Dessa forma, (...) diz respeito à crença em um salvador, o próprio Deus ou seu emissário, e à expectativa de sua chegada, que porá fim à ordem presente, tida como iníqua ou opressiva, e instaurará uma nova era de virtude e justiça (NEGRÃO, 2015, p. 49).

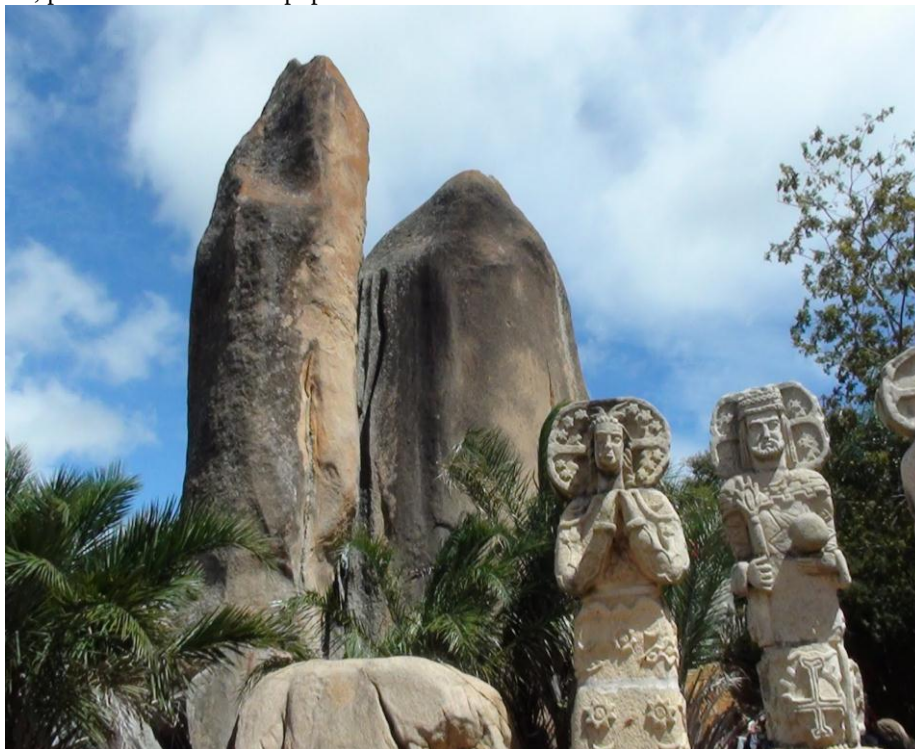
A expectativa de uma nova realidade, uma nova “Terra”, guiada por esse líder restaurador, fez com que grande parte dos despossuídos, aqueles que sofriam com a sombra da exclusão, aderissem e se sacrificassem por um futuro glorioso. Por isso, não apenas um, mas outros manifestos surgiram com a mesma “atuação coletiva (por parte do povo em sua totalidade ou de um segmento de porte variável de uma sociedade qualquer) visando a concretizar a nova ordem ansiada, sob a condução de um líder de virtudes carismáticas” (NEGRÃO, 2015, p. 49). Esse líder seria o encoberto, Dom Sebastião.

No *Romance d’A Pedra do Reino*, podemos observar, de maneira bastante clara, a figura do Rapaz-do-Cavalo-Branco como sendo a encarnação desse líder carismático, pois sua aparição se associa à figura do jovem esperado, aquele que provocará uma quebra daquele sistema ao qual parte da população estava presa, fazendo memória ao Príncipe Alumioso, Sinésio, no qual sua volta viria simbolizar um novo tempo naquele espaço corroído pelos últimos feitos.

Desse modo, ao constatar a presença daquele cavaleiro em seu cavalo branco, parte da população começa a levantar hipóteses sobre quem seria aquele jovem, se o mesmo não poderia ser o Prinspe Alumioso: Sinésio.

Os outros levantes populares aconteceram no sítio denominado de Pedra Bonita. Foi neste local que João Antônio dos Santos, através de supostos sonhos, reuniu a população local para propagar que as duas formações rochosas (Figura 05) localizadas naquela região na verdade eram torres do castelo de um reino que estava para chegar, realeza encantada que proporcionará a redenção de todo o povo carente daquela região.

Figura 05: Pedra Bonita: complexos de rochas localizado em São José de Belmonte, PE, palco de movimento popular sebastianista.



Fonte: Livro Dom Sebastião no Brasil (2005, p. 179).

Os sonhos que João Antônio relatava seriam revelações advindas do rei desejado de Portugal, aquele que desapareceu na batalha de Alcácer Quibir, declarações essas que transmitiam a chegada de um reino de riquezas incomparáveis.

Segundo Moura, ao citar Souza Leite, João Antônio possuía um poder de convencimento bastante forte sobre o povo, e nas suas pregações sempre carregava um folheto português que contava a história do rei de Portugal, Dom Sebastião, e da promessa infalível da sua volta para, assim, restaurar toda a sua nação.

Aqueles discursos começaram a surtir efeito em todo sertão pernambucano, arregimentando uma verdadeira multidão de seguidores os quais se encantavam com os supostos relatos de riqueza e prosperidade daquele reino que estava próximo, trazendo redenção para aquela gente.

Dentre as promessas que eram lançadas nas reuniões promovidas pelo seguidor sebastianista, tínhamos as seguintes: “as pessoas negras, ficariam ‘alvas como a lua, imortais, ricas e poderosas; se eram velhas, vinham moças, e da mesma forma ricas, poderosas, e imortais, com todos os seus’” (MOURA, 2002, p. 84).

Assim, alguns fazendeiros e grande parte das pessoas humildes acabavam ajudando o profeta João Antônio, tendo, desse modo, a esperança de paga dobrada quando, finalmente, acontecesse o desencantamento do reino da Pedra Bonita.

Conta Leite que, até para conseguir se casar com uma bela moça, o mentor do sebastianismo sertanejo utilizou a profecia para lograr êxito, dizendo que o seu casamento com Maria, uma bela jovem do local, possibilitaria o desencantamento imediato daquele lugar sagrado, argumento usado para tentar convencer os pais da moça a autorizar o matrimônio.

Ao conseguir um grande número de adeptos e também o convencimento da família de Maria para que finalmente se casasse, João Antônio se viu na mira de um poderoso inimigo: a Igreja Católica. Com a presença de missionários no lugar, o sebastianista acabou confessando suas mentiras ardilosas retirando-se do lugar com Maria.

Dois anos depois da fuga de João Antônio, seu seguidor e cunhado, João Ferreira, acabou assumindo a liderança do grupo, proclamando-se rei daquele lugar “sagrado”. Para que seus seguidores acreditassem cegamente em seu contato constante com Dom Sebastião, o suposto rei distribuía, a quem gostaria de “ver” o monarca português, uma mistura de jurema e manacá com a adição de aguardente. Desse modo, seus adeptos ficavam vendo imagens, ouvindo sons, pois essa mistura tem um comprovado poder alucinógeno, fazendo com que seus seguidores acreditassem estar na presença de Dom Sebastião.

Mas as práticas persuasivas daquele líder não paravam de ser superadas, chegando ao ponto de afirmar que o rei português, bastante triste, comunicou-lhe que só o sangue humano poderia ser usado para lavar a pedra e, assim, proporcionar sua volta.

aquele reino era de muitas glórias e riquezas, mas como tudo que era encantado só se desencanta com sangue, era necessário banhar-se as pedras e regar-se todo o campo vizinho com sangue dos velhos, dos moços, das crianças, e de irracionais; que isto, além de necessário para Dom Sebastião poder vir logo trazer as riquezas, era vantajoso para as pessoas, que se prestavam a socorrê-lo assim (SOUZA LEITE, 1904, p. 229).

Muitos sacrifícios aconteceram com a ilusão da concretização de todos os benefícios prometidos proporcionado, finalmente, pelo desencanto da pedra. Mas João Ferreira acaba caindo na sua própria armadilha e, conseqüentemente, é levado, pelos adeptos que vieram a perceber as mentiras que o mesmo afirmava, a também se sacrificar para proporcionar o desencanto do monarca português, como relata Godoy:

É detido e tem um fim brutal, quando é arrastado ao sacrifício, deposto, tendo o seu crânio esmigalhado e arrancados suas entranhas. Depois é conduzido para fora do campo santo e tem seu corpo amarrado, pés e mãos, ao tronco de duas grossas árvores (2007, p. 142).

Quem assume seu posto é Pedro Antônio, irmão do primeiro profeta mencionado anteriormente, mas logo o grupo de Manuel Pereira da Silva – chefe político do lugar – avisado por um vaqueiro que fugiu dos sacrifícios ocorridos na Pedra Bonita, dismantela toda a seita desenvolvida naquela região, matando a maioria dos homens, colocando na prisão os sobreviventes.

Os relatos acontecidos no interior de Pernambuco são mencionados na obra *d'A Pedra do Reino*. É a partir da descendência do narrador, Quaderna, que identificamos essa relação íntima que o personagem tem pelos relatos que ocorreram naquele espaço e traz uma compreensão sobre o que está por acontecer em Taperoá. Essa recusa da morte do líder/príncipe e sua incansável espera são vistas desde os reinos da pedra até o reino de Taperoá, fazendo com que percebamos que toda a narrativa gira em torno de uma fórmula sebastianista, que tem seu ápice na chegada do Donzel do Cavalo Branco a partir do folheto LV do livro denominado “Os três irmãos sertanejos”.

3.3 A lenda sebastianista n'A Pedra do Reino

O desenvolvimento dos primeiros folhetos (os capítulos são denominados dessa forma) do romance aborda os reinos que se desenvolveram na região da Pedra do Reino, esses relatos são contados pelo protagonista Pedro Dinis Ferreira- Quaderna. O mesmo enfatiza, quando começa a contar sua história de dentro da cadeia de Taperoá, que descende desses reis sanguinários que dominaram aquela região do sertão nordestino.

Para que ninguém julgue que sou um impostor vulgar, devo finalmente esclarecer que, infeliz e desgraçado como estou agora, preso aqui nesta velha Cadeia da nossa Vila, sou, nada mais, nada menos, do que descendente, em linhas masculinas e direta, de Dom João Ferreira-Quaderna, mais conhecido como El-Rei Dom João II, O Execrável, homem sertanejo que, há um século, foi Rei da Pedra do Reino, no sertão do Pajeú, na fronteira da Paraíba com Pernambuco. Isso significa que sou descendente, não daqueles reis e imperadores estrangeirados e falsificados da Coroa de Bragança, mencionados com descabida insistência na *História Geral do Brasil*, de Varnhagen: mas sim nos legítimos e verdadeiros Reis brasileiros, os Reis castanhos e cabras da Pedra do Sertão, que cingiram, de uma vez para sempre, a sagrada Coroa do Brasil, de 1835 a 1838, transmitindo-a assim a seus descendentes, por herança e decreto divino (SUASSUNA, 2014, p. 34).

A ligação com a monarquia sertaneja da Pedra do Reino proporciona um orgulho incomparável a Quaderna. Para Dinis, pertencer à descendência daqueles que constituíram a “sagrada Coroa do Brasil, de 1835 a 1838, transmitindo-a assim a seus descendentes, por herança de sangue e decreto divino” é algo de extraordinária magnitude, pois o mesmo seria a continuação daqueles grandiosos reinos do sertão (SUASSUNA, 2014, p. 34).

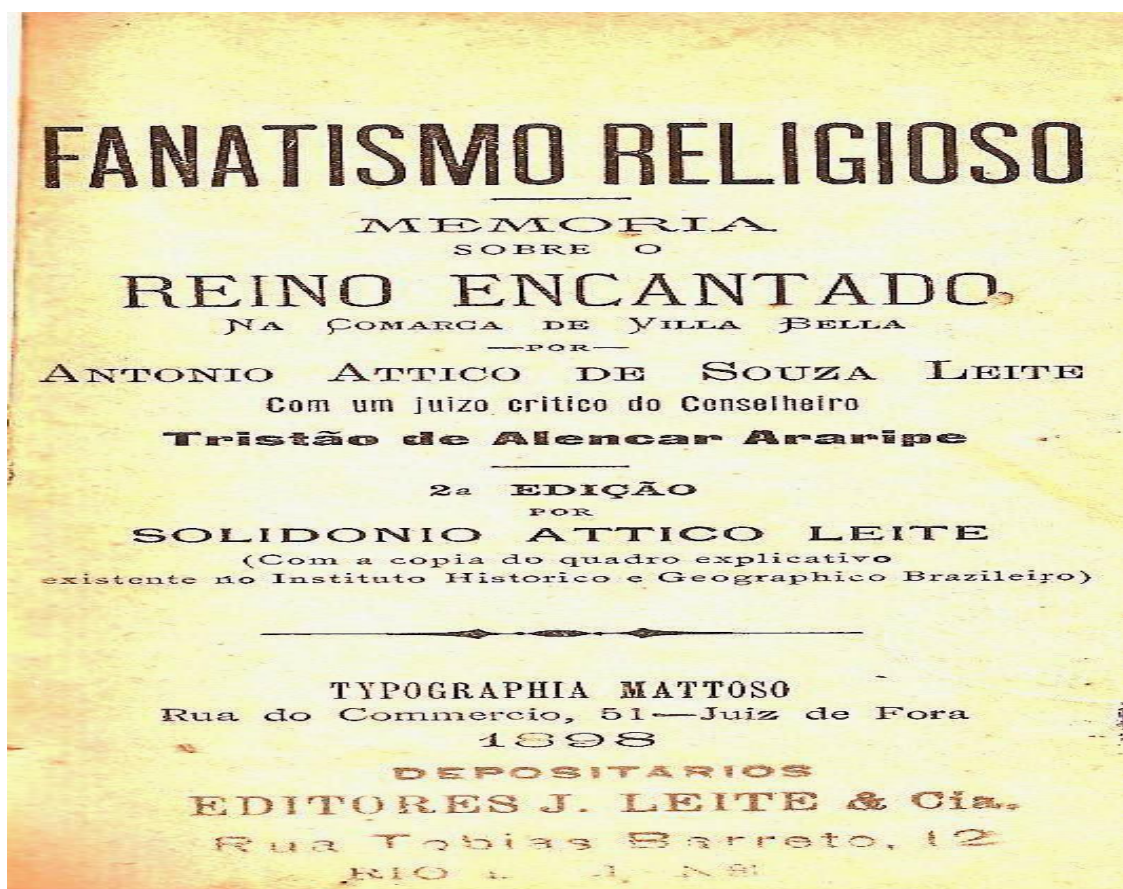
Para sustentar a veracidade de sua descendência da Coroa do Brasil, Quaderna cita documentos oficiais que vem a comprovar todos os fatos desenvolvidos naquela região. Desse modo, observamos a citação de Antônio Ático de Souza Leite¹⁹ como um dos escritores brasileiros que relata todo o desenrolar das ondas sebastianista no sertão de Pernambuco. Na obra de Suassuna, esses fatos são vistos nos capítulos-folhetos sobre os cinco impérios contados por Quaderna, o herdeiro daquele trono sagrado da pedra encantada, e o mesmo que, dentro da obra literária, abordará autores clássicos que escreveram sobre os grandes acontecimentos daquele lugar, afirmando sua veracidade.

Para narrar essa história, valer-me-ei o mais que possa das palavras de geniais escritores brasileiros, como o Comendador Francisco Benício das Chagas, o Doutor Pereira da Costa e o Doutor Antônio Ático de Souza Leite, todos acadêmicos ou consagrados e, portanto, indiscutíveis: assim, ninguém poderá dizer que estou mentindo por mania de grandeza e querendo sentar de novo um Ferreira-Quaderna, eu, no trono do Brasil, pretendido também – mas sem fundamento! – pelos impostores de Bragança. Faço isso também porque assim, nas palavras dos outros, fica mais provado que a história da minha família é uma verdadeira Epopeia (SUASSUNA, 2014, p. 63).

Dentre os escritores mencionados pelo protagonista, Doutor Antônio Ático de Souza Leite abordará em seu texto intitulado *Memórias sobre a Pedra Bonita ou Reino Encantado na comarca de Villa Bella Província de Pernambuco* (Figura 06), publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco, em 1904, a narrativa dos líderes messiânicos que, usando a história do rei encoberto, engana a muitos, em especial aqueles despossuídos de recursos – mestiços, negros, índios, pobres, trabalhadores braçais – que vinham naquelas promessas a chance de sair daquela vida de exclusão e sofrimento.

¹⁹ “Dos autores consultados - historiadores e sociólogos - quase não existe menção aos documentos relativos à Pedra Bonita. Trabalhos importantes como os de Pereira da Costa e Waldemar Valente nada mencionam, limitando-se a esclarecer que tomam seus apontamentos com base em Ático. Entre aqueles que indicam as fontes trabalhadas inclui-se Gustavo Barroso e, mesmo assim, um tanto genericamente” (MOURA, 2002, p. 96).

Figura 06: Capa de "Memórias sobre a Pedra Bonita ou Reino Encantado na comarca de Villa Bella Província de Pernambuco", de Antônio Ático de Sousa Leite, publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco, em 1904.



Fonte: Blog Estória e História, p. 2015.

Com a promulgação de uma nova realidade para a população carente da região, muitos dos explorados que residiam na região sertaneja de São José de Belmonte/PE começaram a seguir uma liderança, que encantava a todos com objetos e direcionamento em relação ao local da revelação do sagrado, denominada de rei – como também é marcada tal denominação no *Romance d'A Pedra do Reino* - da pedra fazendo com que os grandes fazendeiros comessem a perder mão de obra e, conseqüentemente, procurarem um meio para impedir que aquele fenômeno esvaziassem ainda mais suas propriedades (ver carta publicada em um jornal da época no anexo).

Um fato presente tanto na obra literária quanto nos fatos verídicos relatados por Leite, é a promessa dado ao(s) súditos/povo com relação ao seu esforço em busca do desencanto do Rei antigo. “Dali, ele pregava a ressurreição daquele Rei antigo, sangrento, casto e sem mancha, que foi Dom Sebastião, O Desejado. Pregava também a revolução, com a degola dos poderosos e a instauração de novo Reino, com o Povo no poder” (SUASSUNA, 2014, p. 69).

A promessa que os supostos representantes do rei encoberto transmitiam ao povo, de dias melhores, libertação de toda aquela servidão aos mais abastados, fazia com que muitos aderissem aos reinos da pedra, porém, como vimos nos relatos das manifestações sebastianistas da Pedra Bonita, nos escritos de Leite, e na narrativa do romance de Suassuna, a cada império, mais promessas que não eram concretizadas e mais sacrifícios eram impostas aos pertencentes ao reino/seita.

O **Primeiro Império** (Folheto VI) – reinado “curto” de “Dom Silvestre I, O Rei do Rodeador”, 1819, cujo trono era “uma Pedra sertaneja, Catedral, Fortaleza e Castelo” (corresponde ao movimento da Serra do Rodeador, liderado por Silvestre José dos Santos).

O **Segundo Império** (Folheto VII) – reinado de “Dom João I, O Precursor”, 1835, mais tarde passaria a “Dom João Antônio, prior do Crato” (corresponde ao movimento liderado por João Antônio Vieira dos Santos, na comarca de Flores).

O **Terceiro Império** (Folheto VIII) – reinado de “D. João II, O Execrável”, de 1836 a 1838 (movimento da Pedra Bonita, liderado por João Ferreira).

O **Quarto Império** (Folheto IX) – reinado de “somente um dia” (17 de maio de 1838) de “Dom Pedro I, O Astucioso” (corresponde à efêmera sucessão a João Ferreira, durante a “matança em Pedra Bonita, pelo cunhado Pedro Antônio).

O **Quinto Império** (Folheto X) – reinado ficcional de Quaderna, auto-intitulado “Dom Pedro IV, O Decifrador”, e que se efetivará na passagem do “século do Reino” – contexto histórico em que se desenvolve a narrativa do Romance d’A Pedra do Reino. O estabelecimento de seu reino ganha uma característica distinta, pois volta para o plano literário (SANTOS, 2009, p. 129).

Retirando o quinto império, que na obra literária seria o império literário do Quaderna e nos relatos de Souza Leite seria o tempo da volta do encoberto (Dom Sebastião com todos os benefícios prometido pelos seus profetas), temos uma correlação entre os fatos verídicos, ocorridos na região de São José de Belmonte, interior de Pernambuco, com os fatos mencionados na obra *d’A Pedra do Reino*: líderes/reis ambiciosos, sanguinários que se sustentavam com o discurso da volta de um messias, Dom Sebastião, monarca português, que traria um novo tempo.

Essa espera por um monarca que renovará o cosmos inaugurando um tempo (Quinto Império) sem amarras de exclusão e iniciando um momento de paz e abundância - um novo paraíso terrestre - transforma-se em um discurso que acaba criando espécies de heróis imbuído de carismas, os líderes da Pedra, vistos como reis, monarcas de um reino pedregoso (no romance *d’A Pedra do Reino*).

Temos, nessa relação líder-liderados, uma junção de fatores de caráter social, político e, sobretudo, religioso. É a partir do discurso religioso que a mensagem milenarista/messiânica é aceita por todos que aderem aquele movimento/império, apesar das reivindicações feitas pelo povo serem de caráter social como alerta Robson Gomes Filho citando Norman Cohn.

O mundo de exaltação milenarista e o mundo da inquietação social não coincidiam, mas sobrepunham-se. Acontecia muitas vezes que determinados sectores pobres eram cativados por um profeta milenarista. Neste caso, o desejo habitual dos pobres por melhores condições de vida confundia-se com as quimeras de um mundo renascido para a inocência através do massacre final apocalíptico. [...] Inspiradas por tais quimeras, multidões de pobres embarcavam em empresas que eram completamente diversas das costumadas revoltas de camponeses e artesãos, com objetivos limitados e locais (FILHO, 2013, p. 194 apud COHN, 1981, p. 12).

Dessa maneira, seduzidos pela perspectiva de uma nova realidade, muitos se abandonavam ao discurso do profeta - representante divino - pois o mesmo, a partir de sua visão sedutora, convencia para, assim, reproduzir uma escalada de objetivos com o fim de concretizar seus interesses que em nada significava melhores condições de vida dos adeptos à seita/império. Estava no cerne daquelas mensagens uma manutenção de privilégios através de um discurso carismático.

A legitimidade do líder carismático²⁰, seja ele profeta, mago, herói revolucionário, etc., deriva, portanto, não da tradição de cargos, ou da autoridade pré-estabelecida da posição social que ocupa. Ao contrário, o portador dos dons carismáticos (em sua forma pura e inicial, ou seja, ainda não rotinizado na forma de cargo, ou instituição) se opõe a toda forma de manutenção do cotidiano. Mais ainda, aquele que lidera uma dada comunidade por conta de seu carisma necessita provar a todo instante que sua missão possui algo de extracotidiano, algo de transcendente, de divino. A prova dos dons carismáticos, segundo Weber, é um fator primordial na manutenção da dominação carismática, uma vez que sem ele seu portador corre o risco de perda de reconhecimento da comunidade. (FILHO, 2013, p. 189).

Faz-se necessário que os dons carismáticos do líder sejam transmitidos, é a partir desse fator que temos a manutenção dessa dominação. Contudo, acabando “o reconhecimento do povo, o senhor é um simples homem particular e, se pretende ser mais, um usurpador culpável.” (FILHO apud WEBER, 1999, p. 326).

²⁰ Essas definições seguem as concepções de Maria I.P. de Queiroz, em sua obra *O Messianismo no Brasil e no Mundo*, 1965, mas não são estranhas à maioria dos autores.

É no intuito da legitimização que o líder/rei começa, como vimos nos relatos de Souza Leite e nos impérios da obra de Suassuna, uma preocupação em tentar demonstrar por meio de sonhos, objetos e no uso do sacrifício (Figura 07) – nesse caso sacrifício humano – a veracidade desse (s) movimentos e na volta do sagrado (Dom Sebastião) que libertará e dotará de bens e imortalidade a todos que seguirem aquele seu representante na terra.

Figura 07: Gravura da Pedra do Reino representando o Terceiro Império (o mais sangrento de todos) relatado por Quaderna no Romance d'A Pedra do Reino. Na frente da Pedra temos os restos mortais dos sacrifícios ordenado pelo rei Dom João Ferreira-Quaderna, O Execrável. Vê-se, à direita, com cetro e manto, o rei, bisavô de Quaderna, à esquerda, a princesa Isabel, sendo degolada.



Fonte: Livro Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta (2014, p. 70).

Como os sacrifícios e demais feitos eram tidos como verdade absoluta pelos liderados, os mesmos se entregavam na esperança da ressurreição, de ter o contato com o sagrado, outros eram obrigados a seguirem aquele destino, pois mesmo tendo dúvidas, não hesitavam em obedecer.

Como nos relatos de Souza Leite, no *Romance d'A Pedra do Reino* os impérios são destituídos a partir da intervenção da Igreja oficial – Católica Apostólica Romana – ou a partir de traições que, desse modo, levam a um fim sangrento para a maioria dos líderes.

Na verdade só escapa ileso um dos “heróis” da Pedra, os outros são assassinados com requintes de crueldades, sendo derrubados pelo próprio discurso sebastianista ou pelas tropas do Estado.

Como podemos averiguar, as diversas promessas feitas não são concretizadas já que o encoberto, o ser sagrado detentor do poder de restaurar aquela realidade, não retorna, causando ainda mais dor e sofrimento. Mas será que essa espera terminou? O povo da Pedra Bonita ainda hoje aguarda pelo messias? E no romance de Suassuna?

A morte de Dom Pedro Sebastião Garcia-Barreto também é imbuída por questões políticas, porém, a priori, não presenciamos traços, até então, messiânicos nesse fato. É só a partir do desaparecimento de Sinésio e na convicção que o mesmo volte para concretizar justiça no crime de seu pai e também perante seus partidários, que observamos a crença mítica se encarnar no mesmo. Em torno de Sinésio muitas promessas são referidas, mas tudo se transforma a partir da chegada do Donzel do Cavalo Branco.

Se o Quinto Império ainda não chegou para a realidade de São José de Belmonte, no mundo literário de Quaderna ele já se faz presente. E é nesse contexto que desenvolveremos a última parte dessa análise: perceber como a rememoração do mito acontece na vila de Taperoá, como se dá a vinda do sagrado e o seu posicionamento diante dos acontecimentos sangrentos ocorridos e se o mesmo fará justiça social tão almejada pela população sertaneja local e prometida pelas várias narrativas sebastianistas.

4. A CHEGADA DO MESSIAS NA VILA DE TAPEROÁ: O RAPAZ-DO-CAVALO-BRANCO E A CAVALARIA MISTERIOSA

Neste capítulo iremos abordar a manifestação ora política, ora sagrada da chegada do Donzel em seu cavalo branco, aquele esperado por uma parte significativa da população, os chamados partidários de Sinésio, cambiteiros, ciganos, vaqueiros, prostitutas, cangaceiros, cantadores, ou seja, todos os que sofriam com o desprezo e abandono do Estado.

Mesmo depois do assassinato de Dom Pedro Sebastião Garcia-Barreto e do desaparecimento e provável assassinato do seu filho mais novo, Sinésio, essa parcela da população – mais pobre – ainda confiava no retorno de alguém que pudesse restabelecer a normalidade perdida depois daqueles episódios, com isso, não acreditavam no assassinato de Sinésio, tinham a esperança que ele pudesse voltar para impedir seu irmão, Arésio, de assumir a fazenda de seu pai e fazer justiça perante a sua memória.

Desse modo, tudo começa a mudar com a chegada da estranha cavalgada. Composta por cavalos, jaulas, carretas, tendas, cavaleiros e animais selvagens, a cavalgada trazia elementos sertanejos misturados a elementos monárquicos, um desfile imponente que deixou toda a vila paralisada diante daqueles cavaleiros misteriosos.

Mais do que tudo, porém, pairava no ar, sobre aquela esquisita tropa de bichos, carretas e Cavaleiros, uma atmosfera de feira-de-cavalos; de sortilégios e encantamentos; de companhia de Circo; de comboio-de-mal-assombrados; de cavalaria de rapina; de comércio de raízes, augúrios e zodíaco; e tudo isso, junto, lembrava, logo, uma tribo de Ciganos sertanejos em viagem (SUASSUNA, 2014, p. 36).

Aquele misto de elementos, que compunham o desfile misterioso, trazia consigo características que confirmavam a teoria esperançosa dos partidários do filho caçula de Dom Pedro Sebastião: a chegada do líder que mudará toda aquela realidade de crime e sangue.

Basta que lhe diga que era composta quase toda de Ciganos, vestidos de gibões medalhados e cravejados. Vinham, nela, onças, veados, gaviões e cobras, trazidos em carretas ou caixões. Ela vinha precedida por duas bandeiras, uma com onças e contra-arminhos, outra com coroas e chamas de ouro em campo vermelho. Havia quatro homens que pareciam os mais importantes, os chefes e pessoas de pró dela: um frade-cangaceiro, Frei Simão de nome, o Doutor Pedro Gouveia da Câmara Pereira Monteiro, Luís Pereira de Souza (mais conhecido como Luís do Triângulo) e o Rapaz-do-Cavalo-Branco (SUASSUNA, 2014, p. 398).

A composição por ciganos, com roupas parecidas com as de vaqueiros, cangaceiros, dentre outros elementos presentes na cavalgada, possibilitou uma identificação clara entre os adeptos de Sinésio e os cavaleiros que formavam aquele agrupamento. Assim, ao vislumbrar aquele episódio, na véspera do dia santo de Pentecostes, parte dos moradores, da pequena vila do sertão dos cariris da Paraíba do Norte, ficaram em êxtase, uma mistura de medo e alegria, esperança e desespero tomaram conta de toda cidade.

É a partir desse episódio que adentra a cidade o misterioso Rapaz-do-Cavalo-Branco, depois de cinco anos do atentado que dizimou a vida de Dom Pedro Sebastião Garcia-Barreto e, conseqüentemente, proporcionou o desaparecimento de Sinésio, que chega, à véspera de Pentecostes, como um enviado por Deus para muitos que ali residem, um Donzel, como os grandes da Távola Redonda, que percorria reinos em busca de justiça. É neste 1º de Junho de 1935 que uma luz esperançosa ilumina Taperoá. Mas, que justiça é essa vislumbrada pelos moradores da vila? Como será seu posicionamento diante dos acontecimentos do passado e, conseqüentemente, do presente?

A partir desses questionários também se faz necessário observar como se dá a rememoração do mito sebastianista e se o prometido, em várias versões do mito, se concretiza na obra.

Assim, a partir dos questionamentos e observações acima, daremos continuidade na parte final do trabalho utilizando as contribuições de teóricos como Vaz (1993), Mirande (1998), Hermann (1998), Costa (2001), Demurger (2002), Delumeau (2009), Santos (2009), Souza (2010), Suassuna (2014), Galvão (2015) e Negrão (2015).

4.1 Da cavalaria arturiana à cavalgada de Taperoá: Galaaz e o Rapaz-do-Cavalo-Branco

A figura do Rapaz-do-Cavalo-Branco e sua simbologia dentro da narrativa de Suassuna nos remetem ao período histórico no qual as virtudes cristãs eram associadas à figura do cavaleiro, aquele escolhido em dias sagrados, que lutava contra reinos inimigos, geralmente não cristãos, e buscava incessantemente o divino.

Nesse período, denominado medieval²¹, a sacralização da figura do cavaleiro foi intensificada. A presença predominante do poder da Igreja possibilitou até mesmo a criação

²¹ Período da história da Europa entre os séculos V e XV.

de uma guarda específica formada por cavaleiros dispostos a proteger e viver os dogmas estabelecidos pelo cristianismo. A partir daí, foi criada uma ordem religiosa-militar chamada de Templários²².

Essa guarda católica (Figura 08) inaugurou um novo tipo de força que, tendo a princípio a função de proteger os romeiros que peregrinavam a Jerusalém, veio a se constituir, efetivamente, com as cruzadas (peregrinação armada para libertar Jerusalém das mãos dos infiéis, ou seja, os não cristãos).

Figura 08: Iluminura medieval dos Templários, dando ênfase às vestimentas de cor branca e as armas, em uma frente de batalha denominada de Cruzada. O símbolo cristão da cruz em destaque nas roupas e escudo (escudo branco com a cruz vermelha).



Fonte: Site ensinarhistoriajoelza.com.br, 2019

Os Templários, chamado de cavalaria de Cristo, reuniam cavaleiros que viessem a aderir ao cristianismo, ou seja, não precisavam se tornar monges para pertencerem à ordem e, conseqüentemente, obter sua salvação, porém a renúncia à cavalaria secular e adesão à luta cristã redimiria toda a trajetória pecaminosa de outrora.

O movimento da paz de Deus chamava a seus deveres aqueles que, nessa ordem, comportavam-se mal, os cavaleiros. A trégua de Deus, canalizando e

²² Segundo Demurger, foi a ordem religioso-militar mais bem organizada do ocidente. Eles eram o modelo para muitos expoentes da época. Assim, aqueles que aderiam à organização o faziam por três razões: fugir do pecado mundano, fazer o serviço de Cristo na terra e, por fim, buscar a pobreza e fazer penitências para a salvação das almas do mundo inteiro.

limitando sua violência, impunha uma prova aos cavaleiros. A cruzada consumava essa evolução oferecendo ao cavaleiro um caminho de resgate, um caminho próprio rumo à salvação que ele podia percorrer sem abandonar sua condição (DEMURGER, 2002, pp. 22-23).

Desse modo, um fato, imposto pela Igreja, acabou contribuindo para a adesão de muitos cavaleiros à nova cavalaria: as tréguas de Deus²³, que se referiam aos dias santos ou períodos de retiro espiritual. Nessas ocasiões os cavaleiros eram proibidos de praticarem atos de violência, possibilitando uma cristianização de muitos desses homens, preparando-os para a adesão de uma nova ordem, na qual veio a se concretizar com as guerras santas. Assim, temos a formação de uma cavalaria monástico-militar.

Na literatura, a presença desse viés religioso proporcionou a criação de contos e lendas de cavalaria, *Távola Redonda*²⁴, que se tornaram histórias em que a mensagem cristã predominava.

As investiduras, que antes eram práticas leigas feitas por profissionais do exército, acabaram se tornando uma prática sagrada por parte do clero, resultando em um evento de importância equivalente a um sacramento.

E talvez o revestir da armadura que, até então, fora uma cerimônia leiga realizada no grupo de profissionais das armas que, deliberadamente, tivessem decidido cooptar um novo companheiro, tenha começado a comportar um reconhecimento religioso por parte de uma Igreja que já há algum tempo (e disso nos certifica o pontifical romano-germânico de Magúncia, no século X) costumava benzer as armas, à semelhança do que fazia com os instrumentos de trabalho e de uso diário. (SOUZA, 2010, s/p apud CARDINI, 1989, p. 60).

Desse modo a figura do cavaleiro era concebida como um exemplo de dignidade, força, respeito e, acima de tudo, temor a Deus.

No círculo arturiano²⁵, mas precisamente nas obras literárias referente ao rei Artur e

²³ Esses períodos “tratavam-se de limitar a violência cavaleiresca no tempo, em função do calendário das festas cristãs. As ações guerreiras e as agressões eram proibidas certos dias da semana (sexta-feira, dia da paixão; depois, da quarta-feira à noite até segunda-feira), por ocasião das grandes festas (Natal, Páscoa etc) e durante a Quaresma (DEMURGER, 2002, p. 19).

²⁴ Forma redonda da mesa que “permite aos doze cavaleiros nomeados pelo rei sentem-se em torno dela em pé de igualdade. Não há mais cabeceiras. Talvez seja uma reminiscência do círculo que os guerreiros celtas dos primeiros tempos formavam em torno de seu chefe” (MIRANDE, 1998, p. 11).

²⁵ “Temas desenvolvidos por Chrétien de Troyes no século XII na obra *Perceval*, e se relacionam à crença celta (como o caldeirão de abundância, por exemplo). Pouco mais tarde, Robert de Boron compôs uma trilogia na qual o Graal se tornou a taça em que Cristo bebeu na última ceia e que mais tarde continha seu sangue recolhido por José de Arimatéia na crucificação. No século XIII foram desenvolvidas várias obras anônimas com base no manuscrito de Boron, as quais tratavam da busca espiritual do Graal pelos cavaleiros do rei Artur” (COSTA, 2001, p. 174 apud ZIERER, 1999, s/p). Só o cavaleiro virtuoso, cheio de perfeição (Galaaz), seria capaz de encontrar esse santo objeto.

seus cavaleiros, temos a presença de um jovem com características que o diferenciava dos demais e que fazia do mesmo muito parecida com o Donzel recém-chegado a Taperoá. Esse nobre discípulo do rei Artur se chamava Galaaz ou Galarraz.

Se antes Galaaz já havia sido diferenciado dos outros cavaleiros, aqui sua distinção torna-se mais evidente, pois ele é o que foi escolhido como “servente de Deus” para conhecer o que jamais um mortal coração poderia imaginar. Ele vai se afastando cada vez mais dos outros cavaleiros e adquirindo uma crescente áurea espiritual e santa. Galaaz pertencia a uma cavalaria celestial, fundada em valores espirituais e na penitência como purgação dos pecados (SOUZA, 2010, s/p).

Ser um dos cavaleiros do rei Artur já seria motivo de muita honra, porém, no caso específico de Galaaz, esse fato se junta a outras características que o faz ser considerado um santo. Desse modo, a partir de suas virtudes, esse honroso discípulo pertence a uma confraria ainda mais sublime que a de Artur, Galaaz é um cavaleiro divino que pertence à cavalaria mística de Cristo.

O trajeto do jovem Galaaz foi percorrido com muita fé, confiança na piedade divina e comunhão espiritual. Todo o seu caminho foi conduzido para o aprendizado de si mesmo que passava fundamentalmente por um caminho divino. Seus atributos como bondade, misericórdia, humildade, temor a Deus e, em especial sua pureza, fazia do rapaz um exemplo perfeito de cavaleiro cristão.

Assim como o nobre Gallaz, o Rapaz-do-Cavalo-Branco se diferenciava em detrimento dos outros cavaleiros da estranha cavalgada que adentrava a vila. Sua roupa, seu cavalo e sua evocação, como Alumioso, possibilitavam inúmeras interpretações advindas da população sobre a identidade do mesmo.

E vinha o Donzel errante
no cerco dos roubadores!
De sua Dama-de-Copas
no Escudo trazia as cores:
tinha amor pela Sonhosa,
eram claros seus amores!

Enfim, dizer quando vimos
não cabe neste papel:
vinham muitas Alimárias
- são roubadas a granel –
E vinha o Alumioso,
montado em branco Corcel (SUASSUNA, 2014, p.37).

O Alumioso confirmava-se como o cavaleiro que, como Galaaz, iria desfazer todas as amarras imposta naquele espaço, pois sua chegada, na véspera de pentecostes, dia em que o rei Artur escolheu os cavaleiros da Távola Redonda, era o sinal de grande revelação, como se o cálice sagrado estivesse próximo, ali naquela vila, prestes a ser encontrado para a alegria dos adeptos de Sinésio, os injustiçados e marginalizados pelo poder público.

Todos viram este Cálice
mas só um o reverá
É nosso Prinspe sagrado:
seu nome, quem saberá?
É Sinésio? É Galarraz?
Sebastião? Persival?

Por vinte anos e um dia
na Caatinga ele errará,
montado em seu Poldro branco
que se chamava Tremendal,
de Gibão, chapéu e esporas
- cabo verde em seu punhal (SUASSUNA, 2014, p. 710).

Montado em seu cavalo branco, o jovem misterioso se apresenta como membro de uma cavalaria divina. Com suas vestimentas que o diferenciava dos outros cavaleiros, o Rapaz-do-Cavalo-Branco chama atenção, também, pela sua mocidade, como um Galarraz, como um Dom Sebastião ao chegar à batalha no norte da África – representando a Igreja e sua nação portuguesa – como um templário, com suas vestes esplendidas em seu Tremendal branco, trazendo a luz divina àquele sertão dos cariris velhos, castigado pelo sol escaldante e pelas tragédias que mudaram o destino de muitos naquele torrão.

O mais notável, porém, é que, atado ao pescoço por uma fechadura de prata, caía por trás das costas do Donzel, de modo a cobrir a garupa do cavalo “Tremendal”, um manto vermelho, no qual estava bordado um grande Escudo com as mesmas armas da bandeira – as três Onças vermelhas em campo de ouro e os treze contra-arminhos de prata em campo negro. Aqui, porém, havia uma novidade: o escudo era encimado por uma figura a modo de “timbre”, uma bela Dama de cabelos soltos, vestida com um manto negro semeado de contra-arminhos de prata e mantendo as mãos cobertas (SUASSUNA, 2014, pp. 46-47).

A descrição acima justifica ainda mais as desconfianças que, em especial, os adeptos de Sinésio faziam sobre aquele inesperado acontecimento. Parte daquela gente aguardava a volta do caçula de Dom Pedro Sebastião, tinha certeza que ele não foi assassinado e, a partir

daquele estranho fato, cheios de traços monárquicos, ao mesmo tempo sertanejos, imbui no imaginário de todos à imagem do rei degolado: Garcia-Barreto. A partir desses episódios, os questionamentos começavam a incomodar grande parte dos moradores daquela vila: Se temos o príncipe, onde está o rei? Quem, na verdade, é esse Donzel? Por que a cavalgada chega em plena véspera da festa Pentecostes? Esse fato tem algo relacionado à morte de Dom Pedro Sebastião Garcia-Barreto e do seu filho Sinésio?

A partir daí temos um mistério a ser revelado na cidade sertaneja de Taperoá.

4.2 O Quinto Império sertanejo: identidade do Donzel do cavalo branco, o mensageiro da esperança

Os estranhos acontecimentos desenvolvidos naquele dia memorável, 1º de Junho de 1935, trouxeram uma penumbra de mudança não só para os adeptos de Sinésio como também para os seguidores de Arésio.

Se de um lado havia a espera por mudanças, por uma nova realidade perante as perseguições e humilhações proferidas pelos detentores do poder político e econômico, do outro lado, ao contrário, tínhamos a certeza da manutenção daquele status quo, tido como uma realidade permanente.

Por isso, ao contemplarem a estranha cavalgada, os dois partidos viram-se diante de uma realidade que poderia trazer desconfortos, principalmente para o lado que detinha o poder. Esses novos ares se fez mais latente na configuração daquele esquadrão que se aproximava e se fixava no centro da cidade.

Mas do que tudo, porém, pairava no ar, sobre aquela esquisita tropa de bichos, carretas e Cavaleiros, uma atmosfera de feira-de-cavalos; de sortilégios e encantamentos; de companhia de Circo; de comboio-de-mal-assombrados; de cavalaria de rapina; de comércio de raízes, augúrios e zodíacos; e tudo isso, junto, lembrava, logo, uma tribo de Ciganos sertanejos em viagem (SUASSUNA, 2014, p. 36).

Uma caravana de cavaleiros, carretas e bichos transformou aquele pedaço do cariri em um ambiente paralelo, como se estivéssemos a ponto de uma nova realidade, ou mesmo um novo crime ou, como diria os adeptos do Quinto Império, um novo cosmo no qual as injustiças perante o povo e os crimes obscuros iriam cair por terra.

Na Europa, mais precisamente em Portugal, o Quinto Império seria um ideal de mundo cristão, ou seja, uma nova realidade em que todos iriam viver na paz, sem guerras e

idolatrias, onde a fé católica seria compartilhada por todos. Joaquim de Flora²⁶, ao falar desse paraíso terrestre, afirma que

o mundo, após ter vivido sob o reino do Pai (Antigo Testamento), depois do sob o do Filho (Novo Testamento), em 1260 entrará no reino do Espírito. Então, os monges governarão o universo e a humanidade se converterá à pobreza evangélica. Será o sabá, a era do repouso e da paz. O universo terá se tornado um mosteiro povoado de santos que celebrarão a glória do Senhor, e esse reino durará até o Juízo Final (DELUMEAU, 2009, p. 306).

A crença nessa realidade milenarista tomou traços messiânicos principalmente depois do desaparecimento do rei de Portugal, D. Sebastião, que, depois da sua morte ou desaparecimento no norte da África, transformou-se numa lenda na qual seu retorno viria a inaugurar um novo tempo, sendo ele próprio o monarca do Quinto Império (Figura 09). Vieira²⁷, por volta das primeiras décadas do século XVII, prediz a chegada desse novo tempo onde Portugal será a grande nação que governará, junto com o papa, o mundo pacificado (DELUMEAU, 2009).

Figura 09: A promessa do Quinto Império, mundo renovado e governado pelo monarca divino.



Fonte: Blog Quadro Giz, 2012

²⁶ Abade e filósofo místico, autor de obras que relançaram o milenarismo (DELUMEAU, 2009).

²⁷ Sacerdote da Igreja católica e grande defensor do milenarismo. Profetiza a chegada do Quinto Império ao afirmar que “Lisboa é ‘o sítio mais proporcionado e mais apto à destinação que lhe escolheu o Supremo Arquiteto: a construção desse alto edifício [o império do mundo]” (DELUMEAU, 2009, p. 311).

Para os adeptos do filho mais moço de Dom Pedro Sebastião Garcia-Barreto, Sinésio seria esse monarca perdido, que retornará para inaugurar o Quinto Império de Taperoá. Com a chegada do Rapaz-do-Cavalo-Branco, parecia nítida que algum desfecho, próximo das promessas ventiladas pelas terras portuguesas, estava próximo de se concretizar naquela cidade.

Ao se fixar na praça, lugar onde a população estava reunida para as cavalhadas²⁸, o Rapaz-do-Cavalo-Branco junto com seus companheiros e acompanhado por todos os “bêbados, doidos, mendigos e moleques que estavam por ali, nas beiras das calçadas da periferia”, fica frente a frente com as autoridades, burgueses e do povo em geral (SUASSUNA, 2014, p. 413).

É a partir daí que o Donzel, como um sinal para os seus dos novos tempos, pega sua corneta de caça e libera todos aqueles animais enjaulados: veados, pavões, garças, cobras e, principalmente, a onça (Figura 10), animal representado por uma das bandeiras que enfeitavam a cavalgada.

Figura 10: Bandeira da onça exposta na cavalgada do Donzel do cavalo branco.



Fonte: Livro Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-volta (2014, p. 362).

Com a praça esvaziada e os animais dispersos, o Rapaz-do-Cavalo-Branco, junto com dois cavaleiros de sua expedição, rumou em direção à casa do juiz da comarca de Taperoá. Foi diante do juiz que um dos cavaleiros, Doutor Pedro Gouveia da Câmara Pereira Monteiro,

²⁸ Espécie de teatralização ao ar livre de uma batalha entre cavaleiros cristãos e mouros. “Havia vinte e quatro Cavaleiros. Doze deles representavam os Doze Pares de França do Cordão Azul, e os outros doze, os Doze Pares de França do Cordão Encarnado” (SUASSUNA, 2014, p. 99).

Bacharel em Direito e Advogado, proferiu a revelação que abalou toda a vila:

Vim aqui para defender os direitos espoliados do meu constituinte aqui presente, porque este mancebo é, ninguém mais, ninguém menos, do que Sinésio Garcia-Barreto, filho do fazendeiro Pedro Sebastião Garcia-Barreto, assassinado nesta Comarca em 1930! Este é o rapaz que foi raptado no mesmo dia da morte do pai, sumindo-se daqui até o dia de hoje, quando reaparece para reivindicar seus direitos a seu nome e à sua herança (SUASSUNA, 2014, p. 419).

Depois da revelação feita diante do Doutor Manuel Viana, juiz da comarca do município, a notícia se espalhou como rastilho de pólvora, tendo um impacto devastador em todos os recantos daquela região.

“Então” – dizia o Povo, terrivelmente abalado – “esse Rapaz-do-Cavalo-Branco é aquele mesmo Sinésio Garcia-Barreto, raptado em 1930, morto em 1932 e ressuscitado agora, milagrosamente, nesta Véspera de Pentecostes de 1935!” (SUASSUNA, 2014, p. 420).

A aparição de Sinésio na véspera de Pentecostes trouxe uma simbologia que, diante dos seus adeptos, confirmava seu papel político e, principalmente, sagrado diante de tudo que se passou e o que estava prestes a acontecer naquele lugar.

Reaparecer junto de um monge-cangaceiro, Frei Simão, e de um representante da elite brejeira, o advogado Doutor Pedro Gouveia da Câmara Pereira Monteiro, não imbui apenas num acerto de contas com os poderosos daquela terra, mas também com os marginalizados, detratores que, assim como ele, sofreram com as humilhações constituídas por um Estado que massacra, por uma religião que contribui para a exploração.

Sinésio, perseguido e dado como morto, agora reaparece como chama sagrada, inaugurando um novo tempo. Desse modo, temos uma rememoração²⁹ não só da mensagem sagrada que os cavaleiros templários objetivava promover ao levar o cristianismo para as terras mouras nas cruzadas, não só com relação a Gallaz, cavaleiro da tábua redonda, que levava justiça e paz por onde passava, mas, principalmente, rememora a sacralização dada ao rei encoberto, aquele que virá, nosso Dom Sebastião, mas, ao contrário das lendas luso-brasileiras, o rei de Taperoá voltou, veio no sangue do “prinsp” Alumioso, Sinésio Garcia-

²⁹ Capacidade de “retomar no esforço presente do conceito a longa história do ser tal como foi inaugurada exatamente pela audácia do filosofar platônico”, ou seja, aprender é necessariamente rememorar (VAZ, 1993, pp 191-192).

Barreto. Aquele rei, que era invocado na Pedra do Reino, retorna em Taperoá, o monarca aguardado pelos vaqueiros, cangaceiros, sem tetos, retirantes e demais desvalidos daquelas terras escaldantes do sertão.

4.3 O retorno de Sinésio e as promessas em torno do mito

Sinésio, o Rapaz-do-Cavalo-Branco, o esperado por grande parte dos moradores daquele lugar, retorna a sua terra. Dado como morto, mas tido como cativo do Estado ou simplesmente desaparecido, desafia a lógica dos grandes da sua terra que estavam do lado do seu irmão mais velho – Arésio – o qual sonhava em tomar para si toda a fortuna de seu pai Dom Pedro Sebastião Garcia-Barreto, degolado na fazenda da Onça Malhada em 1930.

Arésio – o grande beneficiado com o sumiço de seu irmão mais moço - no contexto das lendas sebastianistas, pode ser visto como o representante da Castela, para Portugal, e um dos líderes da pedra, em relação à Pedra Bonita.

Nesses dois lugares o mito do retorno do rei, com grandes benefícios para a nação, e, conseqüentemente, para os mais humildes foram o norte para uma agitação e muito derramamento de sangue em vários momentos.

Em Portugal, onde a espera começou, o medo era em detrimento da perda da soberania para Castela, fato concretizado com a derrota dos lusitanos na batalha de Alcácer Quibir, no norte da África. A morte do rei, ou desaparecimento do mesmo, provocou uma crença na sua volta, restabelecendo, assim, a soberania do país, trazendo prosperidade e o orgulho ferido a partir daqueles fatos. Camões – poeta português- na sua obra epopeica “Os lusíadas” faz alusão a esse mito (ver os trechos dessa obra no anexo).

Como sabemos, o rei não retornou, fazendo com que a figura de Arésio (Castela) saísse vitoriosa.

Com o processo de colonização portuguesa na América, o mito sebastianista ultrapassa o oceano atlântico e chega ao Brasil provavelmente por religiosos e pelos chamados cristãos-novos³⁰.

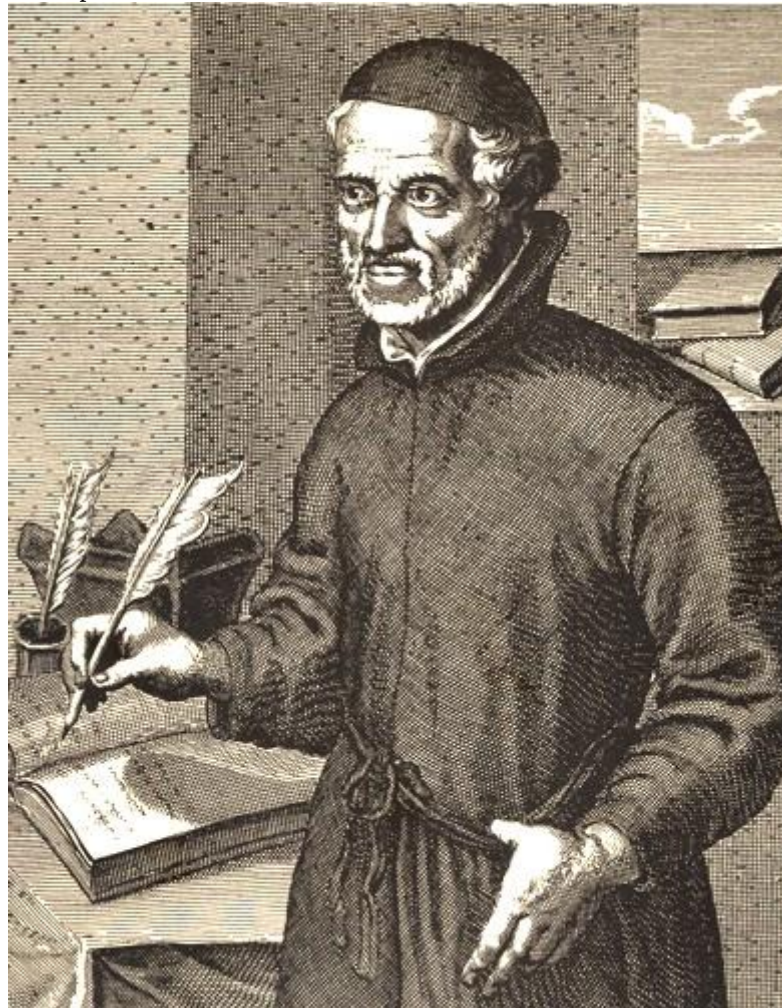
Não é fácil perceber os meandros que teriam permitido a disseminação da crença sebástica no Brasil colonial. Provavelmente a circulação de religiosos entre a colônia e o reino era um dos canais disseminadores das histórias dos falsos reis encobertos, das dificuldades do reino, dos sentimentos produzidos

³⁰ Judeus e mulçumanos convertidos ao cristianismo.

pela sujeição a Castela. Lipiner menciona ainda a circulação de exemplares manuscritos das Trovas de Bandarra na Bahia, desde 1591. Levados por cristãos-novos fugidos de Portugal, foram localizados pela primeira visitação do Santo Ofício, traduzidos para o castelhano e intitulado *Trovas do sapateiro de Trancoso que chamavam Bandarra*. O denunciante dissera que havia quatro anos ouvira esses versos da boca de um cristão-novo (HERMANN, 1998, p.227).

O Jesuíta Ant nio Vieira (Figura 11), a partir dessas histórias do retorno do rei trazidas nos navios que aportavam na colônia, tem contato com essas Trovas de Bandarra e as utilizam em seus relatos sobre o rei encoberto e nas profecias sobre a chegada do Quinto Império.

Figura 11: Ilustre jesuíta Ant nio Vieira, transmitia a mensagem da vinda de um líder que viria inaugurar o Quinto Império.



Fonte: Livro No Reino do Desejado (1998, p. 225).

Ao penetrar nas terras da colônia portuguesa, essa lenda adentra em diversos regiões. Entre elas temos os fatos ocorridos no interior de Pernambuco, numa região chamada de

Pedra Bonita, onde Arésio é personificado nas imagens dos líderes da pedra. Os mesmos rememorizam a espera do monarca português, aquele que virá e curará os doentes, ressuscitará os mortos, rejuvenescerá seus seguidores, os enriquecerá, ou seja, fundará um paraíso terrestre implantado nas terras do sertão pernambucano.

Essa espera se fez motivada por sacrifícios, doações, mentiras. Como em Portugal, onde falsos reis motivavam parte da população esperançosa em sua volta, os falsos líderes induziam a todos continuarem vigiando a volta do monarca e, a partir disso, conseguiam influenciar e, assim, concretizavam seus mais sutis desejos.

Para concluir, nada de rei retornado, vencendo o partido de Arésio tanto lá (Portugal) quanto aqui (Brasil), mas no sertão dos cariris velhos, na pacata Taperoá, essa realidade não se concretizou. Sinésio, o Donzel do cavalo branco, retorna em sua cavalgada cheia de animais sertanejos, cavaleiros aciganados e dos companheiros: Frei Simão, Doutor Pedro Gouveia da Câmara Pereira Monteiro e Luís Pereira de Souza.

O partido de Arésio agora teme esse Rapaz-do-Cavalo-Branco, pois quem se faz presente ali é o filho amado do rei degolado, trazendo o sangue derramado do seu pai cercado por seus partidários: a população marginalizada daquele local.

Diante do rei retornado, um romance de Loa³¹ foi entoado por um de seus adeptos que dizia assim:

“Quem quiser ter seu sossego,
Deixe a minha Companhia,
pois minha mãe me pariu
numa áspera Caatinga!
Armas, rifles e Cavalos,
serra abaixo, serra acima,
e os Ciganos me furtaram
em terras de Mourarias!
Quatrocentos me matavam,
quatrocentos defendiam,
até que me sepultaram
numa Cadeia que havia!
Um Gavião me educou,
Um Cervo me salvaria
sete anos bebi leite
da feroz Onça parida,

³¹ São “romances tradicionalmente dedicados ao relato de vida de santos e que fazem parte dos romances de exemplos”. Esses romances “parecem relacionar-se (...) aos prólogos cantados dos dramas e comédias do teatro português e espanhol do Século de Ouro, destinados a captar a simpatia do público e facilitar sua participação pelo resumo do drama, a exemplo da *loa sacramental*, que precedia a representação do auto sacramental” (SANTOS, 2009, p. 119).

outros sete comi Pão,
 sete, o Vinho da bebida!
 Três vezes sete, vinte e um,
 e eis que o Morto volta à vida!
 Por sete anos fui preso
 e ainda lá estaria,
 não fosse o sangue do Rei
 que me ressuscitaria” (SUASSUNA, 2014, p. 443).

Nesse romance apreciamos a descrição da vida, morte/desaparecimento e volta/ressurreição do encoberto. Sinésio dado como morto, tendo seu corpo encontrado na Casa da Pólvora (Figura 12), tornou-se uma sombra superada pela força dos seus inimigos, mas uma promessa de redenção para os desprovidos.

Figura 12: Casa da Pólvora, localizada na capital da Paraíba, suposto local onde foi encontrado o corpo de Sinésio.



Fonte: Blog Patrimônio da paraíba, 2013

Mas o “prinsp” do cavalo branco não morreu, veio para inaugurar esse novo tempo. Para isso, terá que enfrentar uma última batalha, conflito parecido como o que Dom Sebastião travou contra os mouros, contra a presença estrangeira em suas terras, Sinésio travará uma luta contra os grandes exploradores do povo sertanejo “para fazer a desgraça dos ricos e a felicidade dos pobres aqui do sertão” (SUASSUNA, 2014, p. 587).

4.4 A eterna espera do desencanto: luta dos partidários

Antes de chegar a Taperoá, Sinésio e seus companheiros são interceptados por uma caravana de Cangaceiros liderados pelo Capitão Ludugero Cobra-Preta. A princípio não se sabia o objetivo daquela expedição, porém com o desenrolar daquela empreitada ficou nítido a intenção dos cangaceiros: assassinar o misterioso jovem montado em seu cavalo branco,

Os cangaceiros que corriam para o Doutor e o rapaz, ouvindo o alarido do Capitão Ludugero entenderam o que vinha por trás. Desviaram o rumo da carreira em que iam, caíram na Caatinga e conseguiram atingir uma cerca-de-pedra, que galgaram depressa, afundando-se no mato ralo e espinhoso do cercado que havia por trás dela. Certos de que já tinham cumprido o objetivo principal da emboscada e matado o rapaz que lhes fora designado, queriam agora era escapar o mais depressa possível, fugindo à luta desigual com toda aquela tropa (SUASSUNA, 2014, pp. 55-56).

Com a chegada da cavalgada na vila e os boatos a cerca da revelação da verdadeira identidade do Rapaz-do-Cavalo-Branco perante o Juiz de Direito da Comarca de Taperoá, o povo acaba descobrindo, ou mesmo tendo convicção, sobre a verdadeira identidade do Donzel, fazendo com que tanto os partidários de Arésio quanto os de Sinésio ficassem atônitos diante dos acontecimentos, deixando aquela véspera de Pentecostes como uma data emblemática, como se fosse à inauguração de uma nova era.

Esse possível novo tempo fez com que uma grande aglomeração de pessoas fosse para a antiga casa do rei degolado, Garcia-Barreto, pois a notícia da estada de Sinésio na residência do seu pai era dada como certa. Já era quase meia noite quando oficialmente um dos cavaleiros da cavalgada, o frade-cangaceiro Frei Simão, aproveitando aquela grande concentração - com o objetivo de confirmar se realmente o Donzel era o filho caçula de Dom Pedro Sebastião - começa seu discurso de apresentação daquele Donzel, porém, em seu discurso, um vestígio de incerteza sobre a identidade do rapaz é colocada.

- “Vocês perguntam se o rapaz é o Príncipe ... Quem sou eu para responder? Pode ser e pode não ser! Tudo se esclarecerá, e a justiça é quem dará a palavra definitiva e final! Será que esse rapaz é Sinésio, filho do fazendeiro degolado aqui, em 1930? Pode ser e pode não ser, e vocês mesmos avaliarão, pelo que acontecer daqui por diante, se ele é ou não é o que vocês esperam. Uma coisa, porém, eu digo e garanto a vocês, meus filhos: é que o muito tem vergonha de dar pouco e, se a justiça humana falhar, a justiça divina absolutamente não falhará!” – concluiu ele com ar majestoso e começando a descer os degraus (SUASSUNA, 2014, p. 726).

A dúvida colocada perante a população não afetou muito na crença do mito em torno da volta do filho de Dom Pedro Sebastião, pois a certeza que o mesmo já estava naquele local era algo, principalmente para a população mais humilde, incontestável.

Frei Simão, representante de um catolicismo popular, como Antônio Conselheiro³² foi para Canudos, ao induzir à dúvida, provocou ainda mais uma tensão diante daqueles considerados aliados de Arésio, como uma certeza absoluta diante dos seguidores de Sinésio. Simão, nesse momento, transforma-se no mensageiro do sagrado, um líder que direcionará seu povo a última instância, mesmo que esse fim seja o sacrifício.

Os líderes messiânicos não seriam psicopatas megalômanos, mas místicos ou ascetas frequentes na tradição judaico-cristã, dotados de qualificações intelectuais acima da média de seus liderados; no mínimo, homens informados, com vivências em ambientes sociais diversificados e profundos conhecedores da cultura religiosa tradicional (NEGRÃO, 2015, p.55).

Previendo a tensão em torno da possibilidade de uma nova realidade com a volta de Sinésio, o frade-cangaceiro usa de um artifício para trazer o povo a se fixar nele e não mais na casa onde provavelmente se encontrava o Donzel. Nesse instante, utiliza-se de um discurso empolgante, uma mistura de Atos dos Apóstolos, livro pertencente à bíblia, com os acontecimentos vistos em Taperoá naquela fatídica véspera de Pentecostes.

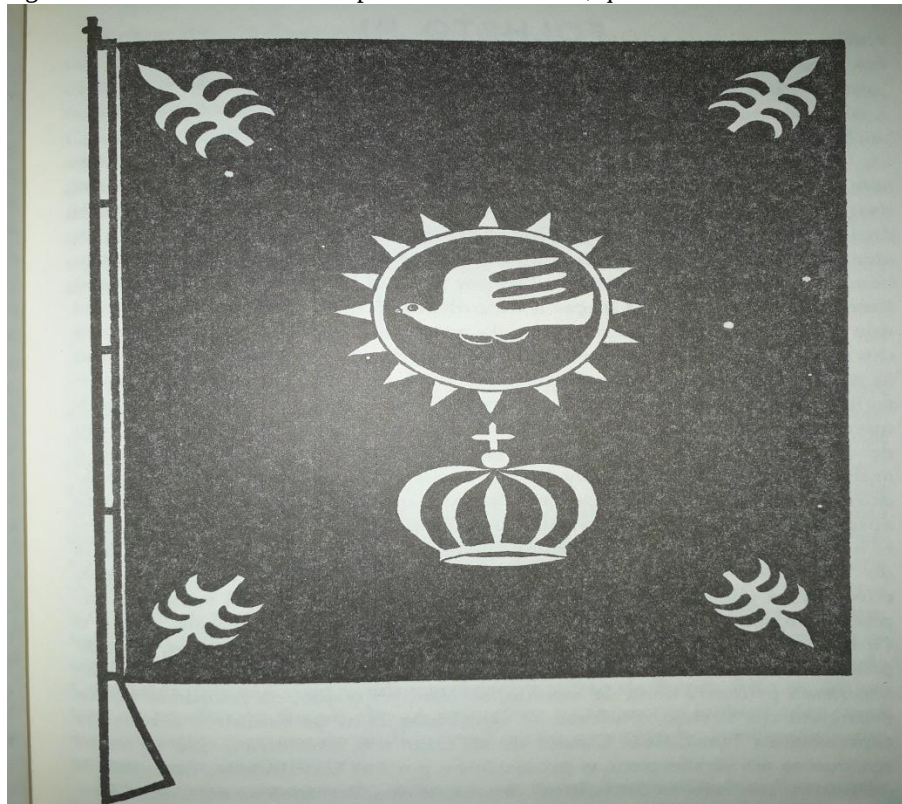
Esses toques de sino anunciam, portanto, a todos nós que, por mais escura que seja a noite, dentro de alguns instantes o Sertão vai ser alumiado e queimado pelo fogo de Pentecostes! Está lá, escrito no Evangelho, o livro santo, que não pode errar: 'E quando se completavam os dias de Pentecostes, estavam os Doze todos juntos, num mesmo lugar, e, de repente, veio do Céu um estrondo, como de uma ventania que soprasse com grande violência, enchendo toda a casa onde eles estavam assentados. Então, apareceram a eles, repartidas, umas espécies de línguas ou chamas de Fogo, que repousaram sobre cada um dos Doze, e todos ficaram cheios do Espírito Santo.' Entenderam estas palavras sagradas, amados filhos em Nosso Senhor? Esta bandeira que trago aqui, comigo, e que nunca mais abandonei desde o dia em que assumi minha missão junto ao nosso Príncipe, é a Bandeira de Pentecostes, a bandeira da Coroa, do Sol e das chamas do Divino Espírito Santo (SUASSUNA, 2014, p. 725).

É nesse momento que uma verdadeira guerra é formada nas terras sagradas do rei degolado, parece que o fogo de Pentecostes não esperou o dia raiar para atingir aquele

³² Líder de um movimento popular contra aos altos impostos cobrados pelo novo sistema de governo: a república. Penitente, apesar de não ser sacerdote, Conselheiro é composto por características que o faz ser reconhecido como um profeta do sertão: barba e cabelos compridos, sempre de hábito azul, aparência desmazelada, adepto ao constante jejum. Inaugura Canudos, no sertão baiano, como sendo a última trincheira do

vilarejo, pois a trupe de cangaceiros liderados pelo Capitão Ludugero Cobra-Preta invade a vila em busca do Rapaz-do-Cavalo-Branco, daquele alvo que não foi sacrificado quando a cavalgada, estapando a bandeira do divino (Figura 13), estava a caminho da vila sagrada do sertão dos cariris.

Figura 13: Bandeira do divino Espírito Santo do sertão, que o Frade Simão conduzia.



Fonte: Livro Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-volta (2014, p. 49).

A luta começa e os seguidores de Sinésio terão que enfrentar logo aqueles que, naturalmente, estariam do lado do Donzel – os cangaceiros – seduzidos pelos adeptos de Arésio que almejam a manutenção do poder, jogando, desse modo, povo contra povo, em uma verdadeira rememoração da Pedra Bonita, de Canudos, luta dos exploradores contra os explorados

Todo aquele cenário de guerra e caos em Taperoá acontece em meio à profecia da restauração. Depois de tudo aquilo, um novo ciclo começará, com a inauguração do Quinto Império no sertão, onde “todo um passado de guerras e sofrimentos” se transformará. Com isso, a esperança está diante de todos, mas onde se encontra o príncipe, Dom Sebastião, ou

seja, Sinésio? Seus seguidores sabe que ele está presente, pois os poderosos estão temendo sua presença, tremem diante daquele que exaltará seu povo (SANTOS, 2009, p. 86).

Em meio a esse entrave entre os cavaleiros de Arésio versus os de Sinésio, em meio a traições, mortes e promessas, o lendário Galaaz, ou melhor, o Rapaz-do-Cavalo-Branco acompanha de longe, no alto do Tabuleiro, pois já estavam “delimitados os dois campos, com partidários de Arésio na rua, e os de Sinésio no alto Tabuleiro que dominava a Vila. Ia se travar a luta” (SUASSUNA, 2014, p. 732).

Mais uma luta de resistência, luta pela concretização da promessa, pelo milagre prometido pelo cavaleiro do cavalo branco, Sinésio, ou seria por Dom Sebastião ou pelo cavaleiro místico Galaaz? Não se sabe, na verdade, quem será, dependerá do contexto em que esse mito renasce, mas sua mensagem, apesar de ser a mesma, é sempre nova. E o seu desencanto? Ainda é aguardado por todos, em meio a um ciclo que parece infinito, ou seja, a morte só é uma prerrogativa para uma provável ressurreição.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construir esta dissertação nos deixou bastante empolgados e orgulhosos, pois a partir das leituras, diálogos, orientações, entrevistas, palestras, dentre outros meios, conseguimos abordar, dentro do campo das Ciências das Religiões, o mito milenarista/messiânico presente na obra literária de Ariano Suassuna, *Romance d'A Pedra do Reino*, tendo como foco a figura do personagem Sinésio. Para isso, os estudos sobre a constituição textual, a partir da Hermenêutica de Paul Ricoeur, sobre a noção de mito e algumas correntes milenaristas/messiânicas, em Portugal e no Brasil, foram de fundamental importância para o desenvolvimento do trabalho.

O resultado final obtido, durante essas páginas, demonstra a dedicação, esforço/superação de todos envolvidos (mestrando, orientadora – que me incentivou de maneira excepcional no andamento da pesquisa - professores do curso, autores e obras teóricas lidas, aulas de campo, etapa do processo de qualificação) enfim, um percurso construído de uma coletividade de pensamentos e vivências que nos direcionaram a uma possibilidade interpretativa para, assim, oferecer aos leitores uma visão sobre a construção do personagem analisado na obra, sua importância na mesma e como as correntes escatológicas interagem de forma primordial, não só na sua existência como também no espaço no qual ele vive.

Não podemos deixar de mencionar a dura rotina para a concretização desse trabalho. As vastas leituras, viagens, horas a frente do computador em meio a artigos, entrevistas, recortes de imagens, construção de quadros; processo que, muitas vezes, deixavam-nos desanimados e fadigados, porém, a cada nova descoberta - possibilidade de escrita - davam-nos a certeza de que todo aquele esforço seria recompensado com um texto coerente, trazendo um conhecimento absorvido, compreendido, discutido e finalmente compartilhado.

Ao longo desta dissertação, focamos nossa visão no personagem Sinésio, o Rapaz-do-Cavalo-Branco, como se deu seu desaparecimento e sua volta à Taperoá naquela misteriosa cavalgada, na véspera do dia santo de Pentecostes. O objetivo foi debater como se dá o mito milenarista/messiânico na figura do personagem citado e as promessas dirigidas à população mais humilde.

Inicialmente discutimos, de forma sucinta, o campo teórico da disciplina Ciências das Religiões e a definição de seu objeto de pesquisa: a religião. A partir do conceito de religião adentramos na questão da espiritualidade utilizando, em especial, a proposta de Émile

Durkheim, ao se referir que a espiritualidade independe de instituições religiosas, ou seja, o ser pode ter sua espiritualidade sem pertencer à religião x ou y. Nesse mesmo contexto, Hanegraaf bebe dessa mesma visão quando discute o movimento da Nova Era – manifestações de um simbolismo radicalmente privado – confirmando que ter uma experiência com o místico independe de templo, independe de religião.

A partir do método hermenêutico de Paul Ricoeur, observamos que toda obra de ficção é constituída por acontecimentos que, transformados em história, formam a intriga da mesma, mas essa intriga, esses acontecimentos que formam o escrito é uma parte de um processo chamado de círculo hermenêutico. Assim, o autor prefigura sua ficção a partir da realidade transformando-o no escrito para, assim, o leitor, de posse dessa ficção, refigurá-la, ou seja, refazê-la, recriando a partir do seu conhecimento de mundo. Vimos que esse percurso são denominados de mimeses e ele se dá, de maneira clara, dentro da obra de Suassuna, pois o mesmo refigura o mito dentro de sua ficção duas vezes: a volta do rei encoberto na Pedra do Reino e a volta do príncipe encoberto em Taperoá.

O mito sebastianista é abordado no trabalho como sendo milenarista/messiânica, pois ao mesmo tempo em que esse rei retornará inaugurando um novo tempo, chamado por Vieira de Quinto Império, esse mesmo líder é anunciado como um santo por seguidores que, movido pela volta da hegemonia da sua nação ou mesmo com o intuito de se libertar das amarras da pobreza e exclusão, deixam-se levar pelas promessas, mesmo que nunca venham a se cumprir.

Essa promessa da libertação de um sistema político/religioso oficial acaba proporcionando levantes nas terras além-mar, neste caso, no Brasil. É no caso da Pedra Bonita que presenciamos o quanto uma população pode ser induzida a um contexto ainda mais excludente e, nesse caso, destruidor. Mas será que sempre veremos pessoas utilizando da carência do povo, da sua mazela para se beneficiar financeiramente ou mesmo para colocar seu plano de poder em ação? Esse messias nunca voltará? Sempre será apenas mito para impor esperança e ameaça?

Ariano Suassuna, a partir do mito de Dom Sebastião e dos acontecimentos vistos na Pedra Bonita, rememorar esse debate nas duas partes da sua *Pedra do Reino*: o período dos reinos da Pedra e a história do rei degolado. Nas duas temos a presença do sebastianismo. Na primeira, a espera do desencanto do rei, com promessas de cura, ressurreição, riquezas e juventude eterna, porém imbuído de muito sofrimento, exclusão e morte. Nesse caso, o desencanto nunca acontece, prefigurando o que aconteceu nas terras portuguesas que até hoje nunca viu seu Quinto Império acontecer com seu rei retornado. Já na segunda, temos os acontecimentos de Taperoá, a morte de Dom Pedro Sebastião Garcia-Barreto e o

desaparecimento de seu filho mais novo, Sinésio, colocando a população daquele vilarejo em situação de medo e exclusão provocados pelas novas lideranças que vêm assumir o posto vazio. Temos os adeptos de Arésio, o filho mais velho do Dom Pedro Sebastião, aquele que não tinha a estima do pai e os seguidores de Sinésio, aqueles que aguardavam a sua volta, não acreditando no discurso de sua morte na cidade da Paraíba.

A confiança na volta do filho mais moço do Garcia-Barreto era tão forte que um tipo de culto ao seu nome, como se fosse o rei encoberto Dom Sebastião, um cavaleiro sagrado como Galaaz – um dos cavaleiros da Távola Redonda – era professado pelos vaqueiros, cangaceiros, ciganos, ou seja, a população mais carente de Taperoá.

A chegada do Rapaz-do-Cavalo-Branco naquela estranha cavalgada, na véspera de Pentecostes, provocou uma grande comoção naquele lugar onde a grande maioria tinha certeza que estava diante de Sinésio e, conseqüentemente, um novo tempo estivesse prestes a acontecer. O mito, que antes era promessa, agora poderia se tornar realidade.

Sinésio, ou o Rapaz-do-Cavalo-Branco, rememora o mito de Portugal, o cavaleiro que se perdeu na batalha de Alcácer Quibir, esperado por uma nação que por algumas vezes se viu enganada por impostores, como o povo da Pedra do Reino.

O Donzel montado no seu cavalo branco chega, mas o clima é de guerra, dois campos são formados, o povo aguarda o tempo prometido, os segredos revelados, mas, apesar da presença daquele cavaleiro, não vemos o filho mais jovem do rei degolado se apresentando para aqueles que mais lhe aguarda: o povo da vila sagrada de Taperoá.

Desse modo, concluímos que o desencanto ainda não aconteceu, a batalha ainda prevalece e o seus adeptos estão lá, aguardando a revelação do príncipe, que parece que se encantou outra vez, tornando-se lenda, promessa.

Suassuna, nessa refiguração, dá a seus leitores possibilidades de interpretações múltiplas, recria uma situação, mas não se atreve a colocar um ponto final na história, pois, atravessando tempos e lugares, esse messias torna-se um tipo de divindade, um ser que morre e ressuscita, em um ciclo infinito. Desse modo, a partir daquela batalha entre as correntes oposta, parece que o Donzel volta a se encantar fazendo com que, mais uma vez, seu retorno fique a cargo do sangue daquela gente, em uma guerra mais política do que sagrada, conflito objetivando a manutenção do poder de Arésio e sua trupe, retardando mais uma vez a chegada do reinado prometido, do Quinto Império de Taperoá.

Mudam-se os atores, mas o contexto continua igual, como se tudo estivesse mergulhado em só contexto infinito: o líder que se encanta, desaparece, um profeta que anuncia a volta do mesmo, uma parcela populacional que o espera incansavelmente, sempre

imbuído por uma nova realidade na qual a justiça social seria implantada, ou seja, um paraíso onde, a partir dos vários contextos, poderia acontecer em qualquer local do globo terrestre.

Daí vemos as vastas espiritualidades, a mística dos antepassados de alguns moradores de Taperoá na Pedra do Reino, da cavalgada do Donzel, do povo de Taperoá, a espera do seu príncipe desaparecido, a espiritualidade oficial (Igreja Católica), ou seja, uma mística que sustentou toda a narrativa milenarista/messiânica da volta daquele que restabeleceria um novo tempo para a vila.

Encerramos este trabalho com a proposta inicial de uma trajetória que nos conduzisse a compreender a proposta escatológica do milenarismo/messianismo, sua presença em Portugal e no Brasil, contribuindo para uma análise com mais propriedade do personagem Rapaz-do-Cavalo-Branco, figura sebástica da obra, sua presença na tessitura do texto como um novo respiro do sebastianismo, agora nas terras do sertão dos cariris velhos paraibano: Taperoá. Desse modo, estamos convictos de que existirão mais perguntas e trilhas a serem percorridas na compreensão dos milenarismos e messianismos, ou as duas ideologias juntas, na compreensão desse personagem tão emblemático na obra, que nos levam a leituras vastas como as que Suassuna sugere em seu ciclo sebástico que, como os outros, tornam-se infinitos.

REFERÊNCIAS

ABEL, Brutus. **Mircea Eliade e o mito**. Kalíope - Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, São Paulo, ano 1, nº 1, 2005. Disponível em: <[http://Usus/Win7/Downloads/3141-7086-1-PB%20\(1\).pdf](http://Usus/Win7/Downloads/3141-7086-1-PB%20(1).pdf)>. Acesso em: 7 de Julho de 2019.

AMARAL FILHO, Fausto dos Santos. **Hermenêutica: o que é isto, afinal?**. In: AZEVEDO, Heloisa Helena Duval de; OLIVEIRA, Neiva Afonso; GHIGGI, Gomercindo (Orgs.). Interfaces: temas de Educação e Filosofia. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2009.

ANDRIOLI, Antonio Inácio. **A crítica da hermenêutica e a hermenêutica da crítica**. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/35440858/ANDRIOLI_HERMENEUTICA.pdf?response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DA_critica_da_hermeneutica_e_a_hermeneuti.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A%2F20190711%2Fus-east-1%2Fs3%2Faws4_request&X-Amz-Date=20190711T181546Z&X-Amz-Expires=3600&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-Signature=6f921e82e01b71ebfb03c5ea6259172adf0e3920234f25f26a6c438c4efaa105>. Acesso em: 26 de Junho de 2019.

BARROS, José D'Assunção. **Tempo e Narrativa em Paul Ricoeur: considerações sobre o círculo hermenêutico**. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais, v. 9, n. 1, Janeiro/Fevereiro/Março e Abril de 2012. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/36687611/Tempo_e_Narrativa_em_Paul_Ricoeur.pdf?response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DTempo_e_Narrativa_em_Paul_Ricoeur.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A%2F20190712%2Fus-east-1%2Fs3%2Faws4_request&X-Amz-Date=20190712T135337Z&X-Amz-Expires=3600&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-Signature=6f921e82e01b71ebfb03c5ea6259172adf0e3920234f25f26a6c438c4efaa105>.

Signature=3c2316eb22568689d64d94a2c9b004a917cc0da91390f587edb8f9c07e37b8b0>.

Acesso em: 28 de Junho de 2019.

CAMÕES, Luís Vaz. **Os Lusíadas**. Edição comentada, da Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, 1980.

CAPUANO, Cláudio de Sá. **A matéria da Bretanha nos séculos XII e XIII. In: Ensaios arturianos**. Rio de Janeiro: PUC – RJ, 2003. Disponível em <<http://www2.unifap.br/marcospaulo/files/2013/05/Ensaios-Arturianos.pdf>>. Acesso em: 10 Outubro de 2018.

CASTRO, Frei João José Pedreira de Castro. **Bíblia Sagrado Ave-Maria**. 72ª ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2007.

COSTA, Ricardo da. **A violência da cavalaria medieval e o processo civilizador dos oradores**. Dimensões, v. 13, Julho-Dezembro de 2001. Disponível em: <<http://file:///C:/Users/Win7/Downloads/2388-3808-1-PB.pdf>>. Acesso em: 15 de Agosto de 2019.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DEMURGER, Alain. **Os cavaleiros de Cristo: Templários, Teutônicos, Hospitalários e outras ordens militares na Idade Média (sécs. XI-XVI)**. Rio de Janeiro: Zahan, 2002.

DUARTE, Evandro Santos; FARIA, Vanderlei Gularte; OLIVEIRA, Neiva Afonso. **O Método hermenêutico e a pesquisa na área das ciências humanas**. XXII Jornada de Pesquisa da Universidade Reginal de Unijuí. Disponível em: <[http://file:///C:/Users/Win7/Downloads/7740-1-33186-1-10-20170913%20\(1\).pdf](http://file:///C:/Users/Win7/Downloads/7740-1-33186-1-10-20170913%20(1).pdf)>. Acesso em: 26 de Junho de 2019.

ELIADE, Mircea. **Mito do eterno retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1992.

FILHO, Robson Gomes. **Da “TERRA SEM MAL” ao “PARAÍSO PERDIDO”: perspectivas teórico-metodológicas acerca do messianismo/milenarismo**. Revista

Expedições: Teoria da História & Historiografia V. 4, N.1, Janeiro-Julho de 2013. Disponível em:

<http://file:///C:/Users/Win7/Downloads/Da_terra_sem_mal_ao_paraíso_perdido_pers.pdf>.

Acesso em: 8 de Julho de 2019.

PRANDI, Carlo. **As religiões: problemas de definição e de classificação**. In: FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As ciências das religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Euclides da Cunha, Precursor**. In: PEREIRA, João Baptista Borges; QUEIROZ, Renato da Silva (Org). **Messianismo e Milenarismo no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

GARRETT, Almeida. **Romanceiro**. Porto: Editorial Domingos Barreira, 1969.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é ciência da religião?** São Paulo: Paulinas, 2005.

GHEDIN, Evandro. **Hermenêutica e pesquisa em educação: caminhos da investigação interpretativa**. In: II Seminário internacional de pesquisa e estudos qualitativos. 2004, Bauru. Anais... Bauru: USC, 2004.

GODOY, Marcio Honorio de. **Dom Sebastião no Brasil: fatos da cultura e da comunicação em tempo e espaço**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. **Dom Sebastião no Brasil: das oralidades tradicionais à mídia**. 2007. 244 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

HERMANN, Jaqueline. **No reino do desejado: a construção do sebastianismo em Portugal (séculos XV E XVII)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HANEGRAAFF, Wouter J. **Espiritualidades da Nova Era como uma religião secular: perspectiva de um historiador** [tradução de Fábio L. Stern e Carlo Q. Bein]. In: Hanegraaf,

Wouter J. New age spiritualities as secular religion: a historian's perspective. *Social Compass*, 1999, p.145-160.

História do imperador Carlos Magno e os doze pares de França. Lisboa, 1864. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/biblioteca/0045/>>. Acesso em: 2 de Julho de 2019.

HOCK, Klauss. **O que é religião?** In: Introdução à Ciência da Religião. São Paulo: Editora Loyola, 2010.

MATOS, Keila. **O sagrado: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional.** Goiânia: Fragmentos de leitura, 2009, p. 497-502.

MIRANDE, Jacqueline. **Contos e lendas dos cavaleiros da Távola Redonda;** tradução de Eduardo Brandão. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Mircea Eliade. Zahar, 2019. Disponível em:< <https://Zahar.com.br/autor/mircea-eliade>>. Acesso em: 15 de Agosto de 2019.

MORAES, Suelma de Souza. **A dialética entre o conhecimento de si e o conhecimento de Deus no livro X das Confissões de Santo Agostinho.** 2ª ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

MOURA, Debora Cavalcantes de. **Entre duas pedras: catolé (um estudo acerca das contribuições trazidas pelos textos históricos sobre Pedra Bonita e pelos folhetos de cordel nordestinos na composição da Pedra do Reino, de Ariano Suassuna).** 2002. 208 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 2002.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Sobre os messianismos e milenarismos brasileiros.** In: PEREIRA, João Baptista Borges; QUEIROZ, Renato da Silva (Org). **Messianismo e Milenarismo no Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

OTTO, R. **O Sagrado: um estudo do elemento não-racional na idéia do divino e a sua relação com o racional.** Tradução de Prócoro Velasques Filho. São Paulo: Imprensa Metodista, 1985.

PIRES, António Machado Lisboa. **Dom Sebastião e o Encoberto**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1969.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e Ideologias**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
 _____. **Tempo e Narrativa (tomo1)**. Campinas-SP: Papirus, 1994.
 _____. **Da Interpretação: Ensaio sobre Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

RODRIGUES, Inara de Oliveira; SANTOS, Paulo Roberto Alves dos. **Literatura de língua portuguesa: história, sociedade e cultura**. Ilhéus – BA: Editus, 2012.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. **Em demanda da poética popular: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial**. 2ª ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2009.

SANTOS, Tania Lima dos. **A (re)escritura mítica do sebastianismo no Romance d'A Pedra do Reino, de Ariano Suassuna**. 2009. 188f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

SOUSA LEITE, Antônio Artico de. **Memória sobre a Pedra Bonita ou Reino Encantado na Comarca de Villa Bella - Província de Pernambuco**, em : Revista do Instituto Histórico e Geográfico Pernambuco, 11 N° 60 . Recife, 1903. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or274013/or274013.pdf>. Acesso em: 10 de Julho de 2019.

SOUZA, Neila Matias de. **Cavalaria, Igreja e Sociedade na Idade Média do século XIII**. XIV Encontro Regional da ANPUH-RIO Memória e Patrimônio. Disponível em: <http://snh2011.anpuh.org/resources/anais/8/1276743072_ARQUIVO_artigoanpuhRioNEILA.pdf>. Acesso em: 15 de Agosto de 2019.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, milagres: aspectos do catolicismo popular**. Natal: IFRN, 2013.

SUASSUNA, Ariano. **Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta**. 14ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

VAZ, H. C. de Lima. **Ética e Metafísica nas origens platônicas**. Síntese Nova Fase, v. 20, n. 61, 1993. Disponível em: <<http://periodicos.faje.edu.br/index.php/Sintese/article/view/1324/1719>>. Acesso em: 16 de Agosto de 2019.

VICTOR, Adriana; LINS, Juliana. **Adriano Suassuna: um perfil biográfico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

ANEXOS

Abaixo estão dois escritos que relatam as manifestações milenaristas/messiânicas – Sebastianismo - em Portugal e no Brasil:

VESTÍGIOS DO MITO PORTUGUÊS – DOM SEBASTIÃO POR LUÍS DE CAMÕES

Os Lusíadas – dedicatória depositando esperanças no rei Encoberto

6

E, vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certíssima esperança
De aumento da pequena Cristandade;
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
(Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,
Pera do mundo a Deus dar parte grande);

7

Vós, tenro e novo ramo florescente
De uma árvore, de Cristo mais amada
Que nenhuma nascida no Ocidente,
Cesárea ou Cristianíssima chamada
(Vede-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a vitória já passada,
Na qual vos deu por armas e deixou
As que Ele pera si na Cruz tomou);

8

Vós, poderoso Rei, cujo alto Império
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro,
Vê-o também no meio do Hemisfério,
E quando desce o deixa derradeiro;
Vós, que esperamos jugo e vitupério
Do torpe Ismaelita cavaleiro,
Do Turco Oriental e do Gentio
Que inda bebe o licor do santo rio,

9

Inclinei por um pouco a majestade
Que nesse tenro gesto vos contemplo
Que já se mostra qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno templo;
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão: vereis um novo exemplo
De amor dos pátrios feitos valorosos,
Em versos divulgado numerosos.

10

Vereis amor da pátria, não movido
De prêmio vil, mas alto e quase eterno;

Que não é prêmio vil ser conhecido
 Por um pregão do ninho meu paterno.
 Ouvi: vereis o nome engrandecido
 Daqueles de quem sois senhor superno,
 E julgareis qual é mais excelente,
 Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

11

Ouvi, que não vereis com vãs façanhas,
 Fantásticas, fingidas, mentirosas,
 Louvar os vossos, como nas estranhas
 Musas, de engrandecer-se desejosas:
 As verdadeiras vossas são tamanhas
 Que excedem as sonhadas, fabulosas,
 Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro
 E Orlando, inda que fora verdadeiro.

12

Por estes vos darei um Nuno fero,
 Que fez ao Rei e ao Reino tal serviço,
 Um Egas e um Dom Fuas, que de Homero
 A cítara par'eles só cobiço;
 Pois polos Doze Pares dar-vos quero
 Os Doze de Inglaterra e o seu Magriço;
 Dou-vos também aquele ilustre Gama,
 Que para si de Enéias toma a fama.

13

Pois se a troco de Carlos, Rei de França,
 Ou de César, quereis igual memória:
 Vede o primeiro Afonso, cuja lança
 Escura faz qualquer estranha glória;
 E aquele que a seu Reino a segurança
 Deixou, com a grande e próspera vitória;
 Outro Joane, invicto cavaleiro;
 O quarto e quinto Afonsos e o terceiro.

14

Nem deixarão meus versos esquecidos
 Aqueles que nos Reinos lá da Aurora
 Se fizeram por armas tão subidos,
 Vossa bandeira sempre vencedora:
 Um Pacheco fortíssimo e os temidos
 Almeidas, por quem sempre o Tejo chora,
 Albuquerque terrível, Castro forte,
 E outros em quem poder não teve a morte.

15

E, enquanto eu estes canto — e a vós não posso,
 Sublime Rei, que não me atrevo a tanto — ,
 Tomai as rédeas vós do Reino vosso:
 Dareis matéria a nunca ouvido canto.
 Comecem a sentir o peso grosso
 (Que pela mundo todo faça espanto)

De exércitos e feitos singulares,
De África as terras e do Oriente os mares.

16

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê seu exício afigurado;
Só com vos ver, o bárbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado;
Tétis todo o cerúleo senhorio
Tem pera vós por dote aparelhado,
Que, afeiçoada ao gesto belo e tento,
Deseja de comprar-vos pera genro.

17

Em vós se vêm, da Olímpica morada,
Dos dous avós as almas cá famosas;
ua, na paz angélica dourada,
Outra, pelas batalhas sanguinosas.
Em vós esperam ver-se renovada
Sua memória e obras valorosos;
E lá vos têm lugar, no fim da idade,
No templo da suprema Eternidade.

18

Mas, enquanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejam,
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Pera que estes meus versos vossos sejam,
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas, por que vejam
Que são vistos de vós no mar irado,
E costumai-vos já a ser invocado.

CARTA PUBLICADA EM JORNAL DA ÉPOCA – ACONTECIMENTOS NA PEDRA BONITA, EM PERNAMBUCO

Prefeitura da Comarca de Flores.

- Illm. E Exm. Sr. – Pela vez primeira, que me dirijo a V. Exc., participando e estado desta comarca,

que apesar de se chamar tranquila, todavia, tenho de levar ao conhecimento de V. Exc., o caso mais extraordinário, mais terrível, cruel, nunca visto, e quase incapaz de acreditar-se, e eu deixaria de noticiar hum semelhante acontecimento, se não fosse obrigado pelo dever, que me impõe o Emprego que por V. Exc., me foi confiado, talvez por desconhecer a incapacidade do meu critério. Permitta-me V. Exc., que por hum pouco vá analisando os factos, e prejuízos, taes e quaes tiveram lugar n'esta Comarca nas imediações de Piancó. A mais de dois anos, Exm. Sr., que hum home de nome João Antonio, morador do sitio Pedra Bonita, distante d'esta Villa vinte e duas léguas (lugar este composto de bosques, junto aos quais se achão dois penedos acroceraneos), se lembrasse apresentar huma sizania aos povos, dizendo, que n'aquelle lugar existia hum Reino encantado, e que estava a desencantar-se, em cuja occasião apparecia El Rei D. Sebastião, com hum grande exzercito, ricamente adornado, e que todos, que o seguissem seriam felizes, e foi lidando n'esta seita, thé que em dias do mez de Novembro do anno próximo passado, aconselhado pelo Missionario Francisco José Correia de Albuquerque, fizesse huma viagem para o sertão do Inhamun, n'onde mandou hum seu enviado de nome José Ferreira, homem hostil, péssimo, e esquisito, de sorte, que este lobo assim chegado no lugar Pedra Bonita, e aclamando-se Rei, tratou de trazer os povos rústicos sugeitos a bumás ideias surpersticiosas, dizendo-lhes, que para restauração do Reino tornava-se necessário, que fossem imoladas as victimas, de homens, mulheres, e meninos; e em breves dias ressuscitarão todos, e que ficarão immortaes, sendo estes sacrificios uteis para regar o campo encantado com sangue humano, e dos innocentes, depois do que apparecerião as maiores riquezas do Mundo, e que todos os pardos dos lugar ficarão mais alvos do que a própria lua; de maneira, que assim pôde reduzir os povos ignorantes as suas falsas declamações, e péssima doutrina, e conseguiu, que alguns Pais entregassem seus filhos ao cutelo do sanguinario Tigre; e no dia 14 do corrente deo principio as suas bestialidades, assassinando thé o dia Quarta Feira 16 d'este mesmo mez, vinte e hum

adultos, e vinte e hum parvulos de ambos os sexos, e casando cada homem com duas o tres mulheres, sendo este contracto feito pelo mesmo idolatra, com superstições próprias de sua imoral conducta, porem o seu resultado foi tristíssimo; porque Pedro Antonio, irmão do primeiro inventor João Antonio, já intolerante dos desatinos de semelhante camfrás, ou talvez ambicioso de o substituir no Reinado, determinou-se a assassina-lo, como o fez no dia Quinta Feira 17, dia em que correndo hum do maradores do lugar, fez aviso ao comissário Manuel Pereira da Silva, e este immediatamente fez reunir uma força composta de vinte seis Guardas Nacionaes, e paisanos, e seguindo ao dia Sexta Feira 18 do supracitado mez, do seu sitio Belem, distante do dito lugar da desordem oito légoas, e já perto, encontramos a Pedro Antonio assassínio do Barbaro João Ferreira, coroado com huma coroa de sipó, tomada ao seu antecessor, acompanhado de hum grupo de homens, e mulheres, que gritavaõ em altas vozes, cheguem, que os não tememos, e ajudaõ-nos as tropas de nosso Reino e com taes [...] principiaraõ a brigar, e os desordeiros poderaõ logo (a cacetes e espadas com que brigavaõ) matar sinco homens da tropa, e ferirem a quatro, entre as quaes mortos, foraõ os Cidadãos Alexandre Ferreira da Silva, e Cypriano Pereira, irmãos do comissário (perda esta sensível), mas, Exm. Sr., de balde foi o plano dos desordeiros, que sendo fortemente atacados, poderaõ em hum instante, vinte e nove pessoas, inclusive tres mulheres, além dos feridos, que pelos matos corraõ, sendo prisioneiros tres homens, nove mulheres, e doze meninos. Nota V. Exc.; que n'aquelle dia 18 as quatro horas da tarde, foi que me chegou a noticia das primeiras desordens, não por parte Official do Comissario, mas sim por huma carta particular de pessoa de crédito, a vista da qual a toda pressa reuni quarenta homens, e logo marchei á frente d'elles para prender os desordeiros, mas foraõ malogrados os meus passos; porque chegando perto da Pedra Bonita, já tudo estava destruído, como acima levo dito, Exm. Sr., esta minha asserção, não foi só baseada na parte do comissário, mas sim na confissão conteste, que fazem todos os presos, e mesmo as crianças de sinco a doze anos, de maneira, que parecendo o caso dum sonho, todavia he real, pelas rasões, que pondero a V. Exc. Os presos de que faço menção, faraõ pela minha tropa conduzidos para a cadeia d'esta villa, e d'elles fiz entrega ao Juiz Criminal, com parte, para conhecer summanariamente, e doze meninos, entreguei ao juiz do cível para os mandar distribuir por pessoas que os possaõ educar, thé que V. Exc. Providencie a respeito.

Deus guarde V. Exc. Prefeitura da Comarca de Flores 25 de Maio de 1838 – Illm. E Exm. Sr. Francisco do Rego Barros, presidente da Província de Pernambuco, - Francisco Barbosa Nogueira Paz.

(Carta publicada no Diario de Pernambuco, no ano de 1838, num sábado, dia16 de junho).